

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

GABRIELA GONÇALVES RIBEIRO

**VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A
PRODUÇÃO E EFEITOS DE SENTIDO DAS PALAVRAS EM
TEMPOS DE EMERGÊNCIA SANITÁRIA.**

Santa Maria, RS
2024

Gabriela Gonçalves Ribeiro

**VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: UMA
PROPOSTA DE ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A PRODUÇÃO E
EFEITOS DE SENTIDO DAS PALAVRAS EM TEMPOS DE EMERGÊNCIA
SANITÁRIA.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Letras**.

Orientadora: Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira

Santa Maria, RS
2024

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Ribeiro, Gabriela Gonçalves
Vocabulário da pandemia do novo coronavírus: uma proposta de análise discursiva sobre a produção e efeitos de sentido das palavras em tempos de emergência sanitária. / Gabriela Gonçalves Ribeiro.- 2024.
127 p.; 30 cm

Orientadora: Verli Petri Fátima da Silveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2024

1. Análise de Discurso 2. História das Ideias Linguísticas 3. Vocabulário 4. Dicionário 5. Pandemia I. Petri Fátima da Silveira, Verli II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, GABRIELA GONÇALVES RIBEIRO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Gabriela Gonçalves Ribeiro

VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A PRODUÇÃO E EFEITOS DE SENTIDO DAS PALAVRAS EM TEMPOS DE EMERGÊNCIA SANITÁRIA.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Letras**.

Aprovado em 19 de fevereiro de 2024:

Verli Fátima Petri da Silveira, Dra. (UFSM)
Presidente/Orientadora

Dr. Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)

Dr. Eliana Sturza (UFSM)

Santa Maria, RS
2024

RESUMO

VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A PRODUÇÃO E EFEITOS DE SENTIDO DAS PALAVRAS EM TEMPOS DE EMERGÊNCIA SANITÁRIA.

AUTORA: Gabriela Gonçalves Ribeiro
ORIENTADORA: Verli Fátima Petri da Silveira

O **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** foi desenvolvido por 26 pesquisadores de diversas instituições, unidos com o propósito da construção de verbetes pandêmicos que registrassem as palavras que mais circularam na mídia durante o período de 2020 a 2023. Esse trabalho colaborativo, fundamentado na autoria compartilhada (BIAZUS, 2015) e inspirado no conceito de partilha do sensível vindo de Rancière (2005), visa levar informações de qualidade para além dos portões da universidade, registrando a transformação das palavras, de que modo elas foram mobilizadas, assim impedindo que sejam esquecidas. Com base nisso, a presente dissertação, se dispõe a investigar os efeitos e a produção de sentidos em alguns pares de verbetes do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, comparando-os com outros instrumentos linguísticos. Para tanto, mobilizaremos o aparato teórico e metodológico da Análise de Discurso de linha francesa em suas relações com a História das Ideias Linguísticas. Os pares analisados são “desigualdade – medo”, “perspectiva – narrativa”, “genocídio e pandemia” e “hospital de campanha – resistência”. Os verbetes selecionados nos mostram os movimentos de sentidos entre a paráfrase e a polissemia, entre o mesmo e diferente que as condições de produção pandêmicas proporcionaram. Os pares de palavras construídos por nós, estabelecem relações de sentido entre si no interior do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, seus sentidos estão em contato, seja por meio de uma palavra, ou da definição posta no **Vocabulário**. Constatamos que as condições de produção de emergência sanitária tornaram possíveis outros sentidos, introduzindo o novo e estabelecendo mais um elo na construção da memória discursiva que sinaliza o que é e, logo mais, o que foi a pandemia que vivemos.

Palavras-chave: Vocabulário; Dicionário; covid-19; pandemia; História das Ideias Linguísticas; Análise de Discurso.

ABSTRACT

The **Vocabulary of the new coronavirus pandemic** was developed by 26 researchers from different institutions, united with the purpose of creating pandemic entries that recorded the words that most circulated in the media during the period from 2020 to 2023. This collaborative work, based on shared authorship (BIAZUS, 2015) and inspired by the concept of sharing the sensitive coming from Rancière (2005), it aims to take quality information beyond the university's concealment, preserving the meanings of words and preventing them from being forgotten. Based on this, this dissertation presents the investigation of the effects and production of meaning in some pairs of entries in the **Vocabulary of the new coronavirus pandemic**, comparing them with other linguistic instruments. To this end, we will mobilize the theoretical and methodological apparatus of French Discourse Analysis in its relations with the History of Linguistic Ideas. The pairs analyzed are “inequality – fear”, “perspective – narrative”, “genocide and pandemic” and “field hospital – resistance”. The selected entries show us the movements of meaning between paraphrase and polysemy, between the same and different that the pandemic production conditions provided. The pairs of words were constructed by us, they establish relationships of meaning with each other within the **Vocabulary of the new coronavirus pandemic**, their meanings are in contact, whether through a word or the definition presented in the vocabulary. We found that the conditions of production of the health emergency brought possible other meanings, introducing the new and establishing yet another link in the construction of the discursive memory that signals what the pandemic we are experiencing is and, soon, what it was.

Keywords: Vocabulary; Dictionary; COVID-19; Pandemic; History of Linguistic Ideas; Discourse Analysis.

FIGURAS

Figura 1 – Lançamento do “Livreto Vivências: construindo sentidos na Escola Paulo Freire” no miniauditório do PPGL, na UFSM.....	26
Figura 2- Foto do lançamento, no dia 4 de maio de 2023, na 50ª Feira do Livro de Santa Maria.....	28
Figura 3 – Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	34
Figura 4 – Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	53
Figura 5 – Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	59
Figura 6 - Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	68
Figura 7 - Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	75
Figura 8 - Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	83
Figura 9 - Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	91
Figura 10 - Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	100
Figura 11 - Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.....	111

Sumário

Prólogo: uma imersão aos mares tempestuosos da pandemia	12
CAPÍTULO I: Navegando pelos mares tempestuosos da pandemia	16
1.1 Considerações introdutórias: o que é preciso para navegar.....	16
1.2 Um histórico das pandemias ao longo dos séculos	18
1.3 O alívio em meio ao mar violento: a construção do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus	22
1.4 Diante da maresia, surge um escape: uma apresentação do tema	28
CAPÍTULO II: A construção de um grande navio	31
2.1 Nossas perspectivas teóricas	31
2.2 A elaboração do dispositivo teórico-analítico que nos guiará pelo oceano	37
CAPÍTULO III: PRIMEIROS INVESTIMENTOS EM ANÁLISES	43
3.1 A produção e os efeitos de sentido.....	43
3.2 Os detalhes de um navio e suas diversas vergas: porque “Vocabulário” e não “Dicionário”.....	46
CAPITULO IV: Entrando em uma jornada de análise: os ventos que guiam a maré....	48
4.1 O verbete “desigualdade”: entre a proa e a popa do navio	49
4.2 O verbete “medo” e suas nuances azuis na maresia	58
4.3 Quando o canto das baleias se entrelaçam.....	64
4.4 O verbete “perspectiva”: uma determinada visão do navio.	64
4.5 O verbete “narrativa”: o que dizem sobre esse navio?.....	71
CAPITULO V - Entre o que visão que temos do navio, e o que falam sobre ele.	79
5.1 O verbete “genocídio”: quando o movimento das ondas colapsa o navio.	80
5.2 O verbete “pandemia”: a tempestade que bagunçou nossas vidas.....	88
5.3 Quando a tempestade ceifa vidas: entre a pandemia e o genocídio.	95
5.4 O verbete “hospital de campanha”: o valor da união.....	98
5.5 O verbete “resistência”: indo contra a maré.....	104
5.5.1 Os verbetes “hospital de campanha” e “resistência”: quando os marujos entram em combate.....	114
CAPITULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
DICIONÁRIOS CONSULTADOS	127

*“A sua família precisa de você,
lado a lado se ganhar, pra te apoiar
se perder.” (Racionais MCs, A vida é
desafio)”.*

*À minha mãe, Rosicler e in
memorian à meu pai, Luiz Carlos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Verli Petri pela paciência, pelo incentivo, pelo cuidado e pela atenção dada à essa dissertação.

Agradeço ao PALLIND, pelas oportunidades únicas de aprendizado, de reflexão, e principalmente pelas discussões que cada encontro proporciona.

Agradeço aos professores que aceitaram o convite para compor a banca, e se dedicaram à uma leitura minuciosa da presente dissertação, Professora Eliana Sturza, Professora Maria Cleci Venturini e Professor José Carlos Moreira.

Agradeço aos professores do curso de mestrado, pelos aprendizados imprescindíveis.

Agradeço à CAPES, por ter concedido a bolsa com a duração de dois anos, que foi imprescindível para a realização dessa pesquisa.

Agradeço à Fidah pela revisão da presente dissertação e também por ter me feito pensar no quanto era importante voltar aos caminhos da pesquisa, mesmo durante a pandemia.

Agradeço aos meus amigos Mariana, Douglas, Anemarg, que foram meu apoio emocional nos momentos em que precisei, e me incentivaram a nunca sequer pensar em desistir.

Agradeço à Ariela pela compreensão, pelo incentivo diário, por estar ao meu lado e me dar força.

Agradeço à minha família, minha mãe, que é minha rocha, meu porto seguro. À minha irmã, Carla, e ao Volnei por todo o suporte. À Maria Eduarda e o Luis Davi, que são, e sempre serão luz no meu caminho.

Prólogo: uma imersão aos mares tempestuosos da pandemia

Quando a pandemia teve início, muitos se sentiram perdidos, sem rumo, experienciando algo que já era antigo para a humanidade, mas ainda muito novo para nós. Em sua maioria, estávamos passando a primeira pandemia de nossas vidas. Não há como negar que, naquele momento, era preciso buscar força e ir atrás daquilo que não nos fizesse parar. Particularmente, senti-me como Ismael, personagem de **Moby Dick**:

Faz alguns anos – não importa exatamente quantos – , tendo pouco ou nenhum dinheiro no bolso e nada em particular que me interessasse em terra, quis navegar um pouco e ver a parte líquida do mundo. É meu jeito de expulsar os maus humores e regular a circulação. Sempre que me pego com a boca crispada; sempre que em minha alma faz um novembro úmido e chuvoso; sempre que me vejo involuntariamente parando diante de lojas de caixões e seguindo todo o cortejo fúnebre com que me deparo; e em especial a melancolia toma conta de mim a ponto de ser preciso um forte princípio moral para me impedir de ir deliberadamente à rua e de maneira metódica sair arranjando encrenca à toa...quando isso acontece, creio ser a hora de ir ao mar o quanto antes. (MELVILLE, 2022,p.37)

O mar, para Ismael, era o alívio, e assim foi para nós pesquisadores que nos vimos do dia para a noite longe das salas de aula, de nossos colegas, de nossos familiares, do convívio em sociedade. É triste lembrar de como tudo se iniciou, mas é necessário traçar a história que nos trouxe até aqui, valorizar até mesmo a memória dos que não podem hoje voltar (ou tentar) à normalidade em que vivíamos antes de março de 2020. Para contarmos essa história, precisamos embarcar em “nosso navio Pequod¹”, e navegar pelo mar revolto para destrinchar um trabalho coletivo que não foi nada fácil, mas para nós, foi como o mar para Ismael, o nosso modo de expulsar os maus humores e evitar a boca crispada.

Há muito tempo que nos perguntamos: o que temos feito pelo social, nós, os analistas de discurso no e do Brasil? Em tempos de pandemia, isso se tornou ainda mais forte em nós. No Brasil, sobreviver tem sido um desafio, seguir trabalhando foi um modo de resistência. Ainda que à distância, fisicamente falando, buscamos força na coletividade dos grupos de estudo (PETRI, 2021, p. 21).

Petri (2021) nos apresenta essa questão importantíssima que guia nosso trabalho como grupo, levando-nos a achar um modo de resistir, um modo de seguir

¹ Pequod: Navio baleeiro no qual embarca Ismael, Queeqag e o capitão Ahab.

e ainda cientificamente contribuir para os estudos relacionados à pandemia no Brasil. O ponto de partida para o presente trabalho surgiu em 2021, quando a pandemia estava em meio a uma nova onda de mortes diárias, seguidas por incontáveis notícias sobre hospitais superlotados, incapazes de oferecer as condições mínimas para tratar os contaminados pelo coronavírus. Nesse período, juntamente com os colegas do grupo PALLIND², como um modo de resistir a esses dias tão difíceis, nos foi apresentado, pela Prof^a.Verli Petri, a ideia da construção do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**³ (o “**Vocabulário**”), espaço de produção autoral no qual os pesquisadores desenvolveram de forma compartilhada sugestões de definição para palavras em circulação durante o período pandêmico.

Mas, por que os capítulos desta dissertação, bem como alguns subtítulos se relacionam com metáforas do mar, oceano e tempestades? A explicação reside em nossa fonte de inspiração, um clássico da Literatura Inglesa, **Moby Dick** de Herman Melville, citado no início desse capítulo. O enredo de **Moby Dick** gira em torno da narrativa iniciada por Ismael, um marujo que busca embarcar em um navio chamado Pequod. Antes mesmo desse embarque acontecer, ele conhece um nativo aborígene chamado Queeqag, que se torna seu melhor amigo.

O objetivo do navio era a caça de baleias, principalmente, de uma baleia branca que havia arrancado a perna do capitão chamado Ahab. Ao longo da jornada, a embarcação enfrentou diversas intempéries, resultando em várias vidas perdidas. Nada além de matar Moby Dick, era importante para o capitão Ahab. Essa história que percorreu séculos, levanta a questão: como ela se relaciona com a pandemia que vivemos nos últimos três anos? Pensemos então no tema central do romance, a obsessão humana contra a natureza, personificada pela baleia Moby Dick. Ao mesmo tempo, temos o narrador Ismael, que por agir de forma moderada,

² PALLIND - O Grupo de Estudos PALLIND - Palavra, Língua, Discurso foi fundado em março de 2018.

³ O **Vocabulário** sobre a pandemia do novo coronavírus apresenta palavras, no formato de verbetes, com sugestões de definições que têm circulado em veículos da imprensa nacional escrita no espaço digital, desde 2020. Trata-se de um **Vocabulário** temático e digital em linguagem coloquial, disponibilizado no site da UFSM, em colaboração com o Observatório de Informações em Saúde. O trabalho tem sido desenvolvido desde março de 2021, como parte integrante de um projeto de pesquisa maior subsidiado pelo CNPq. A proposta de divulgação científica foi acolhida por um grupo de trabalho que envolve 26 pesquisadores vinculados a 10 diferentes instituições de ensino superior brasileiras. A construção dos verbetes pressupõe a autoria “compartilhada” (BIAZUS, 2019), inspirados pela “partilha do sensível”, tal como nos propõe Jacques Rancière (2005). Não há pretensões de completude ou totalidade; trata-se de um trabalho colaborativo, sustentado teoricamente pelos pressupostos da Análise de Discurso Pecheuxiana em suas relações com a História das Ideias Linguísticas, visando à divulgação da nossa produção científica e o livre acesso à informação segura e de qualidade. O vocabulário pode ser acessado em: <<https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>>

compreende que não há como lutar contra a natureza sendo parte dela, o que sobra é somente buscar uma maneira de conviver. Durante a pandemia, muitas pessoas desafiaram as diretrizes recomendadas, reunindo-se em situações de aglomeração, algumas vezes de forma intencional. Outros por acreditar na desinformação, enquanto alguns o faziam por medo do que as tempestades desse mar revolto e a falta de dinheiro poderiam causar em suas famílias. Abordar um desafio tão amplo como uma pandemia resultará em perdas, mas podemos trabalhar para evitar que isso se torne uma tragédia generalizada, combatendo a ganância, o ódio e a arrogância que podem ser comparados a um 'capitão' desorientado.

Luiz Rufatto, responsável pelo prefácio da obra que consultamos, republicada pela editora Antofágica em 2022, destaca um dos ensinamentos que a obra nos deixa: “O real tornara-se simbólico, o eterno embate entre o ser humano e a natureza” (RUFATTO, 2022). Este ensino ressoa com a questão da pandemia: mais um embate entre ser humano e natureza se apresenta e, assim como na ficção, se instala para sempre nas páginas da história de nosso mundo.

Referindo-se à figura do capitão Ahab, Rufatto (2022, p. 17) comenta sobre “a obsessão egoísta do capitão Ahab pela captura da baleia branca, para o geral é um grupo de homens cegos pelo fascínio de uma liderança carismática, conduzidos inexoravelmente para a destruição final”. No Brasil, também experimentamos uma liderança carismática que guiou as massas imersas na pandemia para um grande fracasso, produzindo uma gigantesca devastação.

Logo, não era possível ficar de braços cruzados diante de um momento histórico tão complexo em nossa sociedade, principalmente diante do que presenciamos em nosso país, o Brasil. Além de tantas outras dificuldades, o país se viu em meio a uma guerra contra o vírus invisível que atacou a população em geral, produzindo mais vítimas nos grupos de maior vulnerabilidade social. O resultado desses anos de pandemia é refletido no acumulado de 37.319.254 casos de contaminação pelo novo coronavírus, e mais de 700 mil óbitos, de acordo com informações atualizadas até abril de 2023, disponíveis no site mantido pelo governo brasileiro⁴, três anos após o início da pandemia.

Por esses motivos, retomamos os ditos de Petri (2021) dessa seção, para dizer que era preciso fazer algo pelo social, para sobreviver a esse desafio e manter

⁴ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 19 de abril de 2023.

unidos, mesmo à distância, todos os estudiosos com os quais tivemos contato, a maneira encontrada para colocar tudo isso em prática, foi a construção do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. A seleção do **Vocabulário** como corpus de pesquisa se deu pela imensa importância de contribuir para os estudos da AD em relação à pandemia, uma vez que os pesquisadores têm um papel social perante a sociedade que vivemos, um compromisso com a verdade e a informação que atinja não somente o que abrange os muros das universidades, mas venha a beneficiar todas as pessoas que estão além desse meio.

CAPÍTULO I: Navegando pelos mares tempestuosos da pandemia

No primeiro capítulo da presente dissertação, buscamos apresentar nossas questões introdutórias, passando por uma trajetória que nos levou até os tempos pandêmicos. Abordaremos uma questão histórica das pandemias mundiais ao longo dos anos, examinando as consequências desses eventos históricos, bem como a construção do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**.

1.1 Considerações introdutórias: o que é preciso para navegar.

O principal desses motivos foi a ideia prodigiosa da imensa baleia em si. Um monstro portentoso e misterioso como esse excitava a minha toda a minha curiosidade. E havia ainda os inóspitos e distantes mares onde ele deslizava seu volume insular; os inevitáveis e inefáveis perigos da baleia; tudo isso, somado às mil maravilhas visuais e sonoras da Patagônia, ajudou a me impelir rumo ao meu desejo. (MELVILLE, 2022,p. 43)

Para introduzir essa dissertação, gostaria de trazer à baila um trecho de **Moby Dick**, que, ao lê-lo, desenho imaginariamente lembranças da minha vontade de cursar Letras. A curiosidade do desconhecido, os perigos do que me esperavam, a ansiedade para o aprendizado, os novos amigos, as novas perspectivas de vida e também teóricas. E apesar de tudo isso, não pensei que fosse chegar a esse local de prestígio: a Universidade. Mas cheguei, em 2016, lá estava eu, ingressando no curso de Letras Bacharelado – Português e suas respectivas literaturas, a primeira vitória de muitas outras que iam se seguir anos adiante, como o Ismael, narrador de **Moby Dick**, que descobre as maravilhas da Patagônia, descobri as aventuras no mundo das Letras.

Na primeira semana de aula, na disciplina de Linguística I, que estava sendo ministrada pela Prof^a Dr^a Verli Petri, duas coisas que mudariam meu futuro aconteceram: a primeira, foi quando a professora tocou no nome de Michel Pêcheux dissertando um pouco sobre a Análise de Discurso (a “AD”), em um intervalo, e a segunda, uma visita das integrantes do PET Letras. Naquele momento percebi: queria aprender sobre Análise de Discurso e queria fazer parte do PET Letras. Esses dois fatores me ensinaram tantas coisas boas, que eu seria incapaz de citar todas, mas dentre elas, a mais importante foi a responsabilidade.

Durante os quatro anos de curso, minha formação concentrou-se nos projetos desenvolvidos com o PET Letras e na pesquisa que desenvolvia com a Prof^a Dr^a Verli Petri, que naquela época era intitulada “Uma análise discursiva da questão migratória e sua relação com a ideologia de um regime ditatorial”, financiada pela bolsa PET Letras/MEC. E esse início foi o que me fez ter certeza do que gostaria de estudar, ainda que eu tenha investido em outras áreas, a AD sempre foi o que me fazia ter prazer em aprender, portanto o que me levou ao PALLIND e, conseqüentemente, à pós-graduação e ao projeto **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**.

Como membro do PALLIND, estive junto com os colegas na construção do **Vocabulário**. Desde a primeira reunião em que essa ideia foi citada, eu soube que meu trabalho de pesquisa estaria centrado nela. Como pesquisadora, fui profundamente tocada pela relevância do que estávamos prestes a realizar, e foi assim que tudo o que surgiu: a necessidade de estruturar minhas reflexões sobre o projeto. Os incentivos eram constantes, os colegas de grupo sempre levantavam questões muito interessantes que evoluíam para discussões teóricas que se misturavam com o desabafo diante da crise pandêmica que nos assolava.

Aos poucos, o projeto de mestrado, que se tornaria a dissertação, passou a se delinear, a ideia de trabalhar com pares de palavras contidas no **Vocabulário** surgiu como uma abordagem para investigar como as condições de produção poderiam romper ou dar continuidade a determinados sentidos. Para guiar a leitura do que delineamos nesse texto, se faz pertinente uma breve apresentação dos capítulos.

Este texto está dividido em três capítulos para que seja possível a compreensão. No primeiro capítulo, intitulado “**Os mares tempestuosos da pandemia**” apresentaremos uma introdução que servirá como um percurso para contextualizar nosso estudo. Traçaremos uma linha do tempo, abordando sobre outras pandemias e epidemias ao longo dos anos, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre essas especificidades. Além disso, faremos a apresentação do tema de nossa pesquisa, buscando destrinchar nossa escolha através dos conceitos da AD e daquilo que nos propomos a fazer, contando a história da construção do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**.

No segundo capítulo “**A construção de um grande navio**”, exploramos nossas perspectivas teóricas, apresentando os conceitos que trabalhamos em nossa

análise e a elaboração do nosso dispositivo teórico-analítico, envolvendo os autores fundamentais que embasam nossas reflexões teóricas, como Pêcheux, Orlandi e Petri.

O terceiro capítulo intitulado “**Quando o navio parte: a análise**” marca o início do desenvolvimento da análise dos pares de verbetes. Abordamos a questão dos efeitos e da produção de sentidos e do que conseguimos encontrar com nossa aventura pelos mares da AD. Este capítulo representa o ponto de partida para uma jornada de desenvolvimento ainda mais ampla, expandindo os horizontes daquilo que nos propusemos.

1.2 Um histórico das pandemias ao longo dos séculos

A pandemia tem produzido muitos sentidos. Dentre eles, são recorrentes a revolta, a angústia, a ansiedade e o medo. Mas a espera talvez seja o sentido mais evocado; a espera de um amanhã incerto. Por isso, formulações como “quando a pandemia acabar” ou “depois da pandemia”, tem sido comuns em conversas triviais, em temas de eventos ou em textos mais elaborados, publicados em sites ou jornais (DIAS, 2021, p. 152).

Como nos ensina Dias (2022), a pandemia do novo coronavírus produziu muitos sentidos, deixando-nos à espera do retorno de uma suposta “normalidade” que talvez nunca tenha voltado. Quando a pandemia de covid-19 tomou todos de surpresa, outras pandemias históricas foram retomadas, mostrando que o coronavírus não foi o primeiro agente de uma pandemia global. Por isso, é importante refazer esse trajeto, ainda que de forma breve sobre outras pandemias que marcaram a história da humanidade, ainda que a Organização Mundial da Saúde (“**OMS**”) tenha declarado o fim da pandemia no dia 8 de maio de 2023⁵.

De acordo com Souza (2022), a primeira pandemia ocorreu ainda antes de Cristo, na cidade de Atenas, resultando na morte de um terço da população da época. Isso resalta que as pandemias não são um problema recente, e é necessário observar esse panorama antes de seguirmos para a especificidade do nosso estudo, os modos de discursivização da pandemia do novo coronavírus.

Num período que abrange os anos 165 a 180 dC, uma pandemia conhecida como peste antonina assolou a Selêucia, na Síria. Segundo Becker (2020), os

⁵Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/05/08/decretado-fim-da-emergencia-sanitaria-global-de-covid-19> Acesso em: 12 de julho de 2023.

sintomas, como erupções cutâneas, úlceras, tosse e diarreia, resultaram na morte de um terço da população da cidade. Becker (2020) sugere que a origem dessa pandemia teria sido a varíola, devido à notável proximidade dos sintomas apresentados. Já em 541 dC ocorreu o surgimento da peste justiniana, causada por uma zoonose transmitida pela picada de pulga. Essa peste provocava sintomas como pústulas, bubões, febre, delírios e vômito com sangue (SOUZA, 2022).

Após esses eventos históricos, a praga cipriana, que também foi bastante reconhecida em sua época, surgiu no Egito e posteriormente atingiu Itália, Grécia e algumas partes da África. Segundo Souza (2022), os sintomas dessa doença incluíam calor interno no corpo, dor intensa no peito, hiperemia, vômitos constantes e até mesmo gangrena nos pés. Essa pandemia ocorreu em um momento delicado para o império romano que enfrentava algumas dificuldades relativas a sua moeda, e aos ataques de povos Bárbaros que se aproveitaram de tal fraqueza. Estima-se que o número de mortes tenha chegado até 5 mil pessoas por dia na cidade de Roma, enfraquecendo ainda mais o império na época.

Em 735 dC, houve o que é conhecido como a era da “varíola japonesa” (HERNÁNDEZ-MESA *et al*, 2020), que surgiu juntamente com o aumento das relações japonesas com o restante do mundo, levando a morte entre 25 a 35% da população adulta, afetando a todos os níveis da sociedade, até mesmo os nobres da época. A gravidade da doença fez o país investir em esforços para conter a mortalidade e os danos causados, resultando em uma maior autonomia na área da saúde.

Anos mais tarde, em 1348 surge a pandemia que matou milhões de pessoas e é uma das mais conhecidas até hoje devido à sua alta letalidade, a peste negra, que pode ser chamada também de peste bubônica. O grande causador da doença era a bactéria chamada *Yersinia Pestis*, que estava presente nas pulgas que atacavam roedores, todavia com o passar do tempo a peste passou a se espalhar também através de espirros e qualquer material que pudesse estar contaminado. Entre os sintomas causados pela contaminação estavam febre alta, dores na cabeça e no corpo, vômitos, bubões e necrose. Foi nessa época que o termo “quarentena” passou a ser utilizado para separar as pessoas enfermas das que se mantinham saudáveis (HERNÁNDEZ-MESA *et al*, 2020).

Após o terror deixado pela peste negra, durante os séculos XIX e XX, uma cólera se espalhou pelo mundo, causando grandes surtos da doença principalmente

na Ásia (SOUZA *et al*, 2022). A cólera pode atingir o organismo humano por meio de infecções assintomáticas ou em casos que causavam diarreia grave, dores abdominais que podiam levar à desidratação.

Outra pandemia muito lembrada até os dias atuais é a gripe espanhola, que ocorreu em 1918. Essa doença afetou um terço da população mundial e levou a morte 2,5% dos contaminados (SOUZA *et al*, 2022). Causada pelo vírus influenza, de origem aviária, a gripe espanhola causava sintomas que variavam desde a congestão nasal até complicações mais graves como cianose, dispneia, fadiga extrema e febre alta que poderia levar a uma síndrome respiratória aguda grave.

De acordo com Hernández-Mesa *et al*(2020), a gripe espanhola foi extremamente letal, e não há consenso sobre o número de mortos, que pode variar de 50 milhões até 100 milhões. A epidemia se originou da mutação do vírus entre animais e soldados americanos que, naquela época, se preparavam para a Primeira Guerra Mundial. Foi assim que a doença chegou até a Europa e se dissipou para os demais continentes.

Posteriormente, houve o surgimento do que ficou conhecida como a pandemia da gripe asiática (H2N2), ou gripe aviária que ocorreu entre os anos de 1957 e 1958. O vírus surgiu na China e vitimou cerca de quatro milhões de pessoas ao redor do mundo, afetando quase 50% da população com sintomas como febre, dores e fraqueza.

No final de 2002, o mundo foi apresentado ao vírus Sars-Cov, o coronavírus, conhecido como “Síndrome respiratória aguda grave”, que se espalhou rapidamente após seu surgimento na China. Até janeiro do ano seguinte, o Sars-Cov já havia se disseminado pelo mundo, chegando ao total de oito mil contaminados e mais de 800 vítimas fatais. Acredita-se que o coronavírus adentrou a cadeia alimentar dos humanos por meio dos gatos que ingeriram frutos contaminados pelos morcegos (MADIGAN *et al*, 2016). Vale ressaltar que o Sars-Cov difere do vírus descoberto em 2019, apesar de pertencer à mesma família, é nomeado como Sars-Cov-2, ou seja, o novo coronavírus. A pandemia de covid-19 tem início em Wuhan, na China, com seus primeiros registros ainda em meio a muitos casos de pneumonia na região.

A OMS nomeou o Sars-Cov-2 como covid-19 e declarou uma pandemia mundial ainda em março de 2020, quando o vírus já se espalhava por inúmeros países, causando mortes. Os médicos, no início, tiveram dificuldades em conter a evolução da doença, uma vez que se tratava de algo diferente do coronavírus que

surgiu no ano de 2002. A alta taxa de transmissibilidade fez com que a contaminação ao redor do mundo ocorresse em tempo recorde, causando um esgotamento de recursos para cuidar das pessoas contaminadas que apresentavam sintomas mais graves como a dificuldade respiratória e fortes dores de garganta.

No Brasil, o maior estudo sobre a dispersão do vírus foi realizado por um grupo de pesquisadores sob a coordenação de um cientista brasileiro pertencente a Universidade de Oxford, chamado Darlan Cândido. Segundo Cândido, mais de 15 instituições brasileiras, além das internacionais⁶, participaram desses esforços. Os resultados desse estudo desafiaram a ideia de um único “paciente zero” responsável pela chegada do covid-19 ao país. Em fevereiro de 2020, mais de 100 casos foram introduzidos nos hospitais brasileiros. O grupo de pesquisa, responsável por sequenciar o código genético do Sars-Cov-2, coletou dados de 427 pessoas infectadas para comparar as sequências genômicas, organizando-as de acordo com data e local, reconstruindo os passos do vírus no Brasil.

Mesmo com grandes esforços de profissionais brasileiros para que a covid-19 fosse tratada com o devido cuidado e pesquisa, o Brasil embarcou em uma situação calamitosa de hospitais lotados, pessoas desempregadas e muitas delas, passando a viver em situação de rua ou fome devido às consequências pelo modo com o qual o governo brasileiro lidou (ou deixou de lidar) com a pandemia que se tornava mais calamitosa a cada dia, ainda que essa não fosse a primeira. Muitos pacientes contaminados pelo vírus morreram esperando uma vaga na UTI ou que houvesse oxigênio para diminuir os sintomas causados pela doença, como foi o caso de colapso em Manaus⁷ no mês de fevereiro de 2021. Esse colapso foi abordado até mesmo na CPI da covid, devido ao número de contaminados que acabou vindo a óbito pela negligência do governo, que foi avisado da crise eminente do Sistema Único de Saúde e não mobilizou esforços para evitá-la.

Quando a covid-19 surgiu, as pandemias e epidemias não eram novidades, como mostramos de forma introdutória nesse texto, nem no Brasil e muito menos no restante do mundo, todavia, ninguém estava preparado para a devastação que o novo coronavírus causaria na maioria dos países afetados. A pandemia do novo

⁶Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/> Acesso em: 5 de abril de 2023.

⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/15/covid-em-manaus-sem-oxigenio-pacientes-dependem-de-ventilacao-manual-para-sobreviver-em-manaus.ghtml>> Acesso em: 3 de abril de 2023.

coronavírus foi um momento histórico importante também para a produção de conhecimento, seja ele na área das Ciências Humanas ou na Saúde. E as condições de produção do discurso foram alteradas durante o período pandêmico de covid-19, assim como nas outras pandemias que ocorreram ao longo da história, produzindo e resgatando diferentes sentidos de acordo com a sua época.

1.3 O alívio em meio ao mar violento: a construção do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus

A palavra pandemia tornou-se comum em nosso vocabulário depois que a Organização Mundial de Saúde (OMS) assim classificou a doença causada pelo novo coronavírus, representada pela sigla COVID-19. No Brasil, a pandemia tem nos afetado de distintas formas: para além das dualidades provocadas em nossas relações sociais, vivemos uma situação paradoxal, sobretudo, do papel do Estado para com o sujeito. (PETRI, 2021, p. 10)

Como nos apresenta Petri (2021), a palavra “pandemia” passou a fazer parte do nosso dia a dia assim que a OMS classificou o surto de contaminação do novo coronavírus como sendo uma emergência sanitária. Com o início desse período desafiador, muitas palavras que até então costumavam circular de forma mais específica no meio da saúde começaram a aparecer também nas manchetes de famosos veículos midiáticos, principalmente na internet. Em meio a necessidade de continuar trabalhando e contribuindo positivamente com a sociedade, surgiu a ideia de mapear quais palavras eram recorrentes nas matérias das mídias digitais, para registrar os diferentes sentidos que essas palavras têm, seja no meio acadêmico, nas escolas, e também para além dos portões das instituições de ensino.

Partimos do projeto “A história das palavras e a dicionarização: ditos e não-ditos em tempos de pandemia no Brasil do século XXI” (CNPq-PQ2), coordenado pela Profa. Dra. Verli Petri (UFSM), no qual trabalham 26 pesquisadores interessados em cumprir um papel social mediante a realidade pandêmica vivida desde 2020, buscando registrar a ressignificação dos sentidos das palavras que estão circulando nas mídias jornalísticas digitais com maior frequência nesse período histórico. O **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**⁸ é um trabalho coletivo, compartilhado por todos os pesquisadores que se dedicaram a

⁸Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/#:~:text=O%20Vocabul%C3%A1rio%20sobre%20a%20pandemia,no%20espa%C3%A7o%20digital%2C%20desde%202020> Acesso em: 22 de abril de 2023.

fazê-lo tanto no grupo de estudos PALLIND⁹ como em outros que se juntaram a nós (são 10 instituições)¹⁰, buscando registrar nas sugestões de cada palavra, uma realidade dura à qual fomos expostos devido à gravidade da contaminação pelo covid-19 no Brasil. O trabalho foi finalizado em maio de 2023, nele foram publicados oitenta palavras no site. Já na publicação impressa temos 66 verbetes¹¹ fruto de um árduo trabalho feito pelo grupo em compartilhar as informações encontradas e buscar a melhor maneira de escrever suas sugestões de definição de forma acessível, para que todas as pessoas compreendam e possam passar adiante o conhecimento produzido em um momento tão relevante da nossa história. Conforme a coordenadora do projeto Prof^a Dr^a Verli Petri:

A reflexão que propomos toca de perto os processos de produção de sentidos sobre as palavras e sobre as práticas sociais em um tempo vivido, sofrido, experimentado, como efeito do surrealismo ou do realismo fantástico, do qual temos mais ou menos consciência, mas não conseguimos nos desvencilhar. Historicamente, a ficção tantas vezes simulou realidades e nos expôs a narrativas fantásticas, plenas de dores do mundo, no entanto, nunca nos imaginamos dentro delas, presos a elas por tanto tempo (há quase dois anos). (PETRI, 2021, p. 22)

Conforme destaca Petri (2021), estar vivendo a pandemia e escrever sobre ela causa esse efeito de “narrativa fantástica”, é escrever sobre o tempo presente que ainda está sendo processado por nós, é ver de perto os efeitos de sentidos acontecerem, diante dos nossos olhos, o que nos causa até certa dificuldade de lidar com esse surrealismo. Viver a pandemia e buscar na escrita uma forma de resistência é também expressar o sofrimento que sentimos não apenas como pesquisadores, mas como sujeitos para além da profissão que exercemos.

É necessário destacar a importância de investigar as palavras recorrentes na pandemia, buscando divulgar como a produção de sentidos é afetada pelo momento

⁹O Grupo de Estudos PALLIND - Palavra, Língua, Discurso foi fundado em março de 2018. O grupo é coordenado pela Prof^aVerli Petri, vinculado ao Laboratório Corpus - Programa de Pós-Graduação em Letras/UFSM, Área de Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa Língua, Sujeito e História; e objetiva realizar reuniões periódicas, com os orientandos da coordenadora e demais interessados, para discutir textos em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. No segundo ano do grupo preparava-se o livro “Dicionários em análise: palavra, língua e discurso”, e em 2021 o grupo trabalhou para a publicação da obra “Ditos e não-ditos: discurso da, na e sobre a pandemia”, já no quarto e quinto anos de grupo produzimos e publicamos os verbetes do *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*.

¹⁰ As instituições que participaram do projeto são: UFSM, PUC Minas, UNICENTRO – Paraná, IF-SC, IF-Farroupilha, UFPR, UNOCHAPECÓ, UNIPAMPA, UFFS, UNISC.

¹¹ Disponível em: https://pedroejoaoreditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2023/03/EBOOK_Vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus.pdf Acesso em 4 de julho de 2023.

histórico em que estamos. As palavras, publicadas no site da UFSM, no Observatório de Informações em Saúde¹², têm como objetivo atingir o público em geral, como as escolas e também as pessoas que não convivem no ambiente acadêmico, gerando informações de qualidade e seguras para auxiliar no combate e prevenção ao vírus em nosso país.

Nossa proposta de pesquisa consiste em investigar como se realizam os processos de produção de sentidos constitutivos de verbetes publicados no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**¹³. Tal investigação da produção de efeitos de sentidos em palavras selecionadas poderá contribuir com a produção de conhecimento científico, estabelecendo relações entre o que temos experimentado na elaboração dos verbetes e as questões teóricas que nos amparam acerca da Análise de Discurso de linha francesa.

O trabalho desenvolvido com o **Vocabulário** consistiu em duas etapas distintas. Na primeira, partindo de uma lista de vocábulos selecionados, as palavras foram separadas nos seguintes grupos: Pandemia, Vida e Saúde, Pandemia e Corpo, Pandemia e Educação, Pandemia, História e memória. Nessa fase inicial, foram formadas listas de verbetes e entregues aos grupos temáticos para que, entre si, começassem a desenvolver as sugestões de definição. Cada grupo temático possuía um coordenador, que ajudava os demais com questões de desenvolvimento da escrita compartilhada, uma vez que aquela era uma época de descoberta, estávamos encontrando nossa metodologia e compartilhando-a entre os pequenos grupos formados para uma maior organização. Na segunda etapa, foram escolhidos os verbetes que seriam publicados no site da UFSM.

Para a felicidade de toda uma equipe de pesquisadores, que não mediu esforços para a construção do **Vocabulário**, houve uma repercussão positiva da construção desse trabalho. O lançamento oficial¹⁴ ocorreu através de uma live transmitida pelo canal do Programa de Pós-Graduação em Letras, no dia 2 de agosto de 2021, registrando formalmente o início de um trabalho que teria sua continuidade, que se expandiria para simpósios, trabalhos científicos e invadiria também as salas de aula, conforme relatos que recebemos.

¹²Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/observatorio> Acesso em 4 de julho de 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/> Acesso em: 24 de abril de 2023.

¹⁴ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=BHUeZYL8XOo&ab_channel=Palavra%2CL%C3%ADnquaeDiscurso Acesso em 3 de abril de 2023.

Nesse ínterim, formalizou-se o início de um trabalho que não se limitaria apenas a essa apresentação. Uma aba específica do site da Universidade Federal de Santa Maria foi disponibilizada, contendo um e-mail para que os leitores dos verbetes pudessem também sugerir palavras que estavam em circulação e ainda causavam dúvidas sobre seu significado e surpreendentemente, recebemos muitas sugestões. Saber que nosso trabalho estava, de fato, indo além dos muros da universidades, impulsionou ainda mais a vontade que o grupo de pesquisadores tinha de colaborar com algo maior em um momento tão delicado e triste da história, não só do Brasil, mas também do mundo.

Decorrente da construção do **Vocabulário**, surgiu a ideia de construir um projeto de escrita compartilhada em uma escola que acolhe pré-adolescentes e adolescentes que passaram pela FASE¹⁵. Assim, nascia o “Projeto Vivências: produzindo sentidos na Escola Paulo Freire”, que teve início em março de 2022, estendendo-se ao longo do ano letivo, uma vez que as aulas na escola eram presenciais, após meses de distanciamento social e aulas online. Apresentamos, partindo de Petri e Ribeiro (2023), um pouco da dinâmica do projeto que deriva do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**:

Os encontros com os alunos ocorreram a cada quinze dias, onde o grupo de trabalho se reunia com os pré-adolescentes e adolescentes, que tinham idade entre 13 e 16 anos, para a realização de atividades envolvendo elementos lúdicos, relacionadas à leitura e principalmente a produção textual. Cerca de 15 alunos participaram ativamente das atividades do projeto durante todo o ano de 2022, cada encontro partia de uma nova proposta de atividade, que poderia ter como motivador um vídeo, uma brincadeira, uma conversa, uma música. Sempre buscando instigar esse lugar de autoria e reflexão. A cada encontro, novos verbetes surgiam, e os alunos aos poucos passaram a trabalhar com essas palavras de forma mais confortável, gerando discussões em grupo que permitiam que eles elaborassem diferentes sentidos para cada palavra. (RIBEIRO, PETRI, 2023, p. 2)

O objetivo do grupo de graduandos e pós-graduandos que participavam do projeto, era concluir o cronograma com a elaboração de um livreto que continha os verbetes e ilustrações feitas produzidos pelos alunos. Felizmente, o objetivo se concretizou no dia 12 de dezembro de 2022, quando ocorreu o lançamento do livreto que continha 36 verbetes construídos de maneira compartilhada ao longo do ano de trabalho, e entre eles, alguns que se relacionavam diretamente com a pandemia e

¹⁵ Disponível em: <https://www.fase.rs.gov.br/quem-somos> Acesso em: 5 de abril de 2023.

conseqüentemente com o **Vocabulário**, como por exemplo: “coronavírus”, “isolamento”, “máscara”, “morte”, “pandemia” e “vacina”. Ali, nas visitas que os participantes do Projeto Vivências¹⁶ faziam até a escola, formava-se um lugar de reflexão e também de desabafo para os alunos que estavam se re-adaptando com a volta às aulas presenciais e também aos procedimentos que a pandemia de covid-19 nos impôs e foram essas impressões, frustrações e desabafos que aparecem nos verbetes construídos em conjunto.

Figura 1: Lançamento do “Livreto Vivências: construindo sentidos na Escola Paulo Freire” no miniauditório do PPGL, na UFSM.



Fonte: Arquivo pessoal.

Retomando o projeto principal do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, ainda no início da constituição e publicação dos verbetes, a UFPR TV

¹⁶O projeto vivências faz parte do projeto financiado pelo Edital Universal do CNPq sob processo número 407078/2021-5., 2022 – 2025.

fez uma reportagem¹⁷, usando da linguagem acessível que também está presente no **Vocabulário** para divulgar o trabalho recém publicado no site, uma vez que universidades do Paraná também estiveram junto conosco nessa caminhada, como a própria UFPR e também a UNICENTRO. Ao longo dos meses, os verbetes eram publicados no site em intervalos semanais e para se adequar as mídias sociais, cards contendo um trecho da sugestão de definição eram publicados no instagram e na página do facebook que foram criadas para espalhar esse conteúdo o máximo possível. A acessibilidade sempre foi uma questão fundamental para os pesquisadores que colaboraram na construção do **Vocabulário**. Era necessário disponibilizar informações verificadas por autoridades no assunto, como forma de combater rumores e desinformações que circulavam em todas as redes e inclusive em aplicativos de conversa e de vídeos curtos.

O fato do **Vocabulário** estar vinculado ao Projeto Universal do CNPq possibilitou a publicação de um livro¹⁸ com alguns dos verbetes que estão no site, mais especificamente um recorte dos verbetes publicados durante um ano. O lançamento que ocorreu no dia 4 de maio de 2023, na 50ª Feira do Livro de Santa Maria e contou com a presença dos autores que compartilharam dessa jornada, dos convidados que presenciaram o desenvolvimento desse trabalho pelas redes. Esse lançamento tão especial, em um evento tão simbólico em nossa cidade, cercados de pessoas e do calor humano lembrou aos pesquisadores que apesar das dificuldades enfrentadas no processo, sobrevivemos, passamos pela pandemia e estávamos ali para honrar memória daqueles que não puderam estar conosco.

¹⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B0_njRPBSII&ab_channel=UFPRTV Acesso em: 20 de julho de 2023.

¹⁸ A publicação deste livreto, em formato impresso, só foi possível porque obtivemos apoio financeiro do Edital Universal do CNPq, processo número 407078/2021-5, para o período de 2022-2025.

Figura 2: Foto do lançamento, no dia 4 de maio de 2023, na 50ª Feira do Livro de Santa Maria.



Fonte: Fotografia capturada por um membro do grupo durante o lançamento.

Durante o percurso de desenvolvimento do trabalho, muitas discussões teóricas surgiram em certos momentos e até mesmo divergências que colaboraram para um trabalho rico, bem estruturado, muito simbólico para o período de dificuldades que vivemos. Em um ato simbólico, para encerrar as atualizações sobre o **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**, ocorreu a publicação do verbete “Genocídio”, palavra carregada de história, que ao ser dita retoma sentidos, faz refletir e além de tudo causa polêmica quando usada, marcando o fim de tempos sombrios, de uma viagem turbulenta por mares desconhecidos, e o início de uma nova jornada de esperança. O lançamento da versão física do **Vocabulário** coincidiu com o anúncio do fim da pandemia de covid-19 feito pela Organização Mundial da Saúde.

1.4 Diante da maresia, surge um escape: uma apresentação do tema

Durante a pandemia, todos nós vivemos uma espécie de *stand-by*, tudo que desejávamos, queríamos e pretendíamos foi adiado, parado e dependíamos de que

um dia tudo voltasse a ser como era antes, ou ao menos, parecido com o que foi um dia, como nos apresentam as palavras de Cristiane Dias (2021):

A espera da vida. A espera da cura. A espera do abraço. A espera do futuro. O presente é o tempo da espera, enquanto o futuro parece estar suspenso pelo distanciamento social. De diversos modos, o futuro está suspenso, porque a morte está à espreita pelo novo coronavírus, pela violência em muitos lares, pela perda do trabalho, pela impossibilidade de seguir os estudos, pela depressão, pela falta de amigos, pela falta de ar, pela falta de abrigo. (DIAS, 2021, p.152)

Quando a pandemia teve início, em março de 2020, uma das falas que circulava era de que o vírus não duraria mais de um mês, que as aulas das escolas e universidades voltariam logo, que o vírus não se espalharia com tanta rapidez. Em meio a isso, faltavam informações sobre o novo coronavírus, ninguém sabia ao certo se era correto utilizar máscaras, alguns acreditavam que haveria um remédio, e as *fake news* espalhavam-se em ritmo alarmante através de aplicativos como o *whatsapp*, *facebook* e *instagram*. As *fake news*, que se misturavam as descobertas científicas do vírus e a realidade cruel do aumento da contaminação como descrito na epígrafe, despertavam a população para um cenário social que não seria nada fácil, a pandemia duraria três longos anos entre altos e baixos.

Como já citado, o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** foi desenvolvido como uma forma de unir os pesquisadores nesse momento difícil, uma forma de resistir a tudo que nos dizia para desistir, não somente da pesquisa, mas muitas vezes, de nós mesmos em meio a tantas adversidades familiares, em relação ao trabalho, a falta de afeto, o desespero mediante a uma doença mortal, a irresponsabilidade do governo que mesmo com esforços gigantescos por parte dos cientistas, demorou a nos disponibilizar uma vacina, que foi tão esperada por todos nós. As condições de produção do **Vocabulário** que citamos aqui, temático e digital, perpassaram por todas essas faltas, escrevemos sobre os verbetes no presente, ao mesmo momento em que éramos afetados por ele.

Pêcheux (2014a) citando Lênin, diz “a língua sempre vai onde o dente dói”, e durante a pandemia, além de uma forma de resistência com a construção do **Vocabulário**, era necessário pesquisar sobre o que estávamos construindo, sobre os sentidos estabelecidos nessas condições de produção, como uma palavra poderia significar algo totalmente diferente durante o tempo sombrio que vivemos sob o jugo do novo coronavírus. Os integrantes do grupo de pesquisadores

envolvidos no desenvolvimento do **Vocabulário** escreveram artigos que foram publicados na obra **Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia**, além de apresentações com o intuito de divulgar o árduo trabalho realizado com os verbetes.

Acompanhamos, então o que nos diz Pêcheux (2014a) sobre as condições de produção:

Consideremos a hipótese de que, a um estado dado das condições de produção, corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo. Isto supõe que é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sob si mesma. Mas que é necessário referi-lo ao conjunto dos discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção (...) (PÊCHEUX, 2014a, p. 78)

Portanto, partindo do que Pêcheux (2014a) apresenta como as condições de produção, o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** também é uma forma de manter registrado alguns dos sentidos que circulavam durante o período de pandemia, colocando na história, ao menos uma parte das palavras que falamos, ouvimos e reproduzimos por um tempo considerável. O que está contido, nas sugestões de definição do **Vocabulário**, é esse “conjunto dos discursos possíveis” que foi reunido pelos pesquisadores, o que buscaremos analisar através dos efeitos de sentido produzidos sob determinadas condições de produção, neste caso, a pandemia que durou de 2020 até 2023. Nosso trabalho está estruturado partindo das análises de pares de palavras, essa escolha será melhor explicitada durante a construção da metodologia da presente dissertação.

CAPÍTULO II: A construção de um grande navio

No segundo capítulo da dissertação, apresentaremos nossas perspectivas teóricas para esse trabalho, bem como a construção do dispositivo teórico-analítico para nossas análises.

2.1 Nossas perspectivas teóricas

Sabemos que Michel Pêcheux tem o mérito, historicamente reconhecido, de ser o fundador da Análise de Discurso, em sua forma acabada (MAZIÈRE, 2007; MALDIDIER, 2003; PETRI, 2006). Essa teoria tem diretas relações com a teoria das ideologias, da história, do materialismo histórico com a Psicanálise e a Linguística, sendo classificada, por esse motivo como uma disciplina de entremeio. De acordo com Orlandi (2015), a Análise de Discurso realiza um recorte teórico, relacionando discurso e língua, uma vez que o discurso é visto condicionalmente as suas determinações históricas e aos equívocos.

Estamos interessados em falar sobre a concepção de língua que guia nossas análises, resgatando o que é lembrado por Petri (2013, p. 33) “(...) a Análise de Discurso não aceita a concepção de língua como um sistema de regras formais pois, a toma em seu funcionamento na produção do discurso, onde é possível observar as estreitas relações que ela mantém com o histórico e o social para significar”. Em outras palavras, a dicotomia da língua instaurada por Saussure, que trata a língua como um sistema, se diferencia do modo com o qual trataremos a língua nesse trabalho, uma vez que nos apoiamos no funcionamento da língua como discurso e não isoladamente. Desse modo, abordaremos a questão do discurso, que é do que trata propriamente a Análise de Discurso, de acordo com Orlandi (2015), o discurso é a palavra em movimento, é o lugar onde é possível compreender a língua fazendo sentido e, por isso, sendo parte do homem que fala e de sua história.

O entrelaçamento de língua, história e sujeito, é o que constrói o discurso que analisamos pelo viés da AD francesa desenvolvida por Pêcheux, não há discurso na teoria em que nos propomos a utilizar nessa análise sem considerar esses três elementos que, como um “nó”, se relacionam de forma inseparável, atravessando uma a outra. Podemos compreender a importância do discurso, trazendo uma definição do próprio Pêcheux (2015):

(...) todo discurso é índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo o modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o outro, objeto da identificação. (PÊCHEUX, 2015b, p. 56)

Ou seja, o conceito de discurso que buscamos utilizar em nossa análise resulta das “agitações sócio-históricas” citadas por Pêcheux. Destacamos que, na AD, o discurso não é apenas uma forma de transmitir informação, mas, como elucida Orlandi (2015, p.30), o discurso é “efeito de sentido que ocorre entre os locutores”. Durante o desenvolvimento do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, apresentamos sugestões de definição para palavras, no formato de verbetes, através da “escrita compartilhada” (BIAZUS, 2015), guiados pela “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2005).

(...) o dicionário compartilhado constitui-se de uma experiência sensível, marcada por uma emancipação estética, que permite ao sujeito ir além no seu estado de dominação, restituindo o caráter ativo do seu pensamento e sensível do seu corpo. É através da emancipação estética que o sujeito consegue descobrir novas formas de relação com a vida e com a sensibilidade. (BIAZUS, 2015, p. 81).

Partindo desse conceito de dicionário compartilhado, uma vez que o **Vocabulário** foi desenvolvido por muitas vozes de diferentes pesquisadores envolvidos no projeto, que estavam em uma condição de produção de pandemia, escrevendo sobre ela com base no que estava circulando na mídia. Ainda de acordo com Biazus (2015), o dicionário compartilhado trata-se de uma materialidade constituída de diferentes papéis sociais, fazendo-se política quando promove deslocamentos de sentidos e posições-sujeitos, a partir disso deixando um espaço para a metáfora, para outros modos do dizer que estão ligados ao modo que a ideologia age sobre os sujeitos.

Como já dito no presente texto, os verbetes contidos no **Vocabulário** foram desenvolvidos como “sugestões”, ou seja, partindo de recortes de matérias que estão em grandes sites de notícias, foram expostos os sentidos que mais circulavam durante o período pandêmico. Ressaltamos que os verbetes não têm a pretensão de abranger todos os sentidos que circularam durante a pandemia, mas aqueles

sentidos que mais foram pontuados nesse período, partindo de uma interpretação das matérias abordadas. O trabalho de construção do **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus** é amparado na Análise de Discurso juntamente com conceitos vindos da Histórias das Ideias Linguísticas (“**HIL**”), com o objetivo de divulgação científica, para que durante e depois da pandemia, tanto a sociedade acadêmica quanto a comunidade em geral tenha acesso a esses verbetes.

Se faz necessário investigar as palavras que foram recorrentes na pandemia, a fim de divulgar como a produção de sentidos é diretamente afetada pelo momento histórico em que vivemos. As palavras passam por um constante processo de ressignificação, paráfrase, metáfora e sinonímia, sendo a presença da historicidade na língua (Orlandi, 2015), representando o dito de outro modo, ou até mesmo o não-dito. Recebemos da Universidade Federal de Santa Maria o acolhimento para que o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** fosse disponibilizado no site da instituição, na aba do “Observatório de informações da saúde”, com o objetivo de apresentar os verbetes de fácil compreensão e, sobretudo, provenientes de fontes confiáveis. Isso foi crucial, pois durante a pandemia, surgiram muitas *fake news* sobre a covid-19, dificultando o combate à doença e também sua prevenção.

Os pesquisadores envolvidos em escrever os verbetes não podiam se reunir pessoalmente devido ao isolamento social, portanto as reuniões eram feitas pela internet, onde compartilhavam resultados para cada palavra até que surgisse a versão final de uma sugestão de definição. Esse processo ocorria da seguinte forma, diferentes grupos de trabalho foram formados, cada um com suas palavras correspondentes, em posse de tais palavras, havia uma “fórmula” que era usada para refinar os resultados, uma vez que trabalharíamos apenas com o período pandêmico. A fórmula utilizada para a pesquisa das palavras era, por exemplo, “corpo + ansiedade + pandemia + covid-19”, e com base nas primeiras matérias da pesquisa, os participantes do projeto desenvolviam as sugestões de definição, que variavam conforme a matéria e contexto específico da pandemia em que estavam inseridos. E foi assim que durante a pandemia, os verbetes foram desenvolvidos até que somaram 80 palavras publicadas no site da Universidade Federal de Santa Maria, dentro da aba do Observatório de informações da saúde.

Figura 3 – Página do Observatório da Pandemia do novo coronavírus, com destaque para o vocabulário.

LANGUAGES - ACESSIBILIDADE SÍTIOS DA UFSM ÁREA RESTRITA

Coronavírus – COVID-19
Atuação da UFSM no combate à COVID-19 (Coronavírus)

Alto Contraste VLibras

Menu

Página Inicial Observatório de Informações em Saúde Observatório Socioeconômico

Gestores do site

Buscar no Site

Você está aqui: UFSM > Coronavírus - COVID-19 > OBSERVATÓRIO DE INFORMAÇÕES EM SAÚDE

OBSERVATÓRIO DE INFORMAÇÕES EM SAÚDE

Este observatório tem o objetivo de fornecer dados e informações sobre a COVID-19 e auxiliar no monitoramento e planejamento das ações em saúde pública para o combate à pandemia.

- A COVID-19 (termo em inglês que significa *Corona Virus Disease 2019*) é uma doença infecciosa respiratória causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. O quadro clínico pode variar de infecções assintomáticas a infecções respiratórias graves.
- É possível haver um número significativo de pessoas com coronavírus, mas sem apresentar sintomas ou com sintomas leves. Estas pessoas, ao continuarem circulando e tendo contatos sem cuidados mínimos, tanto com superfícies quanto com outras pessoas, podem transmitir o vírus.
- Podem ocorrer eventuais divergências entre as plataformas de informação uma vez que os dados são originados de fontes diferentes e não são consolidados ao mesmo tempo. Além disso, há a possibilidade de panes nos sistemas de informação.
- No Brasil existe subnotificação do número real de casos. Também existe atraso na confirmação de óbitos por COVID-19.

OS DADOS SÃO ATUALIZADOS QUINZENALMENTE

OS CUIDADOS DEVEM CONTINUAR:

1. Uso correto de máscara;
2. Distanciamento físico interpessoal mínimo de 1,5m;
3. Higienização frequente das mãos;
4. Ambientes bem arejados.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS :

- o MANUAL DE BIOSSEGURANÇA – COE/UFSM- Abril2022
- o Informações sobre o CONTÁGIO
- o CARTILHA PARA SURDOS

ENDEREÇO ELETRÔNICO PARA CONTATO: observatoriosaudefsm@gmail.com

Santa Maria Campi UFSM 4ª CRS Rio Grande do Sul Brasil

Relatórios Técnicos Relatórios Científicos Simulador

Equipe **Vocabulário** Fontes dos dados

Fonte: Captura de tela do site da UFSM.(2023).

Consideramos que, na contemporaneidade, devido às condições de produção em tempos de pandemia, há um movimento constante de (re)atualização dos sentidos das palavras no(s) discurso(s), principalmente, o midiático, que coloca em circulação notícias da/sobre a pandemia do novo coronavírus. Em meio a produção dos verbetes, observando como as sugestões de definições eram estabelecidas relacionando diferentes sentidos, nos chamou a atenção como as condições de produção de alguns sentidos se destacaram mediante os significados estabelecidos em outras épocas da história. De acordo com Orlandi (2015):

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas, são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a sua exterioridade, suas condições de produção. (ORLANDI, 2015, p.28)

Durante as análises que desenvolvemos nesse trabalho nos interessará a questão dos efeitos de sentido que são produzidos mediante determinadas condições de produção, buscamos seguir essas pistas deixadas nos dizeres para entender como funciona a relação de efeito de sentidos e a exterioridade. Diante disso, se faz necessário saber, o que são os efeitos de sentidos, contamos com o que nos apresenta Orlandi (2007):

Compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição de sentidos e dos sujeitos. É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre os locutores (posições sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos mas se produzem com eles.(ORLANDI, 2007, p. 21)

Com base no que institui Orlandi, podemos compreender que os sentidos são construídos através da interpelação dos sujeitos pela ideologia. Entendemos que a ideologia, de acordo com Pêcheux (2014b) só existe pelo sujeito e para o sujeito, dessa forma todos os sujeitos são interpelados por ela, e é desse modo que a constituição de sentidos acaba por se unir a constituição do sujeito formulando diferentes sentidos para uma mesma palavra de acordo com sua relação com a exterioridade. Retornamos ao que ensina Pêcheux:

“(...) as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido na formação discursiva na qual são produzidas. (...) diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014b, p. 147)

Só existe sentido nas palavras quando elas estão dentro de uma determinada formação discursiva que está inserida em uma formação ideológica, por exemplo, uma palavra utilizada com maior frequência durante a pandemia pode ter mais de um sentido dependendo de qual formação discursiva está inserida o sujeito que a citou. Portanto, através dos conceitos instituídos pela AD, como produção/efeito de

sentidos, bem como as condições de produção relacionadas à ideologia e às diferentes formações discursivas que constituem o intradiscorso, analisamos como os sentidos se diferenciam, se aproximam e, principalmente, como ressignificam na sociedade contemporânea que, mesmo depois de três anos, ainda vive os efeitos deixados por uma pandemia que causou a morte de milhares de pessoas em todos os estados do Brasil. Buscar a compreensão desses sentidos pertencentes ao momento histórico dado é também um lugar de resistência, com a finalidade de causar reflexão sobre tudo que vivemos nesse período.

É necessário também, apresentar o que compreendemos por “paráfrase” e “polissemia” no interior da Análise de Discurso. Segundo Orlandi (1998), paráfrase é o “retorno aos mesmos espaços do dizível”, ou seja, quando os sentidos se reproduzem independentemente do locutor e desse modo retomam aquilo que já está posto com outras palavras. Da mesma forma, Orlandi (1998), estabelece que a “polissemia” é quando “nas mesmas situações imediatas (locutores e situação) há, no entanto, um deslocamento, um deslizamento dos sentidos”, é quando outros sentidos surgem para além daqueles que já estavam estabelecidos. Orlandi (1998) nos apresenta que:

Como o sentido é relação a, tomando-se as condições de produção como situação imediata ou a circunstância da enunciação, teríamos:
 a - As mesmas palavras com o mesmo sentido em relação a diferentes locutores; b – as mesmas palavras com o mesmo sentido em relação a diferentes situações; c – palavras diferentes com o mesmo sentido em relação a diferentes locutores; d – palavras diferentes com o mesmo sentido em relação a diferentes situações. O mesmo podendo aí ser substituído por diferentes sentidos em a,b,c,d temos a variável polissêmica a', b', c', d' ao esquema de paráfrase que acabamos de colocar. (ORLANDI, 1998, p. 15)

Ao analisarmos os verbetes selecionados, buscaremos compreender como se dá a produção de sentidos mediante as condições de produção pandêmicas em sua relação com a memória, se os sentidos serão os mesmos ou se sofreram alterações. Entendemos que é a relação das condições de produção com a memória que nos permite entender o funcionamento do mesmo e do diferente no interior de cada verbete, essa tensão que existe entre paráfrase e polissemia, como se dão os movimentos dos sentidos.

A noção de formação discursiva que traremos para o presente trabalho, também se faz necessária, para isso, acompanharemos o que nos expõe Pêcheux:

(...) a noção de formação discursiva, tomada de empréstimo à Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de “pré-construídos” e de “discursos transversos”) (PÊCHEUX, 2014a, p. 310)

Podemos apreender que as formações discursivas são também influenciadas por outras, que podem estar ou não sob a mesma formação ideológica que faz circular determinado sentido no interdiscurso. Nas palavras de Orlandi (2015), as formações discursivas são regionalizações do interdiscurso, constituindo uma parte dele que é tomada como o significado “verdadeiro” pelo sujeito em questão. Desse modo, tomamos interdiscurso conforme Orlandi (2015), que abrange tudo o que foi formulado e esquecido em algum momento, mas que é constantemente retomado em determinados discursos, trazendo à tona a identificação (ou a contra-identificação) do sujeito com determinadas FDs. Constatamos que assim acontece com as palavras, cujos significados podem ser resgatados do interdiscurso mas, que passam por ressignificações influenciadas pelas condições de produção.

Precisamos trazer à baila as relações ideológicas, que estão imbricadas igualmente aos demais conceitos do referencial que estamos buscando construir, elas estão acima das formações discursivas. É partindo de uma certa formação ideológica que a formação discursiva define o que pode ser dito, como deve ser dito para que desperte um sentido e não outro, o que nos leva a compreender algo fundamental: “os sentidos sempre são determinados ideologicamente” (ORLANDI, 2015, p. 41).

Portanto, na Análise de Discurso, não há como mobilizar um único conceito, sem que outros sejam conectados entre si. Os conceitos selecionados em nosso referencial estão interligados, para, posteriormente, encadear as noções explicitadas para uma melhor compreensão da proposta de análise dos verbetes a ser apresentada no capítulo seguinte.

2.2A elaboração do dispositivo teórico-analítico que nos guiará pelo oceano

Considerando o que Malmidier (2003) nos apresenta, é interessante pensar sobre como o discurso é concebido por Pêcheux. Nesse sentido, observamos o

seguinte trecho:

O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento. (MALDIDIER, 2003, p. 15-16)

Sabemos que no campo dos estudos da AD de linha francesa, não há uma separação específica entre teoria e análise, porque é necessário um dispositivo de análise para cada pesquisa, não há um modelo universal que utilize todos os conceitos da AD e se aplique igualmente a qualquer objeto. Os conceitos escolhidos para serem trabalhados em uma determinada análise é que desenham qual contribuição científica será feita de acordo com o corpus de pesquisa delimitado pelo analista de discurso.

No capítulo de livro escrito por Petri (2013), pertencente à obra **Análise de Discurso em perspectiva** consta o desenvolvimento teórico sobre a questão do movimento que há nas análises pertinentes à AD, uma vez que não há como separar a questão teórica e analítica, desse modo, organiza-se a metodologia, através de idas e vindas entre teoria e análise. Segundo Petri (2013):

A Análise de Discurso, é bem verdade, não tem uma metodologia única e facilmente descritível, como as outras áreas mais formais da ciência linguística dizem ter; mas isso não significa não ter metodologia de análise, bem como não significa que qualquer um, sob um pretexto qualquer possa desenvolver um dispositivo teórico analítico em análise de discurso. (PETRI, 2013, p. 41)

Compôr um aparato metodológico e teórico-analítico, na área da Análise do Discurso, é levar em conta suas peculiaridades que estão relacionadas ao objeto selecionado para a pesquisa em questão. Nas palavras de Petri (2013), trabalhar com a AD é trabalhar com a incompletude e a contradição, sem oposições e exclusões, é compreender que não há como ter controle sob um todo e que haverá contradições em meio ao percurso de construção do dispositivo teórico-analítico. Ao nos utilizarmos da metáfora do pêndulo, admitimos que:

Instalado o gesto de ler do analista no interior da discursividade que deseja

analisar, temos o pêndulo no ponto zero, e aí começa a movimentação. Por um instante, então, o analista suspende o pêndulo e, imediatamente depois, passa a acompanhá-lo nas idas e vindas da teoria para a análise, perpassando de diferentes maneiras os elementos constitutivos do *corpus*, com suas opacidades, suas resistências, com suas porosidades, com sua densidade, com sua incompletude constitutiva. É por tudo isso que o movimento é imperfeito, e, na maioria das vezes imprevisível também. (PETRI, 2013, p. 47)

Ocupando nosso lugar como analistas de discurso, partimos desse ponto zero, é início de uma jornada com idas e vindas pelo percurso teórico analítico que nosso objeto de pesquisa exigirá. Nenhum trabalho de pesquisa tem em seu início uma estimativa de onde irá chegar, não há como esperar algo específico como resultado, uma vez que o percurso das análises não é linear, não é fácil de ser percorrido. Sempre teremos nosso ponto zero, mas o ponto de chegada sempre será imprevisível, em nosso caso, buscaremos mostrar se houve rupturas ou continuidades em determinados pares de palavras, mas não há como saber (pelo menos, não antes da análise) o que nos espera como resultado.

Durante o desenvolvimento da análise, começam a aparecer algumas respostas possíveis para o questionamento da pesquisa, que busca compreender a relação entre os pares de palavras contidos no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** e as condições de produção, assim como os efeitos de sentido durante a pandemia de covid-19 no Brasil. A partir do corpus escolhido, percebemos que tais pares de palavras não possuem sentidos estagnados, eles podem ser utilizados para diversas pesquisas, produzindo diferentes resultados. Isso evidencia a maleabilidade desses elementos no contexto da análise, cujos desdobramentos podem variar conforme o dispositivo analítico adotado.

Desse modo, o propósito dessa dissertação é compreender a relação entre os pares de verbetes contidos no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, que foram cuidadosamente selecionados, e as condições de produção e efeitos de sentido durante a pandemia de covid-19 no Brasil. Antes de realizar o nosso gesto de interpretação, amparado nos conceitos da Análise de Discurso, é necessário nos apropriar de conceitos como condições de produção e efeitos de sentido, para somente após esse embasamento inicial, desenvolver nossa análise respaldados pelos autores da referida área.

Destacamos que a escolha dos pares de palavras seguiu critérios de duas ordens: o primeiro foi uma seleção por conveniência, tendo em vista que são

palavras que nos tocam pessoalmente, trazendo à baila temas que nos são caros particularmente; o segundo critério visou estabelecer relações entre essas palavras, e permitir contrastes com definições de outros instrumentos linguísticos. Tais critérios devem permitir uma análise que destaque tanto a manutenção de sentidos já estabilizados quanto as mudanças efetivas em tempos pandêmicos.

Indicamos os seguintes dicionários para nossa consulta:

1º– **Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete**

3ª edição brasileira composta em 5 volumes por Hamílcar Gacía, publicado em 1974;

De acordo com Siveris (2012), o **Dicionário Caldas Aulete** possui um importante papel na dicionarização da língua nacional, ainda que a versão que selecionamos seja mais recente, do ano de 1974. As versões do **Dicionário Caldas Aulete** após 1958, são atualizações das versões que foram publicadas em Portugal.

2º - **Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda**

3ª edição – totalmente revisada e ampliada – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, publicado em 1999;

O **Dicionário Aurélio**, amplamente estudado e considerado um dos mais vendidos no Brasil, foi objeto de análise em diversos aspectos, conforme destacado por Petri (2008), alguns dados muito importantes foram considerados na presente pesquisa:

a) sobre o Dicionário: “obra que por si consagra uma casa editorial”; “este dicionário é um dos títulos que mais vendem e venderam em língua portuguesa”; “Aurélio hoje é sinônimo de dicionário: metonímia que tra-duz sua indiscutível aceitação e popularidade”; a utilização da “melhor e mais avançada tecnologia”; “o melhor e mais útil instrumento de consulta da língua portuguesa”;

b) sobre o processo, a atualidade do dicionário (o ponto de vista tecnológico): “somente com o auxílio da informática foi possível compor seus 25 milhões de caracteres, atualizando-o com acréscimos de aproximadamente 35%. (PETRI, 2008, p. 233)

O **Dicionário Aurélio** se apresenta como um “sinônimo” de dicionário, buscando sustentar esse imaginário de completude e credibilidade. Além disso, destaca-se a construção desse instrumento linguístico com o auxílio da informática para aumentar o número de verbetes que o compõe.

3º Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa

Rio de Janeiro, 1ed. Objetiva, publicado no ano de 2009;

O **Dicionário Houaiss** é bastante reconhecido principalmente nas escolas, tanto na sua versão completa quanto na sua versão escolar. É um dos dicionários mais consultados pela facilidade de acesso e pelo grande número de verbetes disponíveis. Além disso, atualmente o dicionário possui uma versão eletrônica, na qual novos verbetes são inseridos periodicamente, mantendo-o atualizado.

Os dicionários foram selecionados pelo critério de acessibilidade, uma vez que são instrumentos linguísticos que estão disponíveis nas bibliotecas, desse modo tendo uma maior circulação. Os dicionários **Caldas Aulete, Aurélio e Houaiss** são bastante conhecidos, principalmente no âmbito universitário/escolar e seu fácil acesso os torna objetos discursivos que possuem um maior alcance.

O estudo que buscamos realizar ocorre sobre pares de palavras já publicadas no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. Para atender o objetivo da pesquisa, que consiste em investigar os processos de produção e efeitos de sentido nos pares selecionados, evidenciando como o significado dessas palavras se alteraram (seja ruptura ou continuidade) nos tempos de covid-19 em relação a outros instrumentos linguísticos e como esses processos aconteceram. Buscamos entender, ainda, como esses pares de palavras se relacionam entre si, se os sentidos construídos se entrelaçam, seja através de palavras ou de uma definição. Os pares de palavras selecionados para a análise são:

- 1) desigualdade – medo,
- 2) perspectiva – narrativa,
- 3) genocídio – pandemia,
- 4) hospital de campanha – resistência.

Cada par será examinado minuciosamente, destacando as transformações de sentido que ocorreram durante os tempos da pandemia, em relação a outros instrumentos linguísticos. A escolha de trabalhar com pares de palavras é uma tentativa de demonstrar os movimentos de manutenção, deslocamento e ruptura ou de aproximação de sentidos entre as duas palavras em análise. Assim como diz Orlandi (2015), “a deriva, o deslize, é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras”, e é justamente isso que buscamos pesquisar colocando uma palavra mediante em outra de acordo com os pares. De fato, as palavras estão imbricadas em práticas sociais específicas, num tempo histórico único, sob determinadas condições de produção e não outras, tudo isso trabalha para a produção de sentidos, sempre levando em conta o que nos ensina Orlandi (2007): “o sentido sempre pode ser outro”.

CAPÍTULO III: PRIMEIROS INVESTIMENTOS EM ANÁLISES

No presente capítulo, mobilizamos os conceitos apresentados no capítulo anterior para iniciar a análise dos pares de verbetes selecionados. Colocamos esses pares em relação aos sentidos que estão postos nos dicionários, buscando compreender como a produção e os efeitos de sentidos funcionam.

3.1A produção e os efeitos de sentido

Pois como neste mundo os ventos vindos de frente são muito mais comuns que os ventos de popa (isto é, caso não se viole a máxima pitagórica), na maior parte do tempo, o comandante no tombadilho recebe sua atmosfera de segunda mão, dos marujos no castelo da proa. Ele pensa que é o primeiro a respirá-la; mas não é verdade. (Melville, 2022, p. 42-43)

Assim como o comandante não é o primeiro a receber os ventos que guiam o navio, ainda que possa pensar que o seja, como descrito por Ismael no romance de Melville, também nós temos a impressão de sermos os primeiros a dizer algo, a perceber o sentido, quando na verdade, tudo já estava ali, sendo resgatado porque alguém antes de nós já disse, já interpretou.

Dado que abordaremos sobre os efeitos de sentido, nossa análise carece que possamos trazer à baila esse conceito da forma que utilizamos no desenvolver de nosso trabalho. Nesse contexto, observamos que nos é apresentado por Orlandi (2015):

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação, e ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. (ORLANDI, 2015, p. 45)

A relação da língua com a exterioridade é muito cara no trabalho que nos propomos a desenvolver, uma vez que os verbetes presentes no **Vocabulário** foram desenvolvidos com base nessa interação com essa exterioridade, ou seja, a relação entre sujeito e história que produz sentidos no discurso. Esses sentidos não seriam construídos da mesma forma em outras condições de produção. Como cita Orlandi (2015) e também Pêcheux (2014b), o sentido não tem a possibilidade de existir sem

que esteja ligado ao sujeito que produz o discurso. O sentido constitui-se para o sujeito, interpelado pela ideologia, que produz discurso, e este sozinho, não basta, é preciso que o discurso seja posto em relação com a exterioridade, ou seja, as condições de produção.

Tomemos, por exemplo, o objeto dessa dissertação: alguns dos verbetes contidos no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, as palavras selecionadas (citadas no capítulo anterior) e sugeridas pelo público leitor através do e-mail. Essas palavras estavam ligadas às condições de produção dos últimos três anos, à pandemia. Os sentidos de cada verbe se constroem nas suas relações entre o que foi dito sobre essas palavras pelos sujeitos e em sua relação com a exterioridade que, em tal época, era a pandemia de covid-19.

O algoritmo do site de pesquisas utilizado, o *Google*, funciona mostrando as matérias mais relevantes contendo “x” palavra, logo, nessas matérias estavam os sentidos que mais circulavam nessa determinada época. Mas, será que os sentidos desses verbetes selecionados, tanto pelos cientistas quanto pela comunidade, mudaram ao terem contato com uma nova realidade, outras condições de produção, um novo período histórico? Essa é uma das questões que buscaremos responder ao longo da pesquisa. Não é algo fácil constatar uma resposta; requer seriedade e cuidado para afirmar se esses sentidos tiveram algum deslocamento, ou alguma ruptura com definições pré-existentes a esse período.

Se o sentido é essa relação do discurso com a exterioridade, os efeitos de sentido são as relações entre as diferentes formações discursivas, que trazem à tona o equívoco, o sentido outro (Orlandi, 2007, p. 22), aquilo que difere. De acordo com Orlandi (2007);

Compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. É a relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem de diferentes efeitos de sentidos entre locutores. Sem esquecer que os próprios locutores (posição sujeito) são anteriores à constituição desses efeitos mas se produzem com eles. (ORLANDI, 2007, p. 21)

Na AD, como já dito no presente texto em outras seções, os conceitos instituídos não são completamente dissociáveis, o que é importante para compreender a relação entre a produção e os efeitos de sentido. Os sentidos são

produzidos pelo discurso, e seus desdobramentos causam os efeitos de sentido, que surgem das diferentes interpretações diretamente relacionadas às formações discursivas que são afetadas pelas formações ideológicas do sujeito que é diretamente interpelado pela ideologia.

Como nos alerta Pêcheux (2014b), é preciso sempre desconfiar da evidência. Para o analista de discurso, não é possível acreditar na evidência; pelo contrário, é necessário questioná-la e buscar o funcionamento da ideologia que torna um determinado sentido “evidente”. Durante a pandemia, especialmente em seu início, muitas informações eram desconstruídas devido à falta de divulgação do que os cientistas sabiam sobre o vírus. Desde então, as palavras relacionadas à covid-19 passaram a circular com diversos sentidos e palavras de um nicho específico da saúde invadiram os jornais. Além disso, palavras “conhecidas” (entre aspas, uma vez que os sentidos nunca se esgotam) assumiram outros significados para que se inserissem ao contexto pandêmico que permeava nossa sociedade.

Retomando Petri (2008), é através da tomada de posição de um sujeito que está interpelado pela ideologia, inserido em uma FD e em certas condições de produção existe uma “espécie” de seleção para os sentidos que podem ser dados para uma palavra. Devemos destacar também que as matérias midiáticas retiradas do âmbito digital para o desenvolvimento dos verbetes contidos no **Vocabulário** foram escritas por pessoas que estão inseridas em uma FD e afetadas pela ideologia. Apesar do mito da neutralidade das informações ser forte, principalmente no âmbito jornalístico, Pêcheux (2014a) reforça que não há neutralidade no discurso, uma vez que as formações ideológicas transparecem através das palavras, inserindo o sujeito em determinadas formações discursivas.

Desse modo, podemos inferir que as sugestões de definições contidas no **Vocabulário** que estamos abordando refletem apenas uma porção dos sentidos que poderiam também ser possíveis, de acordo com o discurso empregado pelos autores das matérias selecionadas. Todavia, é preciso também pensar que essas matérias registram os sentidos de determinada palavra que circulou por determinadas pessoas que pertenciam a mesma FD, abrangendo assim uma parcela de pessoas, os leitores, nesse caso que concordam com tal abordagem. Por isso, a importância de revisitar os efeitos de sentidos causados pelas palavras selecionadas, pois elas representam um recorte da história durante a pandemia e uma posição política que pode ser acolhida ou rejeitada de acordo com o significado

atribuído a uma palavra.

3.2 Os detalhes de um navio e suas diversas vergas: porque “Vocabulário” e não “Dicionário”.

Um trabalho em grupo, envolvendo 26 pesquisadores com um propósito, é inspirador, e ao mesmo tempo, mais do que isso, é desafiador. Em uma escrita compartilhada, existem divergências, concordâncias, sugestões e um longo percurso para que as discussões teóricas sejam explicitadas e selecionadas de maneira a contemplar as pessoas que estão envolvidas nesse grupo de trabalho. E eis, que durante as discussões que precediam a escrita dos verbetes do trabalho sobre a pandemia, surgiu a seguinte questão: deveríamos tratá-los como “*Vocabulário*”, “*Glossário*” ou “*Dicionário*”? Era preciso encontrar uma resposta para essa questão tão importante, então, Petri (2021) nos apresenta:

Assim, dizer Vocabulário em detrimento de outras possibilidades diz muito do artefato em sua constituição, pois ele não tem o compromisso de um dicionário, bem como não se realiza efetivamente como um glossário, muito embora esteja o tempo todo em relação com os modos de funcionamento destes outros dois instrumentos linguísticos. (PETRI, 2021, p. 24)

Quando abordamos o conceito de dicionário, nos remetemos a Auroux (2007), que o define como resultado de uma revolução tecnológica nos estudos da linguagem, ou seja, um instrumento linguístico. O dicionário traz consigo a ideia de completude e neutralidade, ainda que, de acordo com Petri (2020), essa face seja “imaginariamente neutra”. É esse conceito do dicionário como instrumento linguístico, estabelecido por Auroux, que na Análise de Discurso consideramos como um local de reprodução dos sentidos. Nesse contexto, Petri nos explica:

Conforme aprendemos com Auroux (2008, p. 16), “a técnica original do dicionário é a listagem de palavras”, o que também ocorre com a produção do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, tal como o concebemos. Uma das primeiras decisões que o grupo de pesquisadores precisou tomar em conjunto diz respeito à montagem da lista de palavras da primeira fase. Em nosso entendimento, dizer Vocabulário é abrir um pouco mais de espaço para o múltiplo, para a polissemia, para a metáfora, posto que não deveria haver uma preocupação tão grande com o controle dos sentidos de uma palavra ou expressão. (Petri, 2021, p. 24)

A “Primeira fase” citada acima trata-se do momento em que ocorre a divisão dos grupos temáticos para trabalhar sobre as sugestões de verbetes. Por exemplo, o

grupo nomeado “Pandemia e Corpo” trabalharia sobre palavras relacionadas a esses dois eixos, formando inicialmente uma lista de palavras que se encaixavam nessa seção. É ainda de acordo com Petri (2020) que tomamos nossa decisão para a escolha “**Vocabulário**” e não “**Dicionário**”, uma vez que o espaço múltiplo que está no dicionário não o isenta de sua relação com a ideologia. É a ideologia que faz funcionar o efeito de descomprometimento, ainda que cada verbete esteja ligado aos sentidos, que, em nosso caso, chamamos de “sugestões de definição”, deixando em aberto que não há um esgotamento para essas sugestões feitas pelos pesquisadores.

Portanto, a escolha de dizer **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** implica a abertura de espaço para a polissemia (PETRI, 2021). Este é o lugar onde não há preocupação de controlar os sentidos, diferentemente do que acontece com o Dicionário, em que os sentidos dos verbetes são controlados pelo dicionarista. Nosso objetivo, ao construir o **Vocabulário**, jamais foi abarcar uma totalidade, mas sim registrar uma parte de nossa história durante a pandemia que poderá ser estudada posteriormente, ajudando outros pesquisadores e a comunidade que desejar se informar sobre o assunto do qual tratamos. Sempre esclarecendo a importância de que não existem somente os sentidos expostos ali; podem haver outros que estão para além do que está registrado. Segundo Petri (2021):

A elaboração de um vocabulário digital e temático sobre a pandemia do novo coronavírus, da perspectiva discursiva, nos interpela a escutar o que está posto no social e os sentidos que estão em circulação no espaço midiático, o que nos conduz a refletir sobre sua constituição enquanto saber linguístico em transformação (referente ao que está posto na língua em suas relações com a exterioridade), organizado em forma de verbetes que compõem um vocabulário. (PETRI, 2021, p. 29)

Portanto, o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** atende a essa busca de reunir os sentidos presentes no social, extraídos de matérias online. Organizamos as palavras em verbetes, dispostos em ordem alfabética, sem essa responsabilidade de controlar os sentidos, e sim de mantê-los abertos, conforme a nossa metodologia de pesquisa utilizada para a constituição desse trabalho: “os sentidos sempre podem ser outros”.

CAPITULO IV: Entrando em uma jornada de análise: os ventos que guiam a maré.

Sim, o mundo é um navio sempre partindo e nunca uma viagem completa; e o púlpito é a sua proa. (MELVILLE, 2022, p. 80)

Assim como na época de **Moby Dick**, os navios partiam e voltavam aos portos, guiados pelas marés, altas e baixas, enfrentando tempestades ou dias ensolarados, sem muitos recursos para saber a duração da viagem. Da mesma forma, nossa análise busca observar esses “altos” e “baixos” em relação aos sentidos postos nos verbetes, utilizando-os pressupostos da Análise de Discurso.

Agora, abordaremos os procedimentos a serem realizados na análise, e o modo sobre como trataremos para investigar o objeto de pesquisa apresentado. Para isso, retomaremos conceitos essenciais da Análise de Discurso, conforme expostos no renomado texto **Recortar ou Segmentar** da autoria de Orlandi (1984). Vamos começar destacando as diferenças entre recortar e segmentar:

Ressaltemos, então, que o recorte distingue-se do segmento porque o segmento é, simplesmente, uma unidade ou da frase ou do sintagma, etc. No caso da segmentação, o linguista visa a relação entre unidades dispostas linearmente. A hierarquização dos níveis de análise, neste caso, se faz mecanicamente. O que não é o caso, quando se trata dos recortes, já que não há uma passagem automática entre as unidades (os recortes) e o todo que elas constituem. (ORLANDI, 1984, p. 14)

Trazendo à baila o que nos ensina Orlandi (1984), interessa-nos o procedimento de recortar os verbetes do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, assim como verbetes de outros instrumentos linguísticos, organizando desse modo o texto de análise, partindo dos recortes selecionados (Orlandi, 1984). Destaca-se que os recortes remetem à polissemia, que se trata daquilo que é diferente, novo e pela multiplicidade de sentidos (Orlandi, 1984), diferenciando-se da paráfrase, que mantém o sentido em formas dissemelhantes.

Nossos procedimentos de análise iniciam-se como primeiro par de palavras selecionado: os verbetes “desigualdade” e “medo”. Conforme explicitado na metodologia, analisaremos o primeiro verbe, relacionando-o com outros

instrumentos linguísticos, que apresentaremos inicialmente. Após, o mesmo processo será aplicado ao segundo verbete. Assim procuraremos identificar rupturas e deslocamentos nas relações entre os instrumentos linguísticos elencados e o que foi publicado no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. As relações que compõe os pares de palavras estudadas se constroem na utilização dessas palavras durante o período pandêmico, em uma tentativa de investigar como o afastamento ou a ruptura se desenvolveram mediante o funcionamento desses sentidos, se eles apontam ou não para um mesmo sentido do dizer.

4.1 O verbete “desigualdade”: entre a proa e a popa do navio

Vamos iniciar, então, com os verbetes apresentados em ordem decrescente de publicação do recorte retirado do dicionário mais antigo para o mais atual. Após isso, observamos a sugestão de definição que está posta no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. A ordem em que estudamos o verbete “desigualdade” foi a seguinte: o **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete**, publicado em 1974, em 5 volumes; **Dicionário Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa**, publicado em 1999; e **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, publicado em 2009.

Consideramos o ensinamento de Petri (2012) de que o dicionário é esse lugar em que as palavras já estão estabelecidas, ou, ao menos nos dão essa ilusão de que ali estão todos os significados que precisamos. Por isso, avancemos na explicação da necessidade desse efeito:

(...) O descrever e instrumentar uma língua me parece ser um processo contínuo que certamente teve um início, um lugar de fundação, mas que dificilmente terá um final, um término, pois estamos sempre nos deparando com novos fatos de língua a descrever e novas tecnologias que podem instrumentar esta língua. No entanto, quando pensamos em termos de normatização, deparamo-nos com o efeito de completude que estas duas tecnologias - a gramática e o dicionário – produzem, um efeito necessário para a constituição identitária de uma nação, muito embora já dessacralizado pelos diferentes modos de funcionamento que assumem no interior de diferentes grupos sociais. (PETRI, 2012, p. 27)

Como descreve Petri, a gramática e o dicionário produzem esse efeito de completude. Mas no presente trabalho nos deteremos somente aos dicionários, assumindo que há esse efeito de que no dicionário estão “todas as verdades”,

sendo “lugar onde se recorre para ter certeza de um significado”, seja na escola, na universidade, etc. Entretanto, esses efeitos de sentidos que circulam no fio do discurso estão errôneos, pelo que Petri (2012) nos ensina. Não há lugar de fundação, nem um fim; estaremos sempre em uma retomada, ruptura, uso ou desuso de determinadas palavras e sentidos. E isso vale para nossa análise dos dicionários e do **Vocabulário**.

Desse modo, passamos ao que chamamos de Recorte Discursivo 1, ou, em abreviação RD1:

Desigualdade, *s.f.* a qualidade ou a condição do que é desigual; diversidade; diferença: Compreendi a diferença que, entre nós, ia mais além que a simples desigualdade (Henrique galvão, *Velo de Ouro*, c. 8, p. 196, ed. 1931) || Variação, inconstância, volubilidade || Distinção: as desigualdades sociais || Irregularidade. || Desproporção; parcialidade; injustiça: é um pai que trata com desigualdade os filhos. || Aspereza, escabrosidade || Desconformidade, impropriedade. || F. Desigual.

Fonte: **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete (1974)**.

O **Dicionário Caldas Aulete** é o mais antigo em que nos propormos a analisar o funcionamento da palavra “desigualdade”, e percebemos que “desigualdade” é vista principalmente como algo desigual, diverso, injusto, desconformidade. De acordo com Siveris (2012), o **Dicionário Caldas Aulete** é do século XIX, mas a versão que consultamos pertence ao século XX. Portanto, ao observarmos na atualidade um dicionário do ano de 1974, podemos considerá-lo “obsoleto, deficiente e inexato” (Siveris, 2012, p. 97). Todavia, isso não retira o valor de um dicionário publicado nessa época, pois nele estão registrados os sentidos de uma determinada condição histórica.

Trata-se da redução do sentido a um conteúdo, sendo que essa redução é parte da ilusão referencial, produção do efeito de evidência. É aí que reside um dos mecanismos ideológicos importantes. Na realidade, não há um sentido (conteúdo) só há funcionamento da linguagem. No funcionamento da linguagem como veremos o seu sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição. O sujeito é a interpretação. (ORLANDI, 2022, P. 27)

Se retomarmos o que nos diz Orlandi (2022) e relacionarmos ao **Dicionário Caldas Aulete** tratado aqui, fica estabelecido que este instrumento linguístico não reflete simplesmente os sentidos de “desigualdade”, mas sim o funcionamento da linguagem que faz com que seja possível a interpretação pelos sujeitos (interpelados pela ideologia) sobre essa palavra. O sujeito-autor dicionarístico também é influenciado pela sua determinada FD, o que o leva a escrever a definição que está registrada no dicionário. Sendo assim, em relação ao **Dicionário Caldas Aulete**, a palavra “desigualdade” possui os seguintes significados em RD1: desigual, diversidade e diferença. Agora, vamos explorar os significados no próximo dicionário, **Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa**, publicado em 1999, que chamaremos de RD2.

Desigualdade. [De desigual + -(i)dade.] S.f. 1. Qualidade ou estado do que é desigual. 2. Astr. Termo secular (q. v.) periódico ou regular, que representa o afastamento entre a primeira aproximação do valor de uma grandeza astronômica e o valor exato dessa grandeza. 3. Mat. Relação entre os membros de um conjunto que envolve sinais “maior que” ou “menor que”; inequação.

Fonte: **Dicionário Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa (1999)**.

O recorte do verbete “desigualdade”, retirado do **Novo Aurélio do Século XXI**, traz a primeira definição muito parecida com a que está posta no dicionário **Caldas Aulete**, mudando apenas a palavra “condição” por “estado”, mas essas palavras estão próximas em seus sentidos, então podemos dizer que não há mudança significativa. O dicionário **Novo Aurélio** foi publicado em 1999, e Nunes (2008) nos ensina que o dicionário participa da construção do imaginário da língua nacional, ele produz um modo de dizer da sociedade e sobre a sociedade à qual vivemos.

O modo de dizer é a definição que está no dicionário e é resultado de um acúmulo de sentidos que faz com que o instrumento linguístico encontre seu lugar de legitimização dos sentidos das palavras. Ou seja, a descrição da definição que está no dicionário, de acordo com Nunes (2008), se dá de acordo com o imaginário do lexicógrafo, aquele que está escrevendo sobre essa determinada língua, descrevendo como ela deve se constituir.

Se observarmos a definição de “desigualdade” no dicionário **Caldas Aulete**, ainda há “desigualdade social”, no entanto, no dicionário **Novo Aurélio do século XXI**, essa definição não aparece. Encontramos nessa diferença esse funcionamento do imaginário do lexicógrafo, em um processo de silenciamento desse sentido de desigualdade como “social”. Acompanhamos o que diz Orlandi (2007):

Nem tampouco haveria, no silêncio, um sentido independente, autossuficiente, preexistente. Significa que o silêncio é a garantia do movimento de sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio. O silêncio não é pois, em nossa perspectiva, o “tudo” da linguagem. Nem o ideal do lugar do “outro”, como é tampouco o abismo dos sentidos. Ele é, sim, a possibilidade, para o sujeito, de trabalhar sua contradição constitutiva, a que a situa na relação “um” com o “múltiplo”, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que em todo o discurso sempre remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa. (ORLANDI, 2007, p. 23-24)

É interessante observarmos como a expressão “desigualdade social” não aparece em um dicionário mais recente que o **Caldas Aulete**, como nos diz Orlandi (2007), “o silêncio é o tudo da linguagem”, é o apagamento desse sentido, sua substituição por outros que significam de forma diferente ao estarem ligados nessa rede de sentidos que sempre remete a outro sentido, seja ele parecido ou não.

Desse modo, já entre os dicionários que abordamos aqui (RD1 e RD2), podemos perceber essa ruptura de sentidos. Em RD1, temos os sentidos já instituídos no interdiscurso e, além disso, a questão da “desigualdade social”; em RD2, esse sentido é silenciado, censurado, não parece, somente retoma os sentidos “comuns” para a palavra que estudamos aqui. Passamos para o Recorte 3 (RD3), para que possamos analisar o verbete no **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, publicado em 2009:

Desigualdade s.f (sXV) 1. Caráter, estado de coisas ou pessoas que não são iguais entre si; dessemelhança, diferença (d. Alturas) 2. Ausência de proporção, de equilíbrio (de idade, de forças) 3. Falta de uniformidade, de regularidade (de um terreno) 4. Falta de constância, de continuidade (de humor) 5. MAT expressão em que se comparam duas quantidades desiguais | SIN/VAR sinonímia de assimetria e contraposição | ANT ver sinonímia de assimetria e contraposição.

Fonte: **Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa (2009)**.

Na definição de “desigualdade” que temos no **Dicionário Houaiss**, a palavra “qualidade” é substituída por “caráter”, e a palavra “estado” aparece novamente, mas novamente não há menção para a “desigualdade social” que consta somente no **Dicionário Caldas Aulete**. Mas há algo interessante na presente definição, a frase “pessoas que não são iguais entre si”. O que significa a frase “pessoas que não são iguais entre si”? Vemos isso como uma paráfrase, segundo Orlandi (2015), é o retorno aos mesmos espaços do dizer, é uma formulação diferente, mas seu dizer ainda é o mesmo, reforçando esse sentido que está sedimentado.

Entre os três dicionários que apresentamos aqui, o **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete**, publicado em 1974, 5 volumes (RD1) ; **Dicionário Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa**, publicado em 1999 (RD2); **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, publicado em 2009 (RD3), podemos apreender que existem significados estabelecidos para o verbete “desigualdade” - “qualidade ou condição do que é desigual”, “qualidade ou estado daquele é desigual”, “caráter, estado de coisas ou pessoas que não são iguais entre si” -, rompendo apenas com a entrada do verbete como “desigualdade social” e “pessoas que não são iguais entre si”. Acompanhamos o que nos apresenta Pêcheux (2015b):

Diremos, então, que o “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma de universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação forma-sujeito. (PÊCHEUX, 2015b, p. 151)

Pêcheux nos diz que esse “sempre-já-aí” é esse lugar da interpelação ideológica, é quando lemos os significados no dicionário e percebemos a estabilização de sentidos, e essa estabilização vem justamente do interdiscurso, em nosso trabalho, podemos observar isso ao lermos as definições dos verbetes RD1, RD2 e RD3. Existem ali sentidos pré-construídos, mas podemos através da análise perceber onde essa contradição se instala, na “desigualdade social” (**Caldas Aulete**) e em “pessoas que não são iguais entre si” (**Houaiss**), essas definições são, como nos apresenta Orlandi (2015), as forças entre o mesmo e o diferente, a paráfrase e a polissemia. Observamos que o significado de “desigualdade social” é o que temos de novo entre esses recortes, o deslocamento, a ruptura (Orlandi, 2015), mas

“pessoas que não são iguais entre si”, inicia um processo de paráfrase em relação ao primeiro sentido do que falamos aqui, a repetição, em uma tentativa de estabilizar o sentido do qual estamos falando.

Passaremos para análise da sugestão de definição do verbete “desigualdade” que está contida no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, que chamamos de recorde discursivo 4 (RD4):

Desigualdade é a dificuldade enfrentada pela população mais vulnerável e marginalizada. **Exemplo:** “Além disso, todos os planos e medidas de reabertura segura devem almejar a redução de desigualdades e a melhora das condições educacionais e de saúde para a população mais vulnerável e marginalizada” (G1). Problema vivido pelos brasileiros na pandemia. **Exemplo:** “A pandemia aprofundou ainda mais a desigualdade entre os brasileiros em relação à educação, como mostra a reportagem de Renata Ribeiro” (G1). Problema crônico no Brasil. “É da natureza dessa doença se espalhar, contaminar a cidade, o estado, o país. Não é de 2020. Já faz bem mais tempo que esse vírus já é endêmico no Brasil; esse da desigualdade” (G1). Problema de ordem social enfrentado por alunos mais pobres e seus familiares, na educação, durante a pandemia do novo coronavírus. **Exemplo:** “Outro problema que ficou evidente na educação com a pandemia do Coronavírus é a desigualdade social e de acesso a tecnologias, o que causou um abismo entre aqueles que podem dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e outros que sequer possuem um dispositivo eletrônico com conexão à internet dentro de casa” (G1). Problema gerado pelas aulas on-line. **Exemplo:** “Os argumentos das autoridades, em geral, giram em torno da importância da educação e do combate às desigualdades trazidas pelas aulas on-line. Abordam também o baixo impacto das crianças nas cadeias de transmissão do novo Coronavírus” (G1). Problema possível de ser resolvido com a escola aberta. **Exemplo:** “O educador pontua que a escola precisa ser vista como prioridade e alerta que é necessário trabalhar para reduzir as desigualdades: ‘Vamos ter um fosso entre grupos, que se ampliou durante a pandemia, podendo ter consequências de médio e longo prazo. Precisamos trabalhar para fazer escolhas adequadas,

proporcionam se renova a cada acontecimento discursivo. Essa resignificação, de acordo com as condições de produção, é o que nos incentiva a estudar para identificar o que rompe ou o que segue com o que já está segmentado em dicionários anteriores. No vocabulário temático que tratamos aqui, fizemos a análise, partindo primeiramente de uma leitura única e outra detalhada, para logo após investigar os sentidos postos em cada sugestão de definição. Observamos que durante a definição, a palavra “problema” aparece cinco vezes, ligada a consequências que causam esse problema da desigualdade durante a pandemia no Brasil, entre eles, alguns como: condições educacionais e de saúde, de acesso a tecnologias, desigualdades que giram em torno da importância da educação.

Como nos salienta Pêcheux (2015b, p. 74), “a perspectiva está representada na teoria linguística atual do papel dado ao contexto ou à situação, como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e compreensão”. Ou seja, o “pano de fundo” que temos para a construção desse sentido da desigualdade como problema foi possível de ser formulado porque estávamos vivendo uma época de nossa história onde a desigualdade foi acentuada. O que nos guia a refletir sobre isso é a ausência da palavra “problema” nos recortes feitos em dicionários físicos de outras épocas. Em nenhum deles, a desigualdade é vista como algo que não é bom, ainda que a desigualdade social seja citada em RD1, nada é dito sobre ela, não há exemplo para nos ajudar a compreender o sentido que tal expressão assumia naquela época.

Já identificamos uma importante mudança, durante a pandemia, a desigualdade era vista como um problema, mas relacionado a quais situações? Na maioria das sugestões citadas no verbete, esse problema está ligado à educação ou à falta dela, ou até mesmo à dificuldade de acesso a ela para ter as aulas durante o período pandêmico. Em nossa análise foi possível perceber que no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, “desigualdade” é um problema ligado à educação precária que afeta os mais vulneráveis e nos dicionários, com exceção do **Caldas Aulete**, o senso comum, o interdiscurso do significado de “desigualdade” está posto como aquilo que é desigual, sem determinar o que causa essa condição. Vejamos o que nos diz Orlandi (2015):

A relação da ordem simbólica com o mundo se faz de tal modo que, para que haja sentido, como dissemos, é preciso que a língua como sistema sintático – passível de jogo, de equívoco, sujeita a falhas, se inscreva na

história. Essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a história. (ORLANDI, 2015, p.45)

No caso do verbete que estávamos nos propondo a analisar, é possível observar, como nos institui Orlandi (2015), a língua sendo passível desse equívoco, da falha, para que ela se inscreva na história em diferentes períodos da humanidade. O **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** registra esse deslocamento da desigualdade como condição de desigual para desigualdade como problema causado por algo, nesse caso, a falta de acesso à educação.

A definição de “desigualdade” que chamou nossa atenção, especialmente, pelo exemplo fornecido, é a seguinte: Problema crônico no Brasil. Exemplo: “É da natureza dessa doença se espalhar, contaminar a cidade, o estado, o país. Não é de 2020. Já faz bem mais tempo que esse vírus já é endêmico no Brasil; esse da desigualdade” (G1). Essa definição destaca a “desigualdade social” como um “problema crônico no Brasil”, estabelecendo uma conexão notável como significado na versão do ano de 1974 do **Dicionário Caldas Aulete**.

É interessante observar que essa definição do verbete sugere uma continuidade de significado em relação à “desigualdade social”, mantendo uma conexão histórica, enquanto outras definições podem apresentar rupturas significativas em relação ao que foi registrado como “desigualdade”.

Sabemos que a desigualdade já é uma marca registrada do nosso país, ela está presa em nosso imaginário, que, de acordo com Orlandi (2015), faz parte do funcionamento da linguagem. Ela surge das relações sociais na sociedade que são regidas pelas relações de poder. O exemplo que acompanha a sugestão de definição compara a desigualdade com um vírus, que já tomou conta do Brasil, outro discurso ao qual está no senso comum da população, que pertence a uma determinada FD em nosso país. Para refletir sobre isso, usaremos as palavras de Petri e Scherer (2016):

(...) é impossível para nós pensar que a palavra não guarda em si uma memória, uma memória da e na língua, mas fora dela, memória do lexicógrafo, mas também das condições de produção do seu aparecimento, não o primeiro, mas daquele que permanece, mesmo sendo apagado no sentido material do não aparecimento, uma vez unificada, ela, a palavra, traz no seu verbete o lugar da falha, o lugar do impossível, o lugar da falta, o lugar da história do sujeito e da língua (...) (PETRI; SCHERER, 2016, p. 371).

Assim como nos ensinam as professoras Petri e Scherer (2016) a palavra guarda além de sua memória, as condições de produção do seu aparecimento, e podemos dizer, dos seus sentidos. No caso do verbete “desigualdade”, dentro do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, podemos constatar dois movimentos: o de continuidade e também de ruptura. Continuidade por trazer o imaginário, do interdiscurso de que a desigualdade não é algo recente no Brasil, e a ruptura, que nos traz a desigualdade apontada como problema causado pelas dificuldades que o acesso à educação gera, aumentando essa diferença entre as pessoas, principalmente em um momento pandêmico no qual a educação à distância não favorecia os mais vulneráveis, como dito no próprio verbete.

4.2 O verbete “medo” e suas nuances azuis na maresia

Seguindo a nossa metodologia utilizada na análise do verbete “desigualdade”, faremos os mesmos procedimentos com a palavra “medo”, apresentando primeiramente seus recortes dos dicionários que selecionamos para trabalho e, após, adentrando o verbete que está no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. O primeiro dicionário a ser inserido em nossa análise é o já citado **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete** (1974), nosso RD5:

Medo, s.m terror, receio, susto, pavor, perturbação que se sente com a ideia de um perigo real ou aparente ou com a presença de alguma coisa estranha ou perigosa: O antigo soldado era um alma que não conhecia o medo (R. Da Silva) || Terror Vago: este medo, estes contínuos terrores que ainda não me deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade (Garret) || Temor, receio de ofender, de causar algum mal, de ser desagradável: Tenho medo de desgostar. || (pop) Alma do outro mundo: fantasma; visão fantasmagórica: Apareceu-me um medo lá pela noite velha || (fig) Meter medo em alguém com alguma pessoa ou coisa, fazer temer que dela possa vir mal. || Morrer de medo, assustar-se exageradamente (diz-se de pessoa extraordinariamente medrosa) || Ter medo da própria sombra. || Ter muito medo e pouca vergonha, temer o castigo, mas não fazer tenção de emendar.

Fonte: **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete**.

Na primeira definição do verbete “medo” do **Dicionário Caldas Aulete**, temos o conceito de medo vinculado ao terror, receio, susto, pavor e perigo. Durante todo o verbete, somos guiados a entender a palavra “medo” como algo que se relaciona com o sobrenatural, aquilo que está além da realidade tangível, mas causa esse sentimento. Até mesmo pelos exemplos utilizados que citam almas, fantasmas, temores e outras palavras que remetem ao medo como o que é sentido somente por circunstâncias ligadas ao hiperfísico, com poucas exceções como o exemplo “tenho medo de desgostar”. Apesar de ser citado o medo de um “perigo real ou aparente”, os sentidos desse verbete apontam para essa questão de que o medo é causado em sua grande maioria por coisas que não são ou não parecem verdadeiras e materiais. Segundo Orlandi (2015), “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”, então para o lexicógrafo em questão, medo estava mais relacionado com questões de ordem sobrenatural do que ligadas à realidade. Seguiremos para o Recorte Discursivo 6 (RD6) para analisar se os significados desses verbetes estão interligados:

Medo (ê) [Do Latim medu] S. m. 1. Sentimento de grande inquietação ante a noção do perigo real ou imaginário, de uma ameaça; susto, pavor, temor, terror. 2. Receio (1 e 2)

Fonte: **Dicionário Novo Aurélio** do Século XXI.

Ainda que com uma definição um pouco menor, o **Dicionário Novo Aurélio** traz significados muito semelhantes ao que vimos no **Dicionário Caldas Aulete**, mas sem expor exemplos que remetam à questão sobrenatural do medo. A palavra “medo” é descrita como um “sentimento” que pode ou não ser ligado a algo real ou irreal, mas não há uma insistência nesse tema, como existe em RD5, através dos exemplos. Ou seja, não há uma ruptura de sentidos do verbete nesses dois dicionários até então, ambos carregam sentidos semelhantes, estabilizados. Vejamos o que nos apresenta o Recorte Discursivo 7 (RD7), o verbete “medo” no **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, publicado em 2009:

Medo s.m. (sXIII) 1. PSIC. Estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que ao contrário, suscita essa consciência < m. Ao se sentir ameaçado >2.

Temor, ansiedade irracional ou fundamentada; receio <m. De tomar injeções>3. Apreensão em relação a (algo desagradável) < m. De decepcionar >

Fonte: **Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa.**

O único dicionário que apresenta uma data de surgimento para a palavra é o **Houaiss**, o que nos permite saber que o uso da mesma foi feito pela primeira vez por volta do século XIII, e também nos traz a informação do medo como psicológico, como um estado e apesar de citar que esse medo pode ser irracional, não mencionanenhuma causa sobrenatural, diferente do que vimos em RD5, se diferenciando de RD6 por ir além dessa classificação de “medo” somente como substantivo masculino, e com sentido de inquietação. Após conhecermos os significados de “medo” nesses três dicionários selecionados, sabendo que somente o último, RD7, causa um efeito de rompimento parcial por instituir o medo como psicológico, passamos para o que nos propõe o verbete sugerido pelo **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, nosso Recorte Discursivo 8 (RD8):

Medo é um estado emocional, sentimento de pavor de algo ou alguém. Pode-se ter medo da/de: altura, exposição, escuridão, solidão; [crise](#) (saúde, economia, educação), dor, perder algo ou alguém, morrer. Insegurança, ausência de coragem, desamparo. Se sentir desamparado e não ter controle da situação e partir para pensamentos negativos relacionados ao [contágio](#) do novo [coronavírus](#) e à morte. **Exemplo:** “Na pandemia, diante de um perigo invisível, a tensão aumenta, nos desequilibrando emocionalmente, pois nos coloca numa condição de desamparo pela dificuldade de – ilusoriamente – controlarmos a situação. Com isso, são comuns os pensamentos negativos, por vezes catastróficos, principalmente aqueles relacionados ao contágio e à morte” ([G1](#)). Síndrome, sufocamento, imaginação negativa, pressentimento, agonia, [ansiedade](#), apreensão, suor frio, tremedeira; pânico, descontrole, paralisação, paranoia, impotência diante de determinada situação. Fobia. Coronofobia. **Exemplo:** “O medo de que o menor sintoma signifique ter coronavírus, o pânico de contraí-lo ou de fazer muitos testes, como medir constantemente a temperatura, serão mais comuns do que antes” ([El País Brasil](#)). Medo/fobia: de contrair o novo coronavírus, causador da doença

covid-19; da intubação, da superlotação de hospitais, das sequelas, da morte; de perder o emprego e/ou familiares, de passar fome; de ser *maricas*, de não ser apenas uma *gripezinha*; de pessoas negacionistas. Preocupação. **Exemplo:** “Enquanto não houver uma vacinação em massa, a pandemia será motivo de grande preocupação para a população e continuará afetando o funcionamento das empresas” ([CNN Brasil](#)). Preocupação descontrolada diante de perdas. O medo pode variar considerando a situação de perigo iminente (quem/quando/como). **Exemplo:** “Entre os que tiveram algum parente, amigo ou conhecido morto pela doença, 61% disseram que o medo da pandemia ainda é muito grande ou grande. Já entre os que não sofreram perdas essa taxa cai para 43%” ([CNN Brasil](#)).

Fonte: **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.**

Figura 5 – Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.



Fonte: site do Vocabulário da pandemia do novocoronavírus.

A sugestão definição de “medo” que está no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** está totalmente voltada para o vírus que assolou nossa sociedade nos últimos três anos. É o medo do vírus, de perder pessoas próximas pela contaminação, é a ansiedade, o medo da morte, medo de sequelas, medo das perdas em geral. Nos chamou a atenção que o medo nesse verbete também é retratado como uma doença, a coronofobia, uma doença causada pela pandemia do novo coronavírus, e nenhum desses sentidos aparece nos dicionários tradicionais que abordamos aqui, nos mostrando o quanto as condições de produção são importantes para retomar ou romper determinados efeitos de sentidos.

Após a primeira definição do verbete “é um estado emocional, sentimento de pavor de algo ou alguém” que remete a uma continuidade do que nos dizem os dicionários tradicionais, é o medo retratado como uma doença, causada pelo coronavírus. São abordados aspectos como pânico, sufocamento, sintomas muitas vezes ligados a uma palavra citada no verbete “ansiedade”, medo das crises (econômicas, educacionais), de contrair o vírus. Como nos diz Pêcheux (2014a, p. 87), “o processo de produção de um discurso Dx (no estado n) resulta da composição das condições de produção de Dx (no estado n)”. Ou seja, esse efeito de sentido do medo como algo que é caracterizado como uma doença durante a pandemia só foi possível de existir devido às condições de produção em que estivemos nos últimos três anos, com todas as suas particularidades e diferenças que nos atingiam cada sujeito de forma única, influenciando também pela forma com que as informações eram disseminadas pelos veículos de comunicação, como a televisão e a internet.

Como nos ensina Orlandi (2016), a língua é o lugar material em que os efeitos de sentido se realizam. Isso é o que podemos ver na definição de “medo” do **Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus**, onde os sentidos de “medo” foram deslocados de pavor e receio, para uma gama de significados que envolvem medo de crises, medo de coisas reais como, a doença causada pelo vírus, e não mais pelo medo de eventos hiperfísicos.

Nos deparamos com a segunda definição de “medo” que está no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, e somos instigados a dar mais atenção aos sentidos aqui expostos e já citados anteriormente: “Síndrome, sufocamento, imaginação negativa, pressentimento, agonia, ansiedade, apreensão, suor frio, tremedeira; pânico, descontrole, paralisção, paranoia, impotência diante de determinada situação. Fobia. Coronofobia.” Nessa definição, há uma ruptura, um afastamento da concepção “tradicional” digamos assim, de medo como sendo susto, terror ou receio, os efeitos de sentido, que circularam durante a pandemia, foram responsáveis por afetar muitas pessoas, levando-as a um consumo elevado de remédios psiquiátricos para conter esse medo como uma condição patológica. Estudos feitos sobre o tema podem comprovar a circulação desse sentido¹⁹. Abaixo

¹⁹Vendas de medicamentos psiquiátricos disparam na pandemia. Disponível em: <https://site.cff.org.br/noticia/noticias-do-cff/16/03/2023/vendas-de-medicamentos-psi-quiatricos-disparam-na->

um trecho retirado de um artigo científico da autoria de LOPES *et al.* (2022):

Diante de um cenário pandêmico, o medo e a aflição de contrair a infecção, foi capaz de aumentar os níveis de estresse e a ansiedade em pessoas saudáveis, bem como exacerbar os sintomas em pessoas com transtornos mentais preexistentes (Hossain et al., 2020). Assim, com a necessidade de manter o isolamento social, muitos indivíduos desenvolveram sintomas de ansiedade, decorrentes de quadros de estresse pós-traumático e sintomas relacionados ao luto (Rego & Maia, 2021). (LOPES et al, 2022, p. 3)

Até mesmo estudiosos da área da saúde manifestaram preocupações com a possibilidade de o medo evoluir para doenças que atacassem a população durante esse período pandêmico, se tornando um transtorno passível de tratamento medicamentoso, como podemos observar pelos resultados da pesquisa feita:

(...) em diversas comunidades brasileiras, frente a ocorrência de casos de ansiedade e depressão, decorrente do período pandêmico. Nisso, foram identificados consumos elevados de medicamentos das classes dos benzodiazepínicos, antidepressivos tricíclicos e inibidores seletivos da receptação da serotonina, com destaque para drogas como o clonazepam, sertralina e amitriptilina, respectivamente. (LOPES et al, 2022, p. 10)

O medo deixou de ser sentido somente diante de coisas sobrenaturais e tornou-se algo real e causador de males para além dos já causados pelo novo coronavírus. Ao refletirmos sobre isso, trouxemos o que nos institui Orlandi (2022), não pretende-se “resgatar” sentidos verdadeiros, pois não se trata de algo que foi perdido ou esquecido. O surgimento de novos sentidos para a palavra medo não implica na exclusão dos antigos, que ainda circulam no imaginário, permanecendo no fio do discurso. Como nos salienta Pêcheux (2015b, p. 74) “a perspectiva está representada na teoria linguística atual do papel dado ao contexto ou à situação, como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e compreensão”. Entendemos que a apresentação dos sentidos de “medo” relacionados à doença só foi possível de devido à situação pandêmica que vivemos. Desse modo, esses sentidos registram apenas uma parte de nossa história, visto que os sentidos não se esgotam e podem se renovar de acordo com novas condições de produção.

4.3 Quando o canto das baleias se entrelaçam

Após a análise dos verbetes “desigualdade” e “medo” é hora de colocá-los lado a lado mais uma vez, como um casal de baleias que nada pelo mar, lado a lado, com algo que os liga, os faz ter sentido juntos. Abordamos aqui os sentidos que estão no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, no verbete “desigualdade”, após investigação, constatamos que a palavra está diretamente ligada à educação (ou à ausência dela). Uma das sugestões de definição até mesmo a institui como “disparidade que só pode ser superada pela educação”, ou seja, é uma desigualdade social crescente causada pela precariedade educacional.

No verbete “medo”, emergem receios relacionados à doença, ao medo da morte, à perda, sejade pessoas, emprego ou bens essenciais. Mas algo na primeira sugestão de definição liga a palavra “medo” e “desigualdade”. Observamos, então: “pode-se ter medo da/de: altura, exposição, escuridão, solidão; crise (saúde, economia, educação), dor, perder algo ou alguém, morrer”. Existe o medo da crise na educação, que por não ser acessível à todos, causa uma desigualdade tão grande em nosso país.

Os verbetes “desigualdade” e “medo” estão entrelaçados em seus sentidos pela palavra “educação”, ainda que o medo não seja definido exclusivamente por ela. São sentidos que se entrelaçam e estabelecem relações entre as palavras que eram utilizadas durante a pandemia. Mas, vale ressaltar, os sentidos não se esgotam aqui, como nos ensina Orlandi (2015, p. 46): “no entanto, nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm a sua materialidade e se constituem em processos que a língua, a história e a ideologia concorrem juntamente”.

4.4 O verbete “perspectiva”: uma determinada visão do navio.

O terceiro verbete selecionado para nossa análise é “perspectiva”. Essa palavra ocupou manchetes nos sites de notícia do Brasil, circulou pelas redes sociais, apareceu até mesmo na TV por diversas vezes durante os anos que compreenderam a pandemia do novo coronavírus. Por isso, despertou nosso interesse em estudá-la, compreender os sentidos que estavam estabilizados e

voltaram a se movimentar depois do ano de 2020. Seguindo nossa metodologia, começaremos a análise pelos dicionários apresentados anteriormente, em ordem decrescente de publicação. Vejamos, então, o verbete “perspectiva” de acordo com o **Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete**(1974), o chamamos de RD9:

Perspectiva, s.f. (fís) parte da óptica que ensina a representar sob um plano os objetos com todas as modificações aparentes, ou com os diversos aspectos que sua posição e situação determinam com relação a figura e à luz. || Pintura que representa jardins, edificações em distância e que se põe no fim de uma galeria ou de uma alameda de jardim para iludir a vista. || Aspecto em que se apresentam os objetos vistos de longe; panorama: Fecha a maga, saudosa perspectiva ao cabo da serrada da cordilheira de outeiros. (Garret) || Aparência, miragem: As perspectivas risonhas da corte. (Lat. Coelho) || Promessa, esperança; probabilidade: D. Gomes, soldado valoroso e aventureiro, que expunha a vida na perspectiva da morte ou da fortuna. (Camilo) || Eixo de perspectiva, linha reta, que é o lugar geométrico dos pontos de interseção dos raios homólogos de dois feixes perspectivos de retas. || Ter em perspectiva, esperar, contar com, ter como provável, obter.

Fonte: **Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete** (1974)

Logo no início de RD9, temos a abreviação “fís”, que de acordo com o dicionário em questão, indica que o verbete tem a definição vinda da área da Física. Podemos observar que a primeira definição de “perspectiva”, nos traz o significado dessa palavra estritamente no âmbito da física, em sua relação com “a figura e à luz”, e logo após como uma pintura, como um “objeto visto de longe”. Exemplos literários também estão presentes na definição, apresentando a “perspectiva” como “aparência”, ou “panorama”. Além da física, a “perspectiva” também se apresenta como “eixo de perspectiva”, sendo usada para questões da geometria. Por fim, a última definição, nos leva a expressão “ter em perspectiva” e “ter como provável”, apresentando o sentido de “algo que está por vir”.

De acordo com Petri (2020), “os dicionários trazem definições, exemplos, sinônimos, antônimos, homônimos, etc. e estão sinalizando para a remissão, estão propondo um trajeto de leitura possível”, ou seja, entendemos que a sequência em

que as definições estão colocadas é a que foi estruturada pelo sujeito lexicógrafo para sinalizar como o verbete deve ser lido e, principalmente, qual sentido deve se destacar em relação a outro. Quando observamos que a última definição do verbete “perspectiva” é a única que está desvincilhada de um contexto específico, enquanto as outras estão intimamente ligadas a questões da física, da geometria ou até mesmo da arte, percebemos que o caminho traçado pelo lexicógrafo inicia-se nas áreas específicas e termina com uma definição mais generalizada, que abre para diferentes sentidos para além das áreas já citadas. Isso é significativo para análise que estamos nos dedicando a desenvolver. Agora, passamos para o RD10, que é o nosso recorte feito no **Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa**(1999):

Perspectiva. [Do lat. *Perspectiva*]. S. f. 1. Arte de representar os objetos sobre um plano tais como se apresentam à vista. 2. Pintura que representa paisagens e edifícios a distância. 3. Aspecto dos objetos vistos de uma certa distância; panorama: “Quão tristonhos e acanhados lhe pareceram...os horizontes e os outeiros de Congonhas do Campo à vista das risonhas campinas e largas perspectivas da fazenda paterna!” (Bernardo Guimarães, *O seminarista*, p. 97). 4. Aparência, aspecto: “Ele [o homem] gosta de se contemplar, através da Saudade, - essa distância espiritual, que dá perspectiva eterna ao seu frágil ser transitório” (Teixeira de Pascoais, *Obras completas*, VII, p. 115) 5. Aspecto sob o qual uma coisa se apresenta; ponto de vista: Numa perspectiva egoística, tais atos não são condenáveis. 6. Expectativa, esperança, probabilidade: A perspectiva de uns dias de folga, calmou-lhe os nervos. **Em perspectiva**. Fig. Esperado no futuro.

Fonte: **Dicionário Novo Aurélio do Século XXI**.

Ao observarmos o verbete “perspectiva” no **Dicionário Aurélio**, logo percebemos que ele começa nos mostrando os sentidos da palavra inserida no contexto da Arte, definindo-a como a “Arte de representar os objetos sobre um plano”, diferentemente do que vimos em RD9, que prioriza os sentidos da palavra na área da Física. As definições de “perspectiva”, do 1 até o 5, nos levam a pensar em perspectiva como pintura, aparência, aspecto, utilizando-se de exemplos literários para ilustrar o uso da palavra. Mas ao final do verbete, temos “em perspectiva”, que

é a definição que se afasta das demais, sendo indicado pelo dicionário como “sentido figurado”, sendo aquilo que se espera do futuro.

Quando pensamos nas escolhas estabelecidas para a constituição da definição de “perspectiva” no **Dicionário Aurélio**, podemos perceber que há uma escolha de privilegiar os sentidos que estão relacionados à arte. Nas palavras de Petri (2020), acreditamos que “o sujeito produtor de discurso assume uma posição e nela se marca a inscrição de alguns saberes em detrimento de outros, uma direção em detrimento de tantas outras possíveis”. Ou seja, o sujeito lexicógrafo escolheu dar ênfase nas definições que estão relacionadas à arte, o que ocorre de forma diferente no **Dicionário Caldas Aulete**, onde a ênfase se dá na área da física. Isso não quer dizer que uma definição está correta e a outra errada, não trabalhamos com esses conceitos, ambas são definições válidas que correspondem a uma produção de sentidos diferentes. Após tais observações, passamos ao RD11, que foi retirado do **Dicionário Houaiss**(2009):

Perspectiva. S. f. Técnica de representação tridimensional que possibilita a ilusão de espessura e profundidade das figuras. 2. p. Met. Obra delineada segundo as regras dessa técnica. 3. p. ext. Vista ao longe até onde os olhos alcançam; prospectiva. 4. Configuração externa; aparência (os filhos dão uma perspectiva mais duradoura à sua existência). 5. Forma ou aparência sob a qual algo se apresenta (na perspectiva do capitalismo, esses conflitos são aceitáveis). 6. Sentimento de esperança; expectativa (a perspectiva de uma aposentadoria tranquila deixava-o feliz). **Ter em perspectiva**; contar com, ter como provável.

Fonte: **Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa (2009)**.

O **Dicionário Houaiss** apresenta como sua primeira definição a perspectiva como uma “técnica de representação tridimensional”, seguindo esse mesmo padrão para a segunda definição que é “obra delineada” de acordo com a técnica. Já na terceira definição, os significados de “perspectiva” começam a se generalizar, sendo “vista ao longe”, “forma ou aparência”, “sentimento de esperança”. O movimento, que observamos na constituição desse verbete em **Houaiss**, é o mesmo que está presente em RD09 e RD10, as definições partem de um contexto específico e vão até a generalização. É o que podemos observar com a última definição, que é “ter

em perspectiva”, tendo como significado “ter como provável”, assemelhando-se bastante com o que vimos em RD10, “em perspectiva” definido como algo que se espera no futuro. Após investigarmos quais os sentidos que estão postos para a palavra “perspectiva” nos dicionários, veremos o que consta no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, nosso RD12:

Perspectiva é uma projeção, uma representação de determinado(s) cenário(s) – pandêmicos/pós-pandêmicos –, como forma de visualização do porvir. **Exemplo:** “Do fechamento de escritórios nos centros ao uso obrigatório de máscaras e restrições impostas a restaurantes, as medidas de prevenção ao coronavírus transformaram a paisagem das cidades em todo o mundo, provavelmente numa perspectiva de longo prazo” ([G1](#)). Nessa direção, tendo em vista a [pandemia](#) do novo [coronavírus](#), ainda em 2020, não havia perspectivas em relação à estabilização ou à diminuição do índice de contaminação no Brasil: nesse caso, a perspectiva compreende incerteza. **Exemplo:** “Diante do aumento sustentado de novos casos e óbitos por covid-19 no país, o secretário substituto de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, Eduardo Macário, afirmou nesta quinta-feira (14) que ‘não há nenhuma perspectiva de estabilização ou até mesmo de diminuição’ da pandemia no país” ([R7](#)). Em razão disso, perspectiva é uma palavra empregada com o sentido de expectativa ou possibilidade, como algo que é da ordem do devir ou, ainda, como algo que se deseja que aconteça diante do cenário de combate ao novo coronavírus. Dessa forma, também pode ser empregada no sentido de esperança. **Exemplo:** “OMS abandonou previsões. Em agosto de 2020, antes das primeiras vacinas, a OMS previa que a pandemia poderia estar controlada até meados de 2022 no mundo. A perspectiva era de que a crise sanitária duraria dois anos. A perspectiva de erradicar o vírus era considerada como uma missão impossível. Mas um controle seria possível, com o mundo sendo preparado para conviver com o vírus” ([UOL](#)). **Exemplo:** “Também havia a perspectiva de que, uma vez descobertas, as vacinas seriam distribuídas de forma igualitária pelo mundo, algo que jamais ocorreu. Hoje, a esperança da OMS é que 10% da população de cada país possa ser vacinada até setembro. Mas dezenas deles continuam

a ter apenas 1% ou 2% de seus habitantes imunizados” ([UOL](#)). Perspectiva, com vistas às condições epidemiológicas do Brasil, pode ser associada às expectativas frente ao processo vacinal de [imunização](#) da população, de maneira que todos sejam beneficiados. **Exemplo:** “Uma pessoa pode estar com nível alto de anticorpos e ainda contrair a Covid-19. Mais do que isso, o esquema de vacinação não pode ser visto da perspectiva individual, se eu tenho ou não o direito de me vacinar, pois é um projeto coletivo, da sociedade” ([CNN](#)). Em razão da pandemia, houve mudanças demográficas, e, com isso, essa palavra, como sentido de perspectiva de vida, foi afetada. **Exemplo:** “Para homens, a pandemia reduziu a perspectiva de vida em 1,57 ano. Já as mulheres perderam, em média, 0,9 ano” ([CNN](#)). Com o novo coronavírus, as perspectivas quase foram colocadas em suspenso. No mundo, em função da [crise](#) sanitária instalada, mesmo com a diminuição das infecções e óbitos em decorrência da covid-19, não há projeções para o fim da pandemia. **Exemplo:** “Embora o acontecimento seja simbólico e reforce a melhoria contínua da pandemia no país durante os últimos meses, especialistas ouvidos pela BBC News Brasil entendem que é preciso colocar o fato em perspectiva e ter em mente que ainda há um longo caminho a ser percorrido antes de decretar o fim da crise sanitária” ([G1](#)). Por um lado, a palavra perspectiva abarca o sentido de possibilidade – como compreensão ou explicação – acerca da origem, bem como dos meios de propagação do novo coronavírus; o que demanda, ainda, estudos e pesquisas. É, pois, a ciência que auxiliará nessas perspectivas. **Exemplo:** “O próprio cientista diz que seu artigo não tem provas definitivas sobre como a pandemia começou – e é apresentado como uma ‘perspectiva’, categoria que a revista Science utiliza para textos interpretando informações que já são de conhecimento público” ([CNN](#)). Por outro lado, perspectiva abarca o sentido de expectativa distante – há um longo caminho de conscientização, medidas de proteção e prevenção, normas sanitárias, até que esse vírus seja erradicado –, mesmo que os registros de mortes pela doença tenham diminuído. **Exemplo:** “Embora o acontecimento seja simbólico e reforce a melhoria contínua da pandemia no país durante os últimos meses, especialistas ouvidos pela BBC News Brasil entendem que é preciso colocar o fato em perspectiva e ter em mente que

ainda há um longo caminho a ser percorrido antes de decretar o fim da crise sanitária” ([BBC](#)).

Fonte: **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**.

Figura 6 – Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.



Fonte: Site do Vocabulário da pandemia do novocoronavírus.

No **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, a primeira palavra usada para definir “perspectiva” é “projeção”, apresentada como “uma representação de determinado(s) cenário(s) – pandêmicos/pós-pandêmicos –, como forma de visualização do porvir”. Notamos que “projeção” não aparece em nenhuma das definições que estão nos dicionários apresentados, todavia, a perspectiva, como algo que está por vir, pode ser entendida como apresentando os mesmos sentidos que a definição que temos para “em perspectiva” que consta no **Dicionário Aurélio**, como algo que é esperado no futuro.

Porém, precisamos observar que a perspectiva durante a pandemia foi vista como essa representação de cenários pandêmicos e pós pandêmicos, refletindo a esperança de que a pandemia acabasse, que as vacinas chegassem com certa “rapidez”. Nisso, podemos identificar a aproximação de sentidos a perspectiva como “ter esperança” no **Dicionário Houaiss** e no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, onde “perspectiva” é vista como esperança para derrotar a pandemia, como algo que acontece para colaborar com o combate à contaminação pelo novo coronavírus. Até então, podemos perceber que alguns significados que foram

colocados de forma mais generalizada nos dicionários (**Caldas Aulete, Aurélio e Houaiss**) foram retomados durante a pandemia, adequando-se as condições de produção do discurso que vivemos entre 2020 e 2023.

Há um determinado sentido que foi usado durante a pandemia e não está representado em nenhum dos três dicionários citados em nossa pesquisa: a perspectiva vista como “perspectiva de vida”. No **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** temos a seguinte definição: “Em razão da pandemia, houve mudanças demográficas, e, com isso, essa palavra, como sentido de perspectiva de vida, foi afetada.”, em outras palavras, o aumento de mortes devido ao coronavírus resgatou esse sentido no fio do discurso, colocando-o em uso novamente.

Como nos ensina Orlandi (2022) “o discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre “pedaços”, “trajetos”, “estados do processo discursivo”. Portanto, entendemos que o uso de “perspectiva de vida” durante a pandemia do novo coronavírus é um resultado possível desse processo discursivo. Ou seja, “perspectiva de vida” é uma expressão resgatada nesse fio do discurso, como processo discursivo que foi possível devido às condições de produção do discurso que foram colocadas em funcionamento pela pandemia.

4.5 O verbete “narrativa”: o que dizem sobre esse navio?

Para seguir com nossa metodologia utilizada na análise do verbete “perspectiva”, nos propomos agora a fazer o mesmo com “narrativa”, apresentando os recortes feitos nos dicionários que selecionamos para a pesquisa, sendo o primeiro deles (RD13), o **Dicionário Caldas Aulete**(1974):

Narrativa s. f. Ação de narrar: O desgosto que a narrativa de certos fatos, que podiam vir a ser públicos, devia causar-lhes. (Herc.)|| Narração, exposição verbal ou escrita das circunstâncias de um fato ou uma série de fatos. || Conto, história, lenda: e a fé que havia naquelas descomunais narrativas, matéria que...não podia menos de cativar fortemente a atenção de todo o gênero de leitores. (Castilho). Aquela bela menina loura, que no começo desta narrativa costurava à luz do candeeiro do alabastro no palacete da Tijuca. (Aloísio de

Azevedo, Girândola, c. 13, p. 158.)|| F. Narrativo.

Fonte: **Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete** (1974).

A primeira definição de “narrativa” que temos é “ação de narrar”, seguida de um exemplo literário, que não é o único. Outros exemplos utilizados na definição para mostrar o uso da palavra, também são literários. A construção do verbete “narrativa” no interior do dicionário **Caldas Aulete** está ligada principalmente à Literatura, com uma exceção: a definição em que consta “exposição verbal ou escrita de um fato”, a qual nos faz pensar que a narrativa pode ser sobre elementos da vida real, distanciando-se da Literatura. No verbete “perspectiva”, no mesmo dicionário, também temos essa palavra inserida em uma determinada área, naquele caso, a Física, enquanto em “narrativa” temos a definição inserida em grande parte, na Literatura. O que podemos apreender disso é, quando o verbete é inserido em uma determinada área, seja ela a Física ou a Literatura, há uma tentativa (ilusão) de controlar os sentidos que estão postos no dicionário, em busca de uma certa estabilização.

Pêcheux traz à baila que “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é como uma sequência linguística fechada sob si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 2014b, p. 78). Por isso, entendemos que os sentidos de uma palavra registrados em um dicionário são aqueles que foram possíveis devido às condições de produção daquele instrumento linguístico. Como já sabemos, não há dicionário que possa conter todos os sentidos, o que temos são esses conjuntos de discursos possíveis, que produzem alguns sentidos em detrimento de outros. No caso do **Dicionário Caldas Aulete**, temos esse destaque para a questão literária, que podemos perceber através dos exemplos e definições.

Passamos, então, para o nosso Recorte Discursivo 14, que é o verbete “narrativa” no **Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa**(1999):

Narrativa. [F. Subst. de narrativo.] s.f. 1. A maneira de narrar. 2. Narração. 3. Conto, história.

Fonte: **Dicionário Novo Aurélio do Século XXI**.

O verbete “narrativa” no **Dicionário Aurélio**, como já percebemos em verbetes anteriores, é numerado, e temos a primeira definição como “A maneira de narrar”, trazendo o sentido de narrativa como uma história, uma notícia, ou até um fato pode ser narrado. A primeira diferença que podemos observar em relação a RD13 é o fato de que as definições começam com uma explicação mais generalizada, até o específico, que é a narrativa que está presente em contos e histórias. O verbete não é constituído de sentidos que pertencem somente a uma área; ele abrange sentidos de maneira ampla. Tanto no **Dicionário Caldas Aulete**, quanto no dicionário **Aurélio**, há a definição de narrativa como narração, e também como “ação de narrar” e “maneira de narrar” que nos levam aos mesmos sentidos, uma vez que ação e maneira são palavras de significados próximos, é a paráfase em funcionamento. O mesmo acontece com as definições que colocam narrativa como “conto” e “história”; ambas aparecem em RD13 e RD14, chamando a atenção para a estabilização desse sentido, como algo que está principalmente inserido na Literatura. Sabemos, então, que “narrativa”, no dicionário **Aurélio**, é essa maneira de narrar, pode ser um conto, uma narração. São esses sentidos que estão postos pelo lexicógrafo nesse instrumento linguístico. Conheceremos, agora, o nosso RD15, que é o mesmo verbete, no **Dicionário Houaiss** (2009):

Narrativa. s. f. 1. Ação, processo ou efeito de narrar; narração. 2. Exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou imagens. 3. Conto, história, caso. 4. O modo de narrar. 5. Lit. Prosa literária (conto, novela, romance etc.), caracterizada pela presença de personagens inseridos em situações imaginárias; ficção. 6. Lit. Conjunto das obras de determinado autor ou de uma determinada época, de um país etc. Ver sinonímia de *exposição*.

No **Dicionário Houaiss**, o verbete “narrativa” se apresenta de forma muito semelhante aos sentidos que encontramos em RD13 e RD14, trazendo a narração como um conto, história ou uma ação. Mas a segunda definição posta, difere um pouco do que pudemos ler nos outros dicionários, trazendo a “narrativa” como “exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou imagens”. Dos três dicionários que trouxemos, o **Houaiss** é o único que traz a narrativa como algo

desvencilhado da literatura, ainda que existam definições que são literárias, temos esse sentido de narrativa como algo que é contado por alguém, e que pode ou não ser factível. Observamos também, como ao fim do verbete há uma sinalização para outro verbete no interior do dicionário que é “exposição”, o que também traz o sentido de narrativa como algo que é exposto através das palavras, uma história que pode ser verdade ou não, pode ser uma versão de um acontecimento.

Retomando o que nos ensina Petri (2010), os sentidos estão em movimento dentro e fora do dicionário, as palavras têm sentidos registrados nos dicionários e outros que estão em funcionamento no discurso diário. Os sentidos usados para uma determinada palavra podem ou não constar no dicionário, no caso que abordamos aqui, os sentidos na área da Literatura ainda têm destaque, tanto que somente no RD15 temos uma definição para narrativa que está deslocada de uma área específica. A estabilização dos sentidos de narrativa como conto, parte da Literatura é visível nos três recortes que vimos até aqui, ainda que existam outros sentidos, eles não ocupam tanto espaço no interior dos instrumentos linguísticos que estudamos. A seguir, passamos para o RD16 dessa seção, o verbete “narrativa” no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus:**

Narrativa é um processo de exposição que se dá por meio da narração de determinado acontecimento, seja ele real ou fictício. Na [pandemia](#) do novo [coronavírus](#), houve o embate de inúmeras narrativas, dentre elas, algumas diziam que as [vacinas](#) – supostamente – teriam influenciado no aumento do número de mortes, em decorrência da covid-19. **Exemplo:** “É #FAKE que mortes por Covid têm aumentado em 2021 no Brasil em razão da vacinação da população. Dados mostram exatamente o contrário. Com o avanço da imunização, número de óbitos têm caído no país. Mensagem cria narrativa falsa e faz correlação sem sentido” ([G1](#)). Pode ser entendida, por isso, como uma formulação que sustenta um determinado posicionamento e/ou decisões na condução da gestão pública, frente à pandemia ocasionada pelo novo coronavírus. **Exemplo:** “Para a cúpula da CPI, ao mesmo tempo em que o governo Bolsonaro se empenhava em defender medicamentos sem eficácia, deixava as negociações de vacinas em segundo plano. Esta é outra narrativa que a base busca rebater” ([R7](#)). Compreende, também, um conjunto

de crenças e de valores que determinam o modo como um dado fato, episódio ou situação é apresentado; constitui o ideário que determina o que pode ou deve ser dito. No contexto da pandemia, o termo narrativa foi usado por forças e atores sociais posicionados em cenários referenciais distintos. De um lado, os que defendem a ciência, a pesquisa e o conhecimento legitimados pela comunidade científica internacional, além dos órgãos e dos mecanismos supranacionais que coordenam ações integradas em nível global, no que diz respeito à saúde e às questões sanitárias. De outro lado, aqueles que tratam dados científicos como se fossem passíveis de avaliação subjetiva, como se pudessem ser moldados pela liberdade de escolha de um ou outro profissional, motivados por interesses de grupos de pressão, quer sejam eles econômicos ou políticos. **Exemplo:** “Desinformação não é resfriado. Segundo ponto: (des)informação não se pega como resfriado. Segundo essa narrativa, as pessoas seriam suscetíveis a ‘vírus mentais’, como diria o biólogo britânico Richard Dawkins. E informações e ideias seriam transmitidas de uma pessoa para a outra como um patógeno oportunista” ([UOL](#)). Com a pandemia do novo coronavírus, muitos dos pacientes [infectados](#) relataram problemas com a memória, uma sensação de que esta foi prejudicada. Nessa direção, houve falhas de memória durante a pandemia, de modo que as narrativas fossem, algumas vezes, difíceis de serem organizadas. **Exemplo:** “Quando uma memória é diferenciada, vívida, pessoalmente envolvente e se torna uma narrativa que contamos muitas vezes desde então, podemos localizar essa memória exatamente na linha do tempo de nossa vida. Mas a maioria dos eventos em nossas vidas não é assim e, por isso, temos dificuldade de colocá-los precisamente no tempo. Essa questão é particularmente verdadeira para vários aspectos da pandemia” ([BBC](#)). Sobremaneira, na pandemia, as narrativas puderam ser utilizadas para disseminar *fake news*. Isso ocorreu, principalmente, através dos meios de comunicação, com o intuito de propagar uma informação inverídica. **Exemplo:** “‘A Empresa Brasil de Comunicação está sendo usada pelo atual governo federal para disseminar e reforçar narrativas negacionistas e governistas sobre a pandemia, que certamente prejudicaram o combate ao vírus da covid-19’, diz o documento, que tem por título ‘O uso indevido dos meios públicos de comunicação da EBC para

difusão de fake news e negacionismo sobre a pandemia de covid-19” ([Terra](#)). Por isso, no Brasil, as narrativas compreendem também expressões, geralmente utilizadas por meio de falas que podem influenciar, além da área da saúde, a área da economia. No início da pandemia, a narrativa de que uma vacina e/ou um tratamento eficaz fossem criados produzia certa esperança aos investidores, pois o número de contaminados poderia diminuir e mais pessoas retornariam ao trabalho e, conseqüentemente, consumiriam mais. **Exemplo:** “Vemos uma narrativa que influencia a percepção dos investidores. Você poderia dizer que o mercado pode subir quando estiver claramente confirmado que existe uma vacina ou tratamento” ([BBC](#)). Além disso, devido à necessidade de as atividades acadêmicas ocorrerem de forma on-line/remota, a criação de narrativas implica(ou) em um registro das vivências e das experiências que podem facilitar o processo de alfabetização das crianças, fomentando a produção de histórias. **Exemplo:** “Com apoio da família e da escola, mesmo durante as aulas remotas e isolamento social, a alfabetização foi um processo natural. Aulas de contação de história estimularam o pequeno a ler, escrever e criar suas próprias narrativas” ([R7](#)). A leitura de narrativas, nas suas mais diversas formas (livros, histórias em quadrinho, etc.), funciona(ou) como uma possibilidade de consolo em momentos nos quais as pessoas senti(r)am a sensação de solidão, devido ao [isolamento social](#). **Exemplo:** “Outro ponto consolador é o fato de que a leitura faz com que o leitor perceba que ele não está sozinho na vivência de suas adversidades’, pontua” ([G1](#)). Por conseguinte, as narrativas, nos livros, como formas de se contar uma história ao leitor, exerceram sua importância sobre a saúde mental das pessoas e proporcionaram momentos de [felicidade](#), bem-estar, alívio e estímulo para o enfrentamento dos [desafios](#) impostos pela pandemia durante o(s) período(s) de isolamento social. **Exemplo:** “Para ela, os livros são poderosos aliados para a nossa saúde mental e felicidade, mesmo em tempos de pandemia, uma vez que o hábito da leitura ajuda a avaliar novas perspectivas ou respostas, o que funciona inclusive como um alívio, pois nos permite desbravar os desafios enfrentados pelos personagens das narrativas” ([G1](#)).

Fonte: **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**

Além do significado de narrativa como algo falso, temos também a narrativa no âmbito político, uma vez que, durante a pandemia, vimos o embate de narrativas de diferentes campos políticos ocuparem as manchetes das notícias. O **Vocabulário** nos traz um exemplo para esse sentido de narrativa “Para a cúpula da CPI, ao mesmo tempo em que o governo Bolsonaro se empenhava em defender medicamentos sem eficácia, deixava as negociações de vacinas em segundo plano. Esta é outra narrativa que a base busca rebater”, ou seja, a narrativa durante a pandemia também era colocada como algo construído por uma oposição, algo que era passível de combate. A “narrativa” também é uma palavra bastante utilizada nas manchetes de grandes sites de notícias, a favor da mídia no sentido de amenizar as declarações controversas do Governo Federal durante a pandemia.

Entre 2020 e 2023, houve também discussões sobre validade da ciência para combater a pandemia que vivíamos, e devido a isso, surgiram também as narrativas pró-ciência e as narrativas negacionistas, essa retomada de sentido também aparece no **Vocabulário**. O exemplo dessa definição, nos auxilia a compreender como esse sentido de narrativa se construiu em tempos pandêmicos: “(des)informação não se pega como resfriado. Segundo essa narrativa, as pessoas seriam suscetíveis a ‘vírus mentais’, como diria o biólogo britânico Richard Dawkins”. No exemplo podemos entender que existem narrativas de desinformação, que estão em um embate com a narrativa científica, que buscava auxiliar para que houvesse uma baixa no número de contaminações, a palavra começa a ser usada como sinônimo de “discurso” durante esse período.

Para além dos sentidos já explicitados, durante a pandemia, observamos também a retomada do sentido de “narrativa” associada à Literatura. Os livros, enquantoas narrativas, desempenharam um papel crucial, ajudando as pessoas a manterem a saúde mental durante o isolamento causado pelo vírus. Além disso, incentivaram crianças a produzirem narrativas durante as aulas remotas. Essa retomada da narrativa como esse significado que está no âmbito literário, é um bom exemplo para pensarmos em como os sentidos se colocam no fio do discurso. As palavras existem, mas não há para elas um “início” ou um “fim” definidos. Diversos sentidos surgem devido às condições de produção do discurso, e em determinado momento histórico, um sentido se sobrepõe ao outro, tornando-se dominante.

CAPITULO V - Entre o que visão que temos do navio, e o que falam sobre ele.

Os verbetes “perspectiva” e “narrativa” tiveram em mesma medida, uma certa continuidade e também alterações em seus sentidos. Ao mesmo tempo que “perspectiva” ainda pode ser entendida como “parte da óptica que ensina a representar sob um plano os objetos com todas as modificações aparentes” (**Dicionário Caldas Aulete**), ou “arte de representar objetos” (**Dicionário Aurélio**) e também “técnica de representação tridimensional que possibilita a ilusão de espessura e profundidade das figuras” (**Dicionário Houaiss**), também temos os sentidos de “contar com, ter como provável” (**Dicionário Caldas Aulete**), ou algo “esperado no futuro” (**Dicionário Aurélio**).

Em tempos pandêmicos, essa palavra passou a ser usada para expressar um novo sentido, como vimos no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, onde aparece em exemplos como “perspectiva de vida”, para informar a porcentagem de redução de tempo que homens e mulheres tiveram devido às consequências da contaminação do novo coronavírus. Segundo Orlandi (2016) destaca:

(...) devemos em uma leitura que chamamos de discursiva, porque envolve o sujeito, a linguagem e a história, em seus processos de produção, expor nosso olhar leitor à opacidade da linguagem. (...) a linguagem tem sua materialidade, tem seu funcionamento baseado na relação estrutura/acontecimento. (ORLANDI, 2016, p. 151)

Ao nos apoiarmos nos conceitos de Orlandi (2016), compreendemos que mobilizar sujeito, linguagem e história é essencial para compreender como o funcionamento de uma palavra, como “perspectiva” e “narrativa”, se relaciona com a estrutura e o acontecimento, como a materialidade. Utilizando novamente as palavras de Orlandi (2016), “não há relação direta entre palavra e a coisa, o que há é a construção discursiva do referente”, ou seja, entendemos que a construção discursiva de um determinado sentido se dá na sua relação com a história e com a materialidade. No caso do verbe “perspectiva”, a materialidade que temos são as matérias utilizadas como exemplo no **Vocabulário**, que nos mostram como o acontecimento pandemia do novo coronavírus permitiu que o discurso fosse um e não outro.

O mesmo pode ser aplicado à palavra “narrativa”, que nos três dicionários,

Caldas Aulete, Aurélio e Houaiss, tem o sentido de “conto”, algo presente na Literatura, ao mesmo tempo em que abre espaço para outros sentidos como “exposição verbal” (**Caldas Aulete**) ou “maneira de narrar” (**Aurélio**) e ainda “Exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários” (**Houaiss**). Quando adentramos o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, “narrativa” também aparece como vimos na Literatura, mas emergem outros sentidos como narrativas que privilegiavam *fake news*, ou embate entre narrativas políticas ou entre pessoas pró-ciência e negacionistas. Essas narrativas que surgiram durante o período pandêmico também foram construídas através de “exposições”, mas foram utilizadas de forma diferente da qual pudemos ver nos dicionários, demonstrando um novo funcionamento.

Portanto, consideramos o que Pêcheux (2015) nos ensina sobre os pontos de deriva, expondo que podem haver diferentes sentidos para diferentes situações. É o que observamos nos verbetes “perspectiva” e “narrativa”, palavras que, ao serem usadas durante a pandemia, foram contextualizadas com outros sentidos, que se aproximam e se afastam daqueles encontramos nos dicionários.

5.1 O verbe “genocídio”: quando o movimento das ondas colapsa o navio.

O quinto verbe escolhido para análise é “genocídio”. Desde o início da pandemia, surgiram muitas polêmicas relacionadas aos políticos do Brasil, e com o aumento alarmante das mortes causadas pelo novo coronavírus, as notícias passaram a abordar a negligência com a população e tratar essa quantidade de mortes como um genocídio²⁰. O fato dessa palavra ter voltado a ocupar as mídias durante a pandemia nos levou a pensar sobre ela e analisar como esse verbe “genocídio” aparece nos dicionários. Inicialmente consultamos o **Dicionário Caldas Aulete** (1974), e constatamos que ele não possui o verbe genocídio. Por isso, avançaremos para o **Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa** (1999), que nomeamos como RD17:

Genocídio [De gen(o)2 + Cídio.] S. m. Crime contra a humanidade, que

²⁰ Disponível em: <https://portal.abant.org.br/morrendo-de-brasil-pandemia-genocidio-e-o-horror-de-500-mil-vidas-interrompidas/>. Acessado em novembro de 2023.

consiste em, com o intuito de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, cometer contra ele qualquer dos atos seguintes: matar membros seus; causar-lhes graves lesões à integridade física ou mental; submeter o grupo a condições de vida capazes de o destruir fisicamente, no todo ou em parte; adotar medida que visem a evitar nascimentos no seio do grupo; realizar a transferência forçada de crianças de um grupo para outro: “Quantas esperanças fundaram os alemães nos gases asfixiantes e na guerra bacteriológica!...E os que mais protestavam contra esses nefandos genocídios herdaram a idéia e continuaram estudos de aperfeiçoamento dela”. (Fidelino de Figueiredo, O medo da História, p. 153-154.

Fonte: **Dicionário Novo Aurélio do Século XXI**.

A primeira definição do **Dicionário Aurélio** para a palavra “genocídio” é “Crime contra a humanidade”, seguida por condições que mostram os elementos que caracterizam um genocídio. Chama nossa atenção, o exemplo utilizado no verbete, referindo-se aos alemães e aos “gases asfixiantes”, evocando a memória do genocídio judeu durante a Segunda Guerra Mundial. Esse exemplo resgata a conexão histórica da palavra “genocídio” com o massacre perpetrado pelos alemães contra os judeus, um grupo étnico-religioso. Apesar de mencionar os alemães, a responsabilidade deles pela morte de milhares de judeus é implicitamente entendida, não sendo explicitamente mencionada na definição de “genocídio”. Para compreender como essa questão do implícito opera, recorreremos às palavras de Pierre Achard (1999):

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re) construção, sob a restrição “no vazio” de que eles respeitem as formas que permitam a sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito reconstruído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo. (ACHARD, 1999, p. 13)

Entendemos, conforme as lições de Achard (1999), que o implícito constitui um imaginário memorizado. Nesse contexto, no verbete que estamos analisando, esse imaginário trata-se do Holocausto, e ele se manifesta de maneira implícita quando o exemplo cita os alemães e relembra, de forma indireta, as câmaras de gás

utilizadas para eliminar os judeus. As definições apresentadas para o verbete “genocídio” aparecem como paráfrases, ou seja, como outras formulações para um mesmo dizer que já está estabilizado. Compreendendo como a definição de genocídio foi articulada no **Dicionário Aurélio**, passamos para o nosso segundo recorte, no **Dicionário Houaiss** (2009), que foi denominado RD18:

Genocídio s. m. 1. Exterminio deliberado, parcial ou total de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso (o g. De judeus na Segunda Guerra Mundial) 2. P. ext. destruição de populações ou povos (uma guerra nuclear resultaria num verdadeiro genocídio) 3. Aniquilação de grupos humanos, o qual sem chegar ao assassinio em massa, inclui outras formas de extermínio como a prevenção de nascimentos, o sequestro sistemático de crianças dentro de um determinado grupo étnico, a submissão a condições insuportáveis de vida, etc.

Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa

Em RD18, notamos uma diferença significativa em relação à RD17, na primeira definição que é o exemplo colocado: “o g. De judeus na Segunda Guerra Mundial”. Aqui, o Holocausto é mencionado explicitamente como um genocídio, diferenciando-se do que vimos em RD17, em que esse acontecimento histórico aparece de forma implícita, no qual é preciso colocar a memória em funcionamento para entender o exemplo que ali está posto. Segundo Nunes (2006), o dicionário “tem uma história, constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos”, e podemos observar essa construção e atualização de uma memória no verbete “genocídio” que está no dicionário **Houaiss**. A definição retoma a memória do Holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial, mas apresenta novas formas nas quais a palavra genocídio é posta em funcionamento, como “destruição de populações”, “prevenção de nascimentos” ou “submissão a condições insuportáveis de vida”. Ou seja, há uma retomada de sentidos que circularam durante um acontecimento histórico, mas também podemos encontrar deslocamentos desses sentidos que já estão estabilizados nos dicionários. Pêcheux (1999) nos instrui sobre a estabilização e a regularização sob o “jogo de forças da memória”:

Em relação com a questão da regularização, a da repetição (dos itens lexicais e dos enunciados) prolongou o debate: a repetição é antes de tudo um efeito material que funda comutações e variações, e assegura –

sobretudo ao nível da frase escrita – o espaço de estabilidade de uma vulgata parafrástica, produzida por recorrência, quer dizer, por repetição literal dessa identidade material. (PÊCHEUX, 1999, p. 53)

Entendemos, de acordo com Pêcheux (1999), que a repetição encontrada em RD17 e RD18 nas definições de genocídio, tais como “Crime contra a humanidade” e “extermínio deliberado”, está relacionada implícitamente ou diretamente ao Holocausto judeu na Segunda Guerra. Essa repetição colabora para a estabilização do sentido de genocídio associada guerras e a uma comunidade étnica específica. Ao compreendermos essa memória do genocídio judaico expressa em RD17 e RD18, propomos agora acompanhar a definição de “genocídio” no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** (RD19):

Genocídio é uma palavra utilizada, nas atuais condições brasileiras de enfrentamento da [pandemia](#), para representar o extermínio, sobretudo dos grupos minoritários, que são afetados pelo novo [coronavírus](#). Representa a morte em massa e, com isso, a extinção do corpo e o apagamento dos sujeitos. O genocídio é considerado um crime contra a humanidade, justamente por compreender a morte completa ou parcial de determinados grupos e, por isso, é assim definido após os crimes serem julgados, o que ocorre por meio da Corte Penal Internacional (Tribunal Internacional de Justiça), localizada na cidade de Haia, nos Países Baixos ([Brasil Escola](#)). Especificamente, genocídio pode representar as mortes em excesso, em função dos altos índices de contaminação pelo novo coronavírus, ocasionados pela exposição a determinadas situações, sobretudo de vulnerabilidade. **Exemplo:** “Governos ignoram o genocídio praticado no transporte público” ([R7](#)). A gestão ineficaz das medidas que barram o contágio do novo coronavírus têm exposto milhões de brasileiros ao adoecimento e/ou à morte em decorrência das complicações geradas pela doença. Genocídio representa também o desaparecimento gradativo das populações indígenas, o que ocorre durante séculos, mas é potencializado em decorrência do avanço da pandemia do novo coronavírus. **Exemplo:** “Os indígenas afirmam que ‘o Estado brasileiro vem falhando gravemente no seu dever de proteger a saúde dos povos indígenas diante da covid-19, gerando o risco de extermínio de

muitos grupos étnicos', e que a situação diante da pandemia é tão grave que está em curso um 'genocídio'" (BBC). Com a pandemia de covid-19, as desigualdades sociais foram evidenciadas no Brasil: do total de mortos, diariamente, há uma relação com as vítimas pré-pandêmicas, a exemplo dos indígenas. Na sua grande maioria, são os mesmos corpos que morrem todos os dias. Possuem as mesmas cores, vêm dos mesmos lugares, estão sob condições semelhantes. A palavra genocídio pode, além de representar, caracterizar a gestão da pandemia no Brasil, considerando que são contabilizadas inúmeras mortes diariamente, desde o início do contágio e propagação do novo coronavírus. **Exemplo:** "Há indícios significativos para que autoridades brasileiras, entre elas o presidente, sejam investigadas por genocídio" ([El País](#)). A imprensa brasileira tem apresentado inúmeras críticas aos órgãos governamentais em relação à gestão ineficiente da pandemia. Há uma CPI em andamento para investigar possíveis crimes e responsabilizar os culpados. Observa-se a dizimação, principalmente de grupos étnicos específicos, sobre os quais, há muito tempo, naturalizou-se o seu apagamento. Genocídio é uma palavra utilizada para representar a consequência da falta de planejamento do governo nas estratégias que visam à vacinação massiva da população, no intuito de diminuir, concomitantemente, a contaminação, a internação e as mortes em função do novo coronavírus. **Exemplo:** "Com a vacinação a ritmo de tartaruga, o que estamos fazendo no Brasil é expor a população e deixar a seleção natural agir. Não é exagero falar em genocídio', disse Naime, da Unesp" ([R7](#)). Em março de 2021, por exemplo, o Brasil foi considerado como o epicentro da pandemia de covid-19 no mundo, superando os recordes, tanto de casos quanto de mortes. A vacinação lenta, devido, sobretudo, à falta de doses, contribuiu para que a disseminação do novo coronavírus não diminua consideravelmente.

Fonte: **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.**

Embora se reconheça neste artigo que o principal agente de desinformação seja o chefe do executivo brasileiro, Jair Bolsonaro, este não é indicado como agente único por entendermos que todo aparato estatal, instituições e demais agentes, nos três poderes e nos níveis federais, estaduais, municipais e distrital, são e foram coniventes, cúmplices, apoiadores ou omissos em relação às políticas ou à ausência delas no enfrentamento à pandemia. Por esse motivo, dizemos aqui que é o Estado brasileiro o responsável pelo genocídio no contexto da desordem informacional durante a pandemia de Covid-19. (PEREIRA, 2020, p. 2)

Entendemos que não somente o Presidente da República em exercício na época da pandemia, tal como foi citado acima, é o responsável pelo genocídio cometido pela negligência, mas todos que estavam envolvidos nesse aparato estatal, na época regido por ele. A posição-sujeito que o ex-presidente ocupou durante a pandemia, também corrobora o descaso de um governo que durante esse período trocou de ministros para reger seus interesses. De acordo com Venturini e Petri (2020):

Se, por um lado, não saiu às ruas em campanha eleitoral, por outro lado, em tempos de distanciamento social, já eleito, insiste em estar na rua e manter contato físico com os grupos que o seguem. Ao sair do Palácio, invariavelmente busca o corpo-a-corpo com seus asseclas, gente “do povo” que ele considera seus aliados, falando a eles de e sobre o seu governo, simplificando, ao máximo, questões de alta complexidade jurídica, econômica e social. Isso ocorre de forma mais contundente em feriados e finais de semana, quando se coloca sistematicamente contra a imprensa, transferindo responsabilidades de governo para as mídias em geral. Observa-se que, durante a pandemia do coronavírus, tais práticas se fortaleceram e o presidente da República insiste em contrapor-se ao que determina a OMS (Organização Mundial da Saúde) e, conseqüentemente, ao que determinava o ministro da Saúde, escolhido por ele mesmo, Luiz Henrique Mandetta. (VENTURINI; PETRI, 2020, p. 72)

Esse descaso, unido ao descumprimento das medidas que determinavam a OMS, autoridade no assunto, nos leva a compreender uma das definições que encontramos no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, que nos mostra, como esse sentido de genocídio circulou em tempos pandêmicos: “Genocídio é uma palavra utilizada para representar a consequência da falta de planejamento do governo nas estratégias que visam à vacinação massiva da população, no intuito de diminuir, concomitantemente, a contaminação, a internação e as mortes em função do novo coronavírus”. A irresponsabilidade governamental foi a causa do genocídio

brasileiro durante a pandemia, ainda que existam controvérsias e discordâncias sobre isso. Outra definição, que está no **Vocabulário**, cita também os povos indígenas, o que nos faz retomar os sentidos que estão presentes em RD17 e RD18, “extermínio deliberado de um grupo étnico” seja total ou parcial como aconteceu em nosso país.

Nos recortes RD17 e RD18, percebemos o sentido de extermínio de um povo estabilizado para “genocídio”. Os exemplos fornecidos sugerem que esse conceito é comumente aplicado em contextos de conflitos armados e guerras. Mas, a situação que testemunhamos no Brasil não se relaciona com esse tipo de conflito. Surgem certas estranhezas ao falarmos de um genocídio que não está diretamente relacionado a grandes guerras, ainda que esse sentido tenha circulado em matérias, jornais e na TV durante a pandemia. A aceitação desse termo ainda encontra resistência. A palavra “genocídio” possui origem, de acordo com Campos (2008):

Anteriormente havia o vocábulo russo **program**, que designava os movimentos populares acompanhados de pilhagens e assassinatos, com cumplicidade ou omissão das autoridades públicas. (...). O idioma iídiche se utilizou do termo para designar principalmente movimentos dirigidos contra judeus no período de 1881 a 1921, predominantemente ocorridos na Ucrânia. (CAMPOS, 2008, p. 92)

A palavra “program” era utilizada antes do surgimento da palavra genocídio e surgiu para nomear os crimes que aconteceram contra os judeus. Isso nos remete, mais uma vez, à memória não só do Holocausto, mas também à perseguição sofrida pelos judeus nessa época. De fato a palavra “genocídio” aparece somente em 1944, sendo cunhada pelo jurista polonês Raphael Lemkin, quando ele definiu genocídio como:

Através de ‘genocídio’ queremos significar a destruição de uma nação ou de um grupo étnico. A palavra, cunhada pelo autor para denotar uma prática antiga em seu estágio atual, é formada pelo Grego antigo *genos* (raça, tribo) e pelo Latim *cide* (matar), correspondendo assim à formação de palavras como *tiranocídio*, *homicídio*, *infanticídio*. Em geral, genocídio não significa necessariamente a destruição imediata de uma nação, a não ser quando consumada pelo assassinato de todos os seus membros. Quer exprimir um plano coordenado de diferentes ações que convergem à destruição de alicerces essenciais da vida de grupos nacionais, com o objetivo de eliminar os próprios grupos. (LEMKIN, 1944, p. 79, tradução da autora).

A definição apresentada por Lemkin se assemelha àquela encontrada nos

dicionários RD17 e RD18, nos lembrando novamente dos sentidos relacionados ao extermínio. Mas, destacamos um trecho da definição de Lemkin que descreve o genocídio como algo que busca “expressar um plano coordenado de diferentes ações que convergem à destruição de alicerces essenciais da vida de grupos nacionais, com o objetivo de eliminar os próprios grupos”. Esse trecho nos faz pensar no que está posto no **Vocabulário**: “A gestão ineficaz das medidas que barram o contágio do novo coronavírus tem exposto milhões de brasileiros ao adoecimento e/ou à morte em decorrência das complicações geradas pela doença”. Durante a pandemia, a gestão ineficaz do governo é considerada como um plano (ou a falta dele) coordenado para destruir esses alicerces essenciais da vida em um determinado grupo.

Assim, entendemos que há um imaginário em funcionamento associado à palavra genocídio, produzindo esse sentido no qual ele só aconteceria em momentos históricos como em uma guerra. Isso causa determinada resistência para aceitar a palavra em outras condições de produção do discurso, como a pandemia de covid-19, por exemplo. Todavia, se levarmos em conta as definições de genocídio que estão presentes em RD17, RD18 e RD19, compreendemos que existem parâmetros que caracterizam um genocídio, e é através deles que a história poderá comprovar o genocídio que acometeu Brasil entre os anos de 2020 e de 2023.

5.2 O verbete “pandemia”: a tempestade que bagunçou nossas vidas.

O sexto verbete selecionado para análise é “pandemia”. Essa palavra é uma antiga conhecida (citada neste trabalho quase uma centena de vezes até este momento da escrita), sendo usada para lembrar de acontecimentos históricos um tanto distantes, como a peste negra, por exemplo. Como mostramos desde o primeiro capítulo da presente dissertação, trata-se de uma palavra essencial, muitas pandemias aconteceram ao longo da história da humanidade, cada uma com suas particularidades, suas próprias condições de produção, até chegar em nosso tempo presente. Em dezembro de 2019, quando surge a confirmação da primeira contaminação por covid-19 em Wuhan, na China, a OMS alertou para o alto nível de contaminação, que efetivamente chegaria ao Brasil em março de 2020. Foi com o início dessa contaminação que a palavra “pandemia” passou a aparecer nos telejornais, nos sites de notícia, nas redes sociais. Algo que parecia distante, se

tornou presente em nossas vidas como cidadãos brasileiros, nos colocando diante de uma pandemia que prejudicaria não só o Brasil, mas o mundo inteiro. É devido a isso que surge o interesse sobre a palavra “pandemia”, e o que está posto sobre ela nos dicionários e também no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. Passamos então, para o que está posto no dicionário **Caldas Aulete (1974)**, que nessa seção, chamamos de RD20:

PANDEMIA, s.f doença que ataca muitos indivíduos na mesma ou em diversas localidades: A tenebrosa pandemia da influenza que por todo mundo dizimou com espanto. (Ric Jorge, Serm. De um leigo, p. 296, ed. 1925) || F. Gr. Pan (todo) + ia.

Fonte: **Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete (1974)**.

A definição que temos para “pandemia” no dicionário **Caldas Aulete** é “doença que ataca muitos indivíduos na mesma ou em diversas localidades”, nos apresentando como exemplo um trecho retirado de uma obra literária que cita o vírus “influenza”. O exemplo apresentado na definição, apesar de ser um trecho de uma obra literária, traz um elemento que esteve também fora da narrativa literária, no caso a “influenza”. O que devemos reter é que a “pandemia” está diretamente associada a uma doença que pode se espalhar por uma ou demais regiões. O fato da palavra “doença” estar na definição, leva-nos a compreender que, independentemente do vírus ou da doença em questão, ela adquire a característica de pandemia quando atinge muitos sujeitos. Guardamos essa definição e, dessa forma, passamos para nosso RD21, retirado do **Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa (1999)**:

Pandemia [Do Gr. Pandemía] S. f. Med. Doença epidêmica amplamente difundida.

Fonte: **Dicionário Novo Aurélio do Século XXI**.

Logo no início da definição de “pandemia” no dicionário **Novo Aurélio**, temos a indicação de que o significado da palavra advém da medicina, o que se diferencia da definição que está posta no dicionário **Caldas Aulete**, onde vimos que “pandemia” é “uma doença que ataca muitos indivíduos” e em RD21 a pandemia é

colocada como “doença epidêmica”. Atualmente, o que diferencia uma epidemia de uma pandemia, são limites muito tênues, na maioria das vezes, a epidemia é vista como um dos estágios anteriores a pandemia²¹, que se caracteriza por ser uma doença “amplamente difundida” como nos aponta o dicionário **Novo Aurélio**. Há uma sutil mudança de vocabulário entre RD20 e RD21, uma vez que o primeiro nos apresenta a pandemia como uma doença que se espalha por diversas localidades, e nos traz um exemplo de uso da palavra, RD21 contém esse significado “restrito” a área médica quando indica a abreviação “med” logo no início do verbete, junto a palavras que estão ligadas a essa área específica, como “epidêmica”. Como vimos na análise de outros verbetes, ao indicar uma área específica na definição do verbete, temos essa tentativa de controlar os sentidos, uma vez que somos guiados a realizar a leitura do significado da palavra estando restrito a área que está posta.

Seguimos para o nosso RD22, que é o recorte do verbete “pandemia” retirado do **Dicionário Houaiss** (2009):

Pandemia s. f. MED enfermidade epidêmica amplamente disseminada. ETIM gr. Pandemía/as ‘o povo inteiro’. Ver sinonímia de epidemia.

Fonte: **Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa**.

Observamos que, assim como em RD21, em RD22 há no início da definição a indicação da área médica, mais uma vez sugerindo, que a palavra “pandemia” é utilizada nesse meio, limitando seus sentidos a esse âmbito específico. É apenas em RD20 não há nenhuma indicação de área ou especialidade, mas as definições postas nos três dicionários assemelham-se através de sinônimos utilizados pelos lexicógrafos responsáveis por cada objeto discursivo que tratamos na presente dissertação. Mesmo com palavras diferentes, RD20, RD21 e RD22 definem pandemia como uma doença/enfermidade que é disseminada em grande escala. Todas as definições são apresentadas de forma sucinta, e algumas delas, como vemos em RD21 e RD22, não incluem exemplos.

Orlandi nos ensina que “a lexicografia discursiva vê nos dicionários, discursos. (...) na escuta própria a Análise de Discurso, podemos ler os dicionários

²¹Entenda o que é uma pandemia e as diferenças entre surto, epidemia e endemia. Disponível em: <

como processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória da língua” (2002, p. 103), vemos no verbete “pandemia” nos três dicionários, essa “rede de memória” da língua, em RD20 com o exemplo (influenza) e em RD21 e RD22 com essa tentativa de estabilização do sentido usado na área médica, dando aos leitores do dicionário essa ilusão de completude dos sentidos. O fato de que em RD21 e RD22 não há menção a nenhuma doença específica torna possível a interpretação de que qualquer doença contagiosa pode se tornar a causa de uma pandemia. Enquanto em RD20 traz à baila uma pandemia que realmente aconteceu para exemplificar a definição, a ausência de exemplos nesses casos sugere que diferentes doenças podem ser a causa do que está estabelecido como pandemia. Ou seja, a palavra “pandemia” está intimamente ligada à “doença”, mas não uma doença qualquer, uma doença que é contagiosa.

Seguindo nossa análise, vejamos o que está posto no **Vocabulário da Pandemia do novo coronavírus**, nosso RD23:

Pandemia é causada por uma doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente entre a população mundial. **Exemplo:** “A OMS tem tratado da disseminação em uma escala de tempo muito curta, e estamos muito preocupados com os níveis alarmantes de contaminação. Por essa razão, consideramos que o Covid-19 pode ser caracterizado como uma pandemia” ([Fiocruz](#)). Uma pandemia e uma epidemia têm a mesma origem, o que muda é a escala da disseminação da doença. **Exemplo:** “Uma enfermidade se torna uma pandemia quando atinge níveis mundiais, ou seja, quando determinado agente se dissemina em diversos países ou continentes, usualmente afetando um grande número de pessoas” ([Instituto Butantan](#)). A palavra pandemia tem sua origem no grego *pandemias* e, em breve tradução, significa “todo o povo”. A pandemia causada pela covid-19 pode ser controlada com a aplicação da [vacina](#) na população e, também, com medidas de [distanciamento social](#), uso de [máscara](#), cuidados de higiene, evitando [aglomeração](#) etc. **Exemplo:** “‘Temos que conseguir alta cobertura de duas doses e só a partir de 75-80% de cobertura da segunda dose conseguiremos controlar a pandemia. Antes disso não dá para discutir imunidade coletiva ou controle da pandemia’, alerta Alfredo Scaff,

epidemiologista da Fundação do Câncer” ([G1](#)). A pandemia tem efeitos e prejuízos que vão além dos problemas de/na saúde, já que a partir dela se destacam as diferenças sociais e econômicas da sociedade. **Exemplo:** “A população fica tentando desvincular a pandemia de trabalho, de sociedade, de economia e é tudo vinculado. Se nós não combatermos a Covid-19 enquanto nação, não haverá redução da desigualdade, não haverá redução da fome. Isso não pode ser visto a curto prazo ou individualmente, são medidas que devem ser tomadas nacionalmente” ([CNN Brasil](#)). Além da covid-19, também receberam o *status* de pandemia: peste de Justiniano (541-542), peste negra (1346-1453), pandemia de cólera (1852-1860), [gripe](#) espanhola (1918-1920) e gripe suína (2009-2010). **Exemplo:** “Uma maneira fácil de pensar numa pandemia... é dizer: uma pandemia é um surto global. Então você pode se perguntar: ‘O que é um surto global’? Um surto global significa que vemos a propagação do agente... e depois vemos as atividades [ou sintomas] da doença para além da propagação do vírus” ([Politize](#)).

Fonte: **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**

também é vista em RD23, assim como em RD20 e RD22, que nos mostra que “pandemia” tem origem etimológica no Latim, significando “o povo todo/o povo inteiro”. Os dicionários que trabalhamos, que não são de especialidade, trazem os significados de pandemia de forma generalizada, já no **Vocabulário** temático que abordamos esses significados, aparecem com definições que abrangem possíveis soluções para a pandemia como podemos ver em “A pandemia causada pela covid-19 pode ser controlada com a aplicação da [vacina](#) na população e, também, com medidas de [distanciamento social](#), uso de [máscara](#), cuidados de higiene, evitando [aglomeração](#) etc.”, que nos mostra quais eram os métodos que auxiliariam no controle da doença.

Nesse mesmo trecho de RD23, podemos ver que algumas palavras apresentam um “hiperlink”, como “vacina”, “máscara”, “distanciamento social”, e “aglomeração”, que nos encaminham para outro link, no qual é possível ter acesso a esses verbetes. De acordo com Silva (2003) e Petri (2018), esse movimento, em que uma palavra encaminha para outras no interior de um instrumento linguístico se chama “palavra-puxa-palavra”, que estabelece relações entre palavras que podem estar próximas uma da outra, e no caso do vocabulário, auxiliam na compreensão do que está posto, guiando para outras palavras do mesmo “sítio significante pandêmico”. Uma vez que há a possibilidade de consultar essas palavras em “hiperlink”, assim como percebemos em alguns dicionários, a observação para consultar outras palavras, em RD22, por exemplo “Ver sinonímia de epidemia”. O efeito “palavra-puxa-palavra” também auxilia o leitor a estabelecer relações de interpretação no interior do vocabulário, sejam elas de aproximação, ou afastamento.

Nos dicionários, podemos observar as menções a palavra “epidemia” (em RD20, RD21, e RD22), mas não se estabelece uma diferença entre ela e “pandemia”. Já no **Vocabulário**, a definição mostra o que diferencia uma pandemia de uma epidemia, como podemos acompanhar a seguir: “Uma pandemia e uma epidemia têm a mesma origem, o que muda é a escala da disseminação da doença.”, ou seja, nos dicionários é possível entender que os sentidos de pandemia e epidemia são tênues, mas que em tempos de covid-19, essas palavras se distanciaram, de modo a assumir diferentes significados, sendo pandemia uma contaminação em grande escala, e a epidemia uma contaminação considerada menor. A definição de pandemia que se diferencia de epidemia faz parte de uma

“atualização, a textualização da memória” (Orlandi, 2022, p. 21), uma vez que durante o período pandêmico havia muitas dúvidas sobre qual palavra deveria ser usada para nomear o momento que vivemos, ainda que a OMS tenha estabelecido como “pandemia”. Ou seja, a palavra epidemia já não é vista como sinônimo, e sim como uma parte do processo que resulta em uma pandemia.

Uma das definições também relaciona a pandemia a outros aspectos vividos na sociedade “A pandemia tem efeitos e prejuízos que vão além dos problemas de/na saúde, já que a partir dela se destacam as diferenças sociais e econômicas da sociedade”. Ou seja, para além da doença altamente contagiosa, a pandemia também foi vista como um agravante nos problemas sociais e econômicos, o que se atesta através do número de mortos, de pessoas desempregadas e também do nível de contaminação. Podemos depreender que na definição de pandemia como um todo no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, há uma preocupação de definir pandemia, mas também de trazer à baila como frear a contaminação e também quais as consequências causadas pelo vírus. Nos dicionários, vemos uma generalização que pode abranger todas as pandemias, gerando uma evidência de sentido, que nada mais é do que um efeito ideológico (Orlandi, 2015, p. 43), ao passo que no vocabulário, as definições atestam as condições de produção em que foram escritas, mostrando o encontro entre a memória e a atualidade.

5.3 Quando a tempestade ceifa vidas: entre a pandemia e o genocídio.

Os verbetes “genocídio” e “pandemia” assumiram definições que se aproximam e se afastam do que encontramos nos dicionários durante a pandemia do novo coronavírus, abrindo caminho para outros sentidos estritamente relacionados às condições de produção pandêmicas que tornaram possível que o discurso sobre essas palavras fossem um e não outro.

Nos dicionários, o verbe “genocídio” é definido como “crime contra a humanidade (...) com o intuito de destruir” (RD20) e “extermínio deliberado, parcial ou total de uma comunidade” (RD21). Ambas as definições ligadas estão implícitamente e explicitamente ligadas, respectivamente, ao Holocausto e também a guerras em geral. É possível perceber que essa palavra está associada a uma rede de memória que remete ao Holocausto, à Segunda Guerra Mundial e também à extinção de povos minoritários.

Todavia, durante a pandemia a palavra “genocídio” passou a ser usada em outro contexto, que não estava relacionado a uma guerra, mas sim à negligência por parte dos representantes do Governo Federal brasileiro. Os sentidos que se associaram a esse verbete durante o período pandêmico aproximam-se dos que encontrados em RD20 e RD21 no que se refere ao extermínio e ao crime contra a humanidade, mas se afastam quando o contexto não é de guerra, e sim de uma crise sanitária, de uma pandemia. De acordo com Pêcheux (2015):

(...) é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes. (PÊCHEUX, 2015, p. 53)

Assim, compreendemos que é o “outro” citado por Pêcheux que nos permite interpretar a palavra “genocídio” como “uma palavra utilizada para representar a consequência da falta de planejamento do governo nas estratégias que visam à vacinação massiva da população, no intuito de diminuir, concomitantemente, a contaminação, a internação e as mortes em função do novo coronavírus.” (RD22). O movimento das filiações históricas relacionadas à palavra “genocídio”, aliado às condições de produção, permitiu o afastamento dessa palavra do contexto de guerra, aproximando-a de uma emergência sanitária. Lembramos que, embora o genocídio esteja relacionado à pandemia, não foi a pandemia que causou um genocídio, assim como não foi a guerra que causou o Holocausto, há um agente maior. No caso da pandemia, foi a sua má gestão por conta do Governo Federal que causou a morte em massa, principalmente das classes e etnias menos favorecidas²². É inegável que a pandemia causou muitas mortes, mas elas poderiam ter sido evitadas, caso o responsável, o Governo Federal, tivesse tomado as devidas atitudes para atenuar a situação.

Vimos que a palavra “genocídio”, com origem em 1944, surge em contexto histórico relacionado ao Holocausto e ao extermínio dos judeus. Durante a pandemia, no entanto, novos significados foram atribuídos a essa palavra. Antes desse período, para descrever o extermínio de judeus na Ucrânia, usava-se a

²² “Negros têm 1,5 vezes mais chances de morrer por Covid-19 no Brasil, diz OCDE”. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/negros-tem-15-mais-chance-de-morrer-por-covid-19-no-brasil-diz-ocde/>> Acesso em 2 de janeiro de 2024.

palavra "progrum". A história da palavra "genocídio" remete ao Holocausto, mas em meio à pandemia, ela adquire sentidos adicionais. Conforme nos ensina Petri (2017):

O espaço da história é da ordem do simbólico, ao qual se tem acesso apenas à superfície, sendo que nela se pode observar o tempo produzindo sentidos, ela se pode inscrever um pouco de cada interpretação, um pouco do tempo presente. O que é produzido no tempo presente, pode sim, alterar os sentidos sobre o passado. É preciso levar em conta a história, mas ela não existe fechada em si mesma, é aberta à interpretação, é sujeita a alterações. (PETRI, 2017, p. 218)

Podemos observar na definição de genocídio do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** “o tempo produzindo sentidos”, uma vez que a pandemia faz parte das condições de produção que tornaram possíveis um certo afastamento da definição que temos nos dicionários, apresentando o genocídio como um extermínio que é resultado de uma má gestão de recursos para evitar a contaminação, ao contrário do que aconteceu contra os judeus, em que as ações eram direcionadas a matar, não havia ausência delas.

O verbete “pandemia” nos dicionários, possui um dizer estabilizado em definições sucintas “doença que ataca muitos indivíduos” e “doença amplamente difundida”, diferenciando-se dos outros verbetes que apresentamos neste trabalho, que possuem uma descrição mais extensa. Como já dissemos, o início da primeira onda de covid-19 trouxe à tona muitas dúvidas à população, entre elas, qual palavra deveria ser usada para nomear aquele evento histórico. A OMS declarou a pandemia do novo coronavírus apenas dois meses após o início das infecções registradas em Wuhan, na China, e o uso dessa palavra corroborou para que mundialmente os países entrassem em estado de alerta.

No **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, “pandemia” não é somente “causada por uma doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente entre a população mundial”, ela também é vista como uma causadora de “prejuízos que vai além dos problemas de/na saúde, já que a partir dela se destacam as diferenças sociais e econômicas da sociedade”. Ou seja, a pandemia além de causar mortes pelo vírus, também atinge em maior ou menor medida as diferenças sociais e econômicas, ampliando seus efeitos para além daqueles que foram contaminados.

Enquanto nos dicionários encontramos processos de paráfrase, no

Vocabulário observamos o funcionamento da polissemia, tanto em “genocídio” como em “pandemia”. Segundo Orlandi o “jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo o dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia.” (ORLANDI, 2015, p. 36). No **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, encontramos essa tensão entre a paráfrase e a polissemia, ao mesmo tempo em que sentidos “estabilizados” são retomados, um novo caminho se abre para que outros sentidos (polissemia) estejam presentes ali.

Dessa forma, existe um entrelaçamento entre as palavras “genocídio” e “pandemia”, uma vez que os sentidos atribuídos à elas durante o período de 2020 até 2023, as torna indissociáveis. O descaso com a pandemia no Brasil teve como consequência muitas mortes, levou milhares de vidas, o que pode vir a se caracterizar como um extermínio perante a história. A omissão por parte do Governo Federal permitiu que o número de mortos fosse tão alto como conhecemos, nos levando a pensar em como as condições de produção levaram os sentidos da palavra “genocídio” a se afastar da questão da “guerra” e se aproximar de uma “emergência sanitária”, uma “pandemia” que se caracterizou para além de uma doença de alto contágio.

5.4 O verbete “hospital de campanha”: o valor da união

Durante o período pandêmico, palavras que não eram tão utilizadas foram de seu meio específico começaram a aparecer no dia a dia dos telejornais, sites, e até mesmo nas conversas feitas através das redes, já que o distanciamento social estava em vigor e era recomendado. Entre essas muitas palavras, temos “hospital de campanha”, que não foi encontrada nos dicionários que trabalhamos até então, **Caldas Aulete**, **Houaiss** e **Aurélio**. Para dar andamento a análise, se fez necessário buscar essa palavra em dicionários on-line, que estão disponíveis em pesquisas do google. Todavia, o verbete “hospital de campanha” foi encontrado somente em um dicionário online, no *infopédia – dicionários Porto Editora*. Por isso, antes de prosseguir com a análise, faremos uma explanação sobre os dicionários online, para que seja possível entender suas características e funcionamento. De

acordo com Freitas (2020, p. 115), o *Infopédia* é um dos “Dicionários constituídos a partir da migração do papel para o digital, com manutenção da nomenclatura usada em papel”:

O efeito produzido nesses dicionários é o de transposição, como se o mesmo conteúdo disponível em papel pudesse agora ser acessado online. Esses dicionários herdaram assim uma memória dos dicionários de quem recebem os nomes, compartilhando seu efeito de autoridade e legitimidade. (FREITAS, 2020, o. 115)

O *Infopédia* se organiza de forma muito semelhante à sua versão em papel, não sendo um dicionário colaborativo, ou criado no meio digital, mas sim transposto para web. Freitas (2020) nos ensina que a migração desse dicionário para a web produz também uma alteração no funcionamento desse instrumento linguístico, uma vez que não há prefácio no *infopédia*, diferentemente de outros dicionários que também passaram do papel para a internet como **Aulete** e **Michaelis**. Os dicionários em mídia física também se diferenciam em seus efeitos de sentido em relação aos dicionários digitais:

Nos dicionários digital e online identificamos a propriedade de que o meio pelo qual se acessa um verbete produz efeitos de sentido distintos. Os dicionários online, portanto, conjugam com as condições de produção do sujeito tecnológico (que traz para o gesto de leitura no online toda a historicidade própria do digital e do online) a própria forma de acesso; que não permite o desfolhar de outras páginas, num trajeto de leitura que exigiria o conhecimento do método alfabético de localização, de modo que não se leva o leitor à existência do registro de outras palavras. (FREITAS, 2020, p. 96)

De acordo com Freitas (2020), a consulta a um dicionário online se distancia da consulta a uma versão física, alterando o “trajeto de leitura”. Ao procurar por uma palavra específica, somente o verbete correspondente à busca é exibido em nossa tela, junto aos possíveis sinônimos e antônimos. Contudo, ao contrário de um dicionário convencional, não é possível interromper a busca. Um exemplo é observado ao buscar o verbete “hospital de campanha” no *Infopédia*, onde o resultado inicial foi primeiramente o verbete “campanha”. Somente ao explorar esse verbete é que encontramos a definição desejada, localizada ao final da descrição. A

seguir o verbete retirado do *Infopédia*²³, nosso RD24:

Hospital de campanha unidade hospitalar provisória instalada temporariamente junto a zona de conflito ou em situação de exceção (catástrofe, ataque terrorista, etc.)

Fonte: *Infopédia.pt – dicionários Porto Editora*.

O verbete “hospital de campanha” é apresentado ao final da definição de “campanha”, “como unidade hospitalar provisória” sendo associado a situações específicas como “catástrofe” e “ataque terrorista”, além de outras, não especificadas, que indicam para uma abertura de sentidos que remetem a algum tipo de emergência. De acordo com o *Infopédia*, a palavra “campanha” tem origem do latim “campania” que significa “campo” ou “campo de batalha”, nos guiando a pensar que “hospital de campanha” também pode ser um local provisório que recebe feridos de guerras, batalhas, ou conflitos.

Então, “hospital de campanha” é definido no dicionário online como uma unidade provisória que atua em zonas de conflito, seja causado por ações humanas ou por desastres naturais, em caso de catástrofe. Prosseguimos para o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**, nosso RD25:

Hospital de campanha é uma estrutura temporária extraordinária, construída para acolher e encaminhar o excesso de pacientes contaminados pelo novo [coronavírus](#), com o intuito de evitar o [colapso](#) no sistema de saúde do país. **Exemplo:** “A OMS (Organização Mundial da Saúde) demonstrou sua preocupação com o colapso dos sistemas de saúde ao redor do mundo em função da pandemia de covid-19 e sugeriu que os países invistam em estruturas temporárias, como hospitais e clínicas, para dar conta da demanda criada pelo novo coronavírus sem deixar de atender os casos regulares” ([R7](#)). Os hospitais de campanha funcionaram como instrumentos de enfrentamento da [pandemia](#). Contudo, com a diminuição dos casos de infecção, foram desativados – ainda no ano de 2020 – e, dessa forma, tornaram-se lugares provisórios de assistência à saúde. Inclusive, quando os primeiros fechamentos ocorreram, houve críticas à gestão governamental, tendo em

²³ Verbetes “campanha” na íntegra Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/campanha>> Acesso em: 2 de janeiro de 2024.

vista o receio de um novo colapso no sistema de saúde. **Exemplo:** “O que não dá para entender é que em abril do ano passado foram construídas estruturas provisórias para auxiliar no tratamento de pacientes com covid-19. Foi anunciado que esses hospitais de campanha seriam um dos principais instrumentos para enfrentar a pandemia. Mas, quando presenciamos um breve recuo da doença, no segundo semestre, esses hospitais foram desativados em grande parte do país” ([R7](#)). Nessa direção, o hospital de campanha consistiu em um espaço cedido para que fossem estabelecidas estruturas de atendimento e tratamento dos pacientes contaminados pelo novo coronavírus. Especificamente, no caso dos indígenas, que tiveram pouco – ou quase nenhum – acesso a esses locais, os hospitais de campanha foram montados como lugares provisórios dentro das aldeias, onde voluntários atuaram no tratamento dos doentes até que pudessem ser encaminhados para hospitais melhor equipados. **Exemplo:** “[...] esse momento representa muito para o meu povo Witoto e todos os 63 povos do Amazonas. Mas a vacina precisa chegar a todos, há uma precariedade em tudo para os povos indígenas, estamos agora fazendo um hospital de campanha com voluntários [...]” ([BBC](#)). O hospital de campanha, como uma unidade móvel de internação hospitalar – estruturada em tempo recorde –, visando ao atendimento emergencial, funcionou como a última opção a ser seguida pelos órgãos reguladores do Brasil durante o colapso no sistema de saúde. À vista disso, quando houve o pior momento da pandemia no país, em março de 2021, mesmo os hospitais de campanha, que tanto auxiliaram no atendimento dos pacientes contaminados pelo novo coronavírus, não seriam suficientes para atender à demanda dos casos graves de covid-19; nesse momento, eles se tornaram insuficientes enquanto lugares de assistência à saúde. **Exemplo:** “‘O grande problema são os leitos de terapia intensiva, que a gente não consegue abrir com hospital de campanha’, afirmou Croda. ‘Já tivemos essa experiência e o que vimos foi o superfaturamento desses hospitais sem uma efetiva resposta adequada em número de leitos de UTI’, detalhou” ([CNN](#)). Em função da desativação de todos os hospitais de campanha no país, ainda em 2020, após contribuírem no salvamento de vidas, por meio dos quais muitos doentes se tornaram [sobreviventes](#) da pandemia, esses lugares/instalações viraram

leitor ao usar “etc” ao fim dos exemplos citados, que foram “catástrofes” e “ataques terroristas”. Já em RD25 a definição começa estabelecendo que o hospital de campanha é essa estrutura construída com propósito de acolher pacientes do novo coronavírus, em uma tentativa de reter esse sentido, estabilizá-lo, de certa forma. Entendemos que as condições de produção afetaram diretamente a construção do verbete para que os sentidos produzidos fossem os que estamos analisando e não outros. Segundo Petri (2020):

Muito embora o discurso lexicógrafo mantenha uma suposta objetividade científica, é possível identificar no interior dos dicionários os sentidos possíveis em um dado período histórico e social, de dada comunidade. Já a realidade do discurso midiático é um pouco diferente, as características subjetivas se expandem e é possível identificar com mais facilidade as tomadas de posição do sujeito, que demarca de onde fala para quem fala. (PETRI, 2020, p. 42).

Ainda que não estejamos falando de “sujeito lexicógrafo” e sim sobre uma escrita compartilhada por pesquisadores que são estudiosos da língua, em certa medida é possível identificar esses “sentidos possíveis” em determinadas condições de produção, em nosso caso, condições de emergência sanitária, pandemia. As definições do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** foram construídas partindo do que circulava no discurso midiático, portando, entendemos que a posição-sujeito daqueles que construíram os verbetes está entrelaçada a posição-sujeito midiático. É o entrelaçamento da posição-sujeito dos autores do **Vocabulário** com a posição-sujeito midiático mediante as condições de produção que permite que os sentidos direcionados a “hospital de campanha” exclusivamente para tratamento da covid-19 circulem.

Na definição presente no **Vocabulário**, “hospital de campanha” é caracterizado como um “instrumento de enfrentamento” contra a pandemia, mesmo que alguns tenham sido fechados ainda durante as ondas de contaminação. Isso contrasta com o que temos em RD24, no qual há somente “unidade hospitalar provisória”, em RD25, alguns hospitais de campanha atuaram em um “espaço cedido”, com a ajuda de voluntários em regiões de difícil acesso, como áreas indígenas. No *Infopédia*, o verbete deixa implícito essas informações que podemos encontrar no **Vocabulário**. Ao consultar RD24 somente sabemos o que é o “hospital de campanha”, mas não temos acesso a mais informações como, seu

funcionamento ou os locais em que se instalam provisoriamente essas estruturas.

Outra informação apresentada no verbete “hospital de campanha” no **Vocabulário** sugere que o funcionamento dessas estruturas dependia da atuação de voluntários em lugares cedidos, podendo até mesmo em “unidades móveis”. Todavia, o curto período de funcionamento dessas unidades também é apresentado através pelos exemplos que estão no verbete. Assim, apesar da importância dos “hospitais de campanha” durante a pandemia, entendemos que a administração governamental não foi adequada.

Tendo em vista que no **Vocabulário** existem outros sentidos que são acrescentados a “hospital de campanha”, se destacam os movimentos polissêmicos no interior do verbete (RD25) em relação a RD24. As condições de produção tornaram possíveis os sentidos que estão postos no **Vocabulário**, que são outros em relação ao dicionário on-line. Percebemos em RD25 “a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico” (ORLANDI, 2015, p. 36) entre o mesmo e o diferente, ou seja, entre a paráfrase e a polissemia que torna possível compreender a relação que constitui os sujeitos e também a produção dos sentidos durante esse período pandêmico que está registrado no **Vocabulário**.

5.5 O verbete “resistência”: indo contra a maré.

Para prosseguir com nossa análise, o oitavo e último verbete a ser analisado é “resistência”. Essa palavra, assim como as demais que foram apresentadas na presente dissertação, foi resgatada no fio do discurso durante a pandemia, nos interessando investigar o processo da produção de sentidos que diz respeito a ela. Para isso, passaremos aos recortes que fizemos nos dicionários selecionados, nosso RD26, retirado do **Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa (1974)**:

Resistência s. f. Ação ou efeito de resistir. Qualidade de um corpo que resiste à ação de um outro tendendo a anulá-lo Força que anula os efeitos de uma ação destrutiva. Causa que se opõe ao movimento de um corpo Reação contra o agente de uma ação; obstáculo que uma coisa opõe a outra que atua sobre ela. Fig. Embaraço, dificuldade, oposição, recusa feita aos desígnios e vontades de outrem: Teve que vencer as resistências naturais criadas por um

encargo espinhoso (Garrett). A resistência de sua vontade fez esmorecer o ânimo (R. Da Silva.) Defesa própria do que luta contra elementos externos; luta sustentada contra uma ação enérgica de força armada, contra um ataque: Em Chaul onde em sangue e resistência o mar todo com fogo e ferro ferve. (Camões) A resistência foi enérgica a princípio; mas em breve os amotinados cederam e o amor entrou na cidade. (Herc.) (Fís) Força que se opõe ao movimento; inércia. (Fís) Diz-se da propriedade que possui o condutor de uma corrente voltada de diminuir a intensidade da corrente segundo a sua seção, natureza e temperatura. (Fís) Resistência dos fluidos, a propriedade que tem certas substâncias tais como o ar e a água, de retardar o movimento dos corpos que neles se acham imersos. (Fís) Resistência dos meios, reação que os fluidos exercem contra os móveis que os atravessam e pela qual se opõem ao seu movimento. || (Fís) Resistência dos sólidos, a propriedade que tem os corpos de suportar um esforço sem se partirem. MEC. Resistência passiva, a que tem origem na dependência das partes das máquinas e cujo o esforço tende a retardar o movimento sem resultado útil, produzindo o estrago das peças, separação de superfícies, etc. (A mais considerável é o atrito). (Política) Resistência sem qualquer ato de provocação ou revide. Res. Útil, aquela em que se pretende vencer um esforço e cujo o trabalho representa o efeito que se quer obter. Partido da resistência, partido político dos que temem seguir as vias do progresso e que opõem a inércia às tentativas das reformas. || F. Lat. Resistentia.

Fonte: Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete (1974)

Ao considerarmos o verbete “resistência” no dicionário **Caldas Aulete**, é possível perceber que a extensa definição privilegia os significados da palavra no âmbito da física, uma vez que a abreviação “fís” aparece cinco vezes ao longo da entrada dessa palavra no dicionário. As indicações no ramo da Física aparecem definindo “resistência” como “força que se opõe ao movimento”, “resistência dos fluídos”, “resistência dos meios” e “resistência dos materiais”. A predominância dos significados que se relacionam à área da física, também significa no interior do dicionário. Como vimos em análises anteriores de acordo com Petri (2020), esse trajeto proposto para a leitura do dicionário, bem como suas indicações específicas de uma área produzem efeitos de sentido.

O verbete “resistência” também se apresenta, de forma mais generalizada como “ação ou efeito de resistir”, ou como “contra-ataque”, uma “oposição”, que abre para a interpretação do leitor através dos exemplos literários que aparecem ao longo da definição. Outra sinalização que se faz presente na definição, quase ao final, é a “política” que apresenta resistência como “Resistência sem qualquer ato de provocação ou revide” e logo após como “Partido de resistência”. Esse último sendo colocado como “partido político dos que temem seguir as vias do progresso e que opõem a inércia às tentativas das reformas”, ou seja, a resistência como aqueles que se opõem ao progresso e as medidas do governo/Estado.

Orlandi (2007, p. 20) nos ensina que “o sentido não está alocado em lugar nenhum mas se produz nas relações”, e o efeito de sentidos causado pela definição específica de “Partido da resistência” é colocar quem está em seu interior como aqueles que “temem seguir as vias do progresso”, ou seja, seriam/estariam em oposição ao Estado. A palavra “temer” utilizada na definição nos permite interpretar que a “resistência” seria oposta também ao progresso, colocando-a contra algo que está até mesmo em nossa bandeira nacional. De acordo com Nunes (2010):

Um primeiro ponto a ser considerado é que a leitura do dicionário e os sentidos que ela produz dependem da história do leitor na sua relação com o texto e com a história dos sentidos das palavras (ou seja, em termos conceituais, com o interdiscurso). Não há uma leitura única do dicionário, assim como não há sentidos das palavras fixados eternamente. Os sentidos sempre podem ser outros e assim também as leituras. Ao mesmo tempo, a leitura, quando se trata da perspectiva discursiva, não pode ser qualquer uma, visto que a história dos sentidos tem uma materialidade específica que deve ser considerada. (NUNES, 2010, p. 12)

Ou seja, uma vez que a leitura produz sentidos diferentes em cada leitor, considerando a história e sua relação com o texto (o interdiscurso), entendemos que um leitor brasileiro pode atribuir diferentes sentidos ao uso da palavra “progresso” no verbete “resistência”. Mas quando temos a palavra “temem” associada a progresso, identificamos um tom negativo devido ao uso desse termo, assim colocando o significado de “resistência” como algo que não se apresenta de forma positiva.

Os sentidos no interior do verbete “resistência” se apresentam da generalização para a especificidade, todavia, os sentidos que se destacam e que devemos guardar para nossa análise são: “ato ou efeito de resistir, força que se opõe ao movimento”, “resistência sem qualquer ato de provocação ou revide” e “partido político dos que temem seguir as vias do progresso”.

Nosso próximo recorte é o verbete “resistência” retirado do **Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa** (1999), nosso RD27:

Resistência [do latim *resistentia*] s. f. 1. Ato ou efeito de resistir. 2. Força que se opõe a outra, que não cede a outra: Quis abrir a porta, mas encontrou resistência. 3. Força que defende um organismo do desgaste de doença, cansaço, fome, etc; A resistência de um atleta aumenta como tempo. 4. Aquilo que se opõe ao deslocamento de um corpo que se move: os pássaros voando vencem a resistência do ar. 5. Luta em defesa, defesa. 6. Constr. Eng. Qualidade que tem os materiais de suportar a aplicação de esforços internos sem cederem ou romperem. 7. Eletr. Propriedade que tem toda a substância (exceto os supercondutores de se opor a passagem de corrente elétrica, e que é medida, em um corpo determinado, pelo quociente de tensão aplicada às suas extremidades pela corrente elétrica que atravessa o corpo. 8. Eletr. Impr. Resistor. 9. Fig. Oposição ou reação à uma força opressora. 10. Fig. Embaraço, estorvo, obstáculo, empecilho. 11. Fig. Vigor moral, ânimo. 12. Fís. Força que se opõe ao movimento de um sistema. 13. Microbiol. Capacidade natural que tem um indivíduo normal de não ser lesado por agentes nocivos. 14. Psican. Obstáculo ao retorno ao nível de consciência de material reprimido. 15. Teatr. Gradual apagamento ou acendimento da iluminação dos cenários ou plateia dos teatros, em casas noturnas, cinemas, etc. 16. Bras. Marc. Merc. O pessoal encarregado da movimentação da carga em terra, até o costado da embarcação mercante; capatazia. 17. Bras. Cap. Ant. Cocorinha.

Resistência a droga. Poder que demonstra microorganismo de não ser afetado por droga cujo os efeitos, entretanto, são letais para a maioria de outros da mesma espécie. **Resistência dos materiais.** Estudos das tensões e das deformações que se desenvolvem nos sólidos, resultantes de forças exteriores a eles aplicadas.

Fonte: **Dicionário Novo Aurélio do Século XXI.**

No **Dicionário Aurélio**, a primeira definição apresentada para “resistência” é a mesma que temos em RD26 “ato ou efeito de resistir”, nos indicando um efeito de estabilização desse sentido, mesmo que de forma generalizada. Em RD27, também podemos perceber que várias abreviaturas remetem a áreas específicas, mas dessa

vez, não somente à área da física como vimos em RD26, abrangendo a elétrica, engenharia, psicanálise, teatro e microbiologia.

Algumas definições atribuídas a resistência em RD27 não são mencionadas em RD26, como: “Força que defende um organismo do desgaste de doença, cansaço, fome, etc”, “defesa”, “oposição ou reação a uma força opressora”, e “resistência a droga”. O acréscimo dessas definições ao verbete “resistência” nos inspira a pensar na incompletude dos sentidos, de acordo com Orlandi (2007):

Quanto à completude, já tivemos ocasião de observar em diversas ocasiões que a incompletude é fundamental do dizer. É a incompletude que produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia. E é o silêncio que preside essa possibilidade. A linguagem empurra o que ela não é para o “nada”. Mas o silêncio significa esse “nada” se multiplicando em sentidos: quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam. (ORLANDI, 2007, p. 47)

A incompletude que encontramos em RD26, é o que possibilita que outros sentidos apareçam em RD27, que ainda continua incompleto ao termos em vista que os sentidos não se esgotam, podem ser e serão outros. Concordamos com Orlandi (2007), o silêncio multiplica os sentidos, é necessário que haja a falta, para que outros sentidos possam surgir atestando o funcionamento da polissemia no interior do verbete. Tendo em vista o que encontramos na definição de “resistência” no dicionário **Aurélio**, avançamos para o mesmo verbete posto no **Dicionário Houaiss** (2009), nosso RD28:

Resistência s. f (sXV) 1. Ato ou efeito de resistir. 2. Propriedade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo. 3. O que se opõe ao movimento de um corpo (uma lancha que supera facilmente a r. da água). 4. Propriedade que apresentam alguns materiais de resistir a agentes mecânicos, físicos, químicos (r. a uma peça de corrosão) 5. Capacidade de suportar a fadiga, a fome, o esforço. 6. Recusa a se submeter-se à vontade de outrem; oposição, reação. 7. Fig. Aquilo que causa embaraço, que se opõe 8. ELETR. Quociente de uma diferença de potencial aplicada às extremidades de um condutor, pela intensidade da corrente que ela produz quando o condutor não é dotado de força eletromotriz. 9. ELETR. Impr. m.q. Resistor. 10. MAR B. Pessoal encarregado da movimentação de carga em terra, até o costado da

embarcação mercante. 11. MIL POL organização que, num país ocupado por forças militares estrangeiras, reúne civis e militares empenhados em combater o inimigo com ações de sabotagem, guerrilha e etc. 11.1 p. ext. MIL POL conjunto das formações que participam dessa ação. 12 PAT capacidade que possui um agente patogênico (vírus, bactéria) de se opor à ação de um medicamento. 13. PSICN recusa do paciente em tomar consciência das suas motivações inconscientes e/ou reconhecê-las como motivações próprias e escondidas da experiência vivida, e de sua conduta. **R. dos materiais** estudo do comportamento dos materiais quando sujeitos a determinadas forças.

Fonte: **Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa.**

Podemos notar, logo no início de RD28, que mais uma vez se repete a definição “Ato ou efeito de resistir”, repetição que também está posta em RD26 e RD27, com as mesmas palavras. Outra semelhança que está inserida em relação a RD27, é a definição de “resistência dos materiais”, bem como as definições associadas à física, à elétrica, à psicanálise, à patologia e à “militância política” que nos despertou interesse por suas definições.

A definição de resistência, com a indicação de militância política é “organização que, num país ocupado por forças militares estrangeiras, reúne civis e militares empenhados em combater o inimigo com ações de sabotagem, guerrilha e etc”. Em relação a RD26, em que temos resistência como “aqueles que temem seguir as vias do progresso”, essa definição nos apresenta outros sentidos, em que a resistência é vista como uma “organização” composta por civis e militares que agem contra forças militares estrangeiras. No **Dicionário Houaiss**, os sentidos estabelecidos não se apresentam de forma negativa, como vimos na definição de resistência posta no **Dicionário Caldas Aulete**, que faz uso da palavra “temer”.

Ainda em RD28, “resistência” também é definida (dentro da abreviação de “militância política”) como o “conjunto das formações que participam dessa ação”, conjuntos que compõe essa “organização” que é citada na definição anterior. Em oposição ao que temos em RD26, não há o uso de palavras que remetam a uma conotação negativa para resistência, ao colocar “resistência” como uma “organização”, outros sentidos são produzidos para essa palavra partindo dessa definição, sentidos que se opõe ao que encontramos no **Dicionário Caldas Aulete**.

Entendemos, de acordo com Orlandi (2007, p. 21) que “a materialidade

linguística é o lugar da manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos”, e quando observamos as definições para resistência, principalmente colocando-as em relação (RD26, RD27, RD28), é quando se materializa essa necessidade da ideologia para que os sentidos se constituam no interior de cada verbete. Para prosseguir com a análise, temos nosso RD29, retirado do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**:

Resistência é a forma com que as pessoas, na pandemia, enfrentam o novo coronavírus, evitando a contaminação. Como ato de resistir, implica no desenvolvimento de estratégias e posicionamentos para driblar o contágio. Exemplo: “A moradora de Macaé (RJ) Polyanna Linhares, de 28 anos, está acostumada a passar o Natal na casa da tia com mais ou menos vinte pessoas. Para o fim de 2020, no entanto, a família mudou a tradição. ‘Estamos agora há praticamente sete meses sem nos ver. São pessoas de quatro casas diferentes, que vão passar o Natal cada um na sua. Aqui em casa seremos eu, meu pai, minha mãe (que são idosos), minha irmã e meu sobrinho’. [...] Ela diz que a festa virtual não é o que gostaria de fazer, idealmente, mas foi a melhor opção encontrada para proteger a família” (BBC). Resistência é um modo de combate. Na pandemia, muitas pessoas têm lutado para combater e denunciar o avanço das notícias falsas (fakenews), sobretudo em relação à imunização. Exemplo: “Influenciados por mentiras sobre imunização, familiares lutam para convencer parentes a receber a primeira dose do imunizante. [...] Quando a mãe da pesquisadora Juliane Juski avisou no grupo de WhatsApp da família que não tomaria a vacina contra a covid-19, os filhos se assustaram. [...] Começamos a contra-argumentar para convencê-la’, conta Juliane, de 32 anos. ‘Minha mãe é muito esclarecida, mas a desinformação acaba interferindo na vida das pessoas” (R7). Resistência é uma palavra empregada no sentido de reação ao que está estabelecido, como um movimento contrário, uma forma de barreira. No Brasil, muitas pessoas, popularmente designadas como “antivacinas”, mantêm uma postura inversa ao que é estipulado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Dessa forma, a resistência também é compreendida como uma forma de violência. Exemplo 1: “Tem gente que acredita, veementemente, que a vacina, além de não imunizar contra as

doenças, ainda coloca a saúde em risco. [...] Especialistas afirmam que os apoiadores do movimento antivacina não se atentam para a ciência em si [...]” (UOL). Exemplo 2: “O diretor-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Antonio Barra Torres, afirmou nesta quinta-feira (16) que a ‘violência antivacina’ está em ‘viés crescente’ e que é preciso falar sobre o assunto antes que ‘ameaças se concretizem” (G1). Resistência é o rompimento de algumas barreiras que impedem/limitam as ações de promoção à saúde. É na/pela resistência que muitas equipes de saúde levam as vacinas contra a covid-19 para serem aplicadas em pessoas que residem em locais difíceis de serem acessados, como a zona rural. Exemplo: “No estado, dois em cada 10 moradores vivem fora das cidades. E em muitas localidades, o trajeto para levar a vacina a quem mais precisa se parece com uma prova de resistência. [...] Mesmo assim, desistir nem passa pela cabeça dessa equipes cheias de coragem [...]” (G1). Na pandemia, resistência passou a indicar também a capacidade de suportar a infecção pelo novo coronavírus e, com isso, a doença (covid-19) e os seus efeitos. Nesse caso, a resistência observada no organismo de alguns pacientes pode auxiliar na elaboração de outras formas de tratamento. Exemplo: “Coronavírus: como pacientes ‘resistentes’ podem ajudar na busca por tratamento para covid-19. Na esperança de encontrar o calcanhar de Aquiles do SARS-CoV-2, cientistas têm pesquisado o genoma daqueles que, mesmo expostos ao vírus, não chegaram a adoecer ou ficaram assintomáticos” (G1). Resistência também produz sentidos de ineficácia. Com a infecção pelo novo coronavírus e as consequências da doença no corpo, houve o aumento de tratamentos por meio de antibióticos. Com isso, muitas bactérias desenvolveram a resistência como habilidade de tolerância, de maneira que muitos medicamentos tenham pouca eficácia. Exemplo: “Uso desenfreado de antibióticos na pandemia pode levar a ‘apagão’ contra bactérias resistentes. [...] Pesquisadores e médicos atentos ao problema da resistência de bactérias e fungos acreditam que o uso desenfreado de antibióticos no tratamento de covid-19 tornará ainda mais drástico o cenário atual, em que já há falta de antibióticos capazes de combater certas doenças e micro-organismos – que, por vários fatores, têm se mostrado fortes e hábeis em driblar esses medicamentos” (G1). Resistência

indica mobilização. Com o tempo, o novo coronavírus pode apresentar mutações. Dessa forma, com outras cepas surgindo, há maior potencial de resistência às vacinas. Em razão disso, quando identificadas, essas mutações, que começam a se espalhar pelo mundo, como a recente expansão da ômicron (em dezembro de 2021), são necessárias pesquisas e mobilizações científicas para que sejam pensados os meios de combate à variante. Exemplo: “Ômicron, o que se sabe sobre a nova variante do coronavírus. [...] Até o momento, não se sabe se a ômicron apresenta resistência à vacinação – que é bastante baixa nos países do sul africano, onde foi identificada. A OMS reforça que as vacinas continuam sendo fundamentais para a redução de doenças graves e mortes, inclusive contra a delta (a variante mais transmissível até agora)” (G1). Resistência significa, ainda, protesto, denúncia e necessidade de reinvenção. Devido às implicações do ensino a distância, do ensino remoto e do sucateamento da educação pública, tanto os professores quanto os alunos precisaram desenvolver novos métodos de ensino e aprendizagem durante a pandemia. No entanto, em muitos dos casos, isso foi ineficiente, causando insatisfações dos alunos. Exemplo: “Coronavírus: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para ‘aprender de verdade’ em 2021. [...] ‘Não aprendi uma gota de matéria em 5 meses. Em 4 meses, não vou conseguir recuperar. Não é suficiente para aprender a matéria toda de um ano. O Enem que vou fazer em janeiro vai ser por teste de resistência, porque eu não tenho condições de fazer. Não é que vou tomar bomba, eu só vou realmente fazer meu terceiro ano, ano que vem. Aprender de verdade para ter condições de fazer um Enem decente, digno” (BBC).

Fonte: **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**

Figura 11 – Nuvem de palavras, retirada do site do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.



Fonte: Site do Vocabulário da pandemia do novocoronavírus.

A primeira definição que temos para “resistência” no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** é “forma com que as pessoas, na pandemia, enfrentam o novo coronavírus, evitando a contaminação”. Essa definição não consta nos recortes que fizemos em dicionários, uma vez que os sentidos que estão ali postos remetem, em sua maioria, a resistência na área física e a resistência como militância política. Durante a pandemia, resistir se tornou uma forma de enfrentamento que não necessariamente está ligada “a país ocupado por forças militares estrangeiras” (RD28) ou a “guerrilha e sabotagem” contra algo ou alguém. Resistir durante esse período pandêmico significa focar no “desenvolvimento de estratégias e posicionamentos para driblar o contágio”, com o intuito de proteger o maior número de pessoas possível.

Outra definição que temos no **Vocabulário** é “resistência é um modo de combate”, todavia, é um combate que ocorreu contra as *fakes news*, que espalhavam informações falsas sobre a covid-19, e dessa forma afetavam negativamente, aumentando a contaminação. Além disso, “resistência” também é colocada como “violência”, quando há rejeição da vacina para a covid-19, fruto do negacionismo que se espalhou através das notícias falsas, no exemplo dessa definição, temos até a expressão “violência anti-vacina”.

Encontramos no **Vocabulário** a definição de resistência relacionada aos profissionais e equipes que se dedicaram a auxiliar nas questões de saúde em localidades prejudicadas durante esse período “é na/pela resistência que muitas equipes de saúde levam as vacinas contra a covid-19 para serem aplicadas em pessoas que residem em locais difíceis de serem acessados, como a zona rural”. Essa definição se afasta das que encontramos nos recortes anteriores, colocando “resistência” como trabalho para auxiliar no combate a uma doença pandêmica. Em RD28, temos as definições de resistência como capacidade de um vírus de “se opor à ação de um medicamento”, mas em RD26 e RD27 não há nenhuma menção a resistência como combate a uma doença/pandemia.

“Resistência” também é definida como “ineficácia” no que se refere à resistência do novo coronavírus a antibióticos e outros medicamentos, e também “mobilização”, para identificar as variantes da covid-19 e, dessa forma, desenvolver tratamentos e modos de prevenção. A última definição relaciona-se a situação do ensino à distância durante a pandemia, que foi aplicado de forma precária devido às condições, colocando “resistência” como “protesto” e “reinvenção”.

Portanto, concordamos com Petri (2018, p. 49) “há uma relação de nunca acabar das palavras com elas mesmas, seja nos espaços de reprodução e repetição dos sentidos, seja pela potencialidade na produção e transformação dos sentidos”, é essa infinitude das palavras que permite que os sentidos que encontramos para “resistência” no **Vocabulário** se afastem do que está posto nos verbetes dicionarizados que analisamos na presente dissertação. Entendemos que esses sentidos outros se apresentam de forma extensa no vocabulário para a palavra “resistência”, tornando possível entender que o discurso é “o lugar do trabalho e da ideologia” (ORLANDI, 2015).

5.5.1 Os verbetes “hospital de campanha” e “resistência”: quando os marujos entram em combate

Os verbetes “hospital de campanha” e “resistência” sofreram alterações de sentidos durante o período pandêmico, nos apresentando essa tensão entre os movimentos de paráfrase e polissemia, entre o que está no dicionário (seja ele online ou físico) e o que encontramos no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. O verbete “hospital de campanha” foi encontrado somente no

dicionário online, o *Infopédia*, sem nenhuma correspondência nos dicionários físicos que selecionamos para nossa análise.

Enquanto temos no *Infopédia*, “hospital de campanha” como “unidade hospitalar provisória instalada temporariamente junto a zona de conflito ou em situação de exceção”, no **Vocabulário**, ele é definido como “é uma estrutura temporária extraordinária, construída para acolher e encaminhar o excesso de pacientes contaminados pelo novo coronavírus, com o intuito de evitar o colapso no sistema de saúde do país”. Os sentidos de hospital de campanha durante o período pandêmico se movimentaram ao acrescentar a essa “unidade provisória”, que ela pode estar em um espaço “cedido”, e funcionar como medida para enfrentar uma pandemia.

Por outro lado, temos o verbete “resistência” que também é posto no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** como uma forma de enfrentar a pandemia, como uma forma de combate ao vírus. Nos dicionários físicos que foram consultados, a “resistência” apresenta sentidos de enfrentamento, “resistência política”, mas não há menção de resistência como modo de combater alguma doença. Resistir também está posto como “mobilização” no sentido de reunir esforços, que podem ser das equipes de saúde, que alcançaram zonas rurais, ou os “hospitais de campanha” que se instalaram em terras indígenas. Como analistas de discurso, nos interessa estudar esses processos de produção dos sentidos, de acordo com Orlandi (2022):

A Análise de Discurso ocupa assim esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão. (...) Assim como os sentidos são uma questão aberta (não temos acesso ao sentido como tal, e, além disso, ele não se fecha, pois, nesta filiação teórica não há sentido em si) do mesmo modo, penso, a interpretação não se fecha. (ORLANDI, 2022, p. 25)

A interpretação e a análise que construímos podem ser redefinidas devido ao movimento dos sentidos, uma vez que não há sentido em si; eles sempre serão uma questão aberta e podem ser interpretados de diferentes maneiras, assim como os sentidos que podem sempre ser outros. O entrelaçamento entre “hospital de campanha” e “resistência” é: ambos os verbetes produziram outros sentidos durante

a pandemia, como uma forma de enfrentar através do cuidado, da prevenção. Os hospitais de campanha auxiliaram o combate à covid-19 e isso também é considerado resistência, como um dos modos de dar continuidade a esse enfrentamento: a mobilização.

CAPITULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que acontece quando a tempestade cessa: o navegar íngreme entre as ondas do sentido.

O drama acabou. Por que então alguém se apresenta? Porque alguém sobreviveu ao naufrágio. (MELVILLE, 2022, p. 702)

A pandemia teve seu fim em maio de 2023, mas suas consequências, seus efeitos, jamais serão esquecidos. Nós “sobrevivemos” ao naufrágio que foi o período pandêmico, tanto outros não tiveram a mesma oportunidade, mais precisamente, 708.739 brasileiros não sobreviveram a esse naufrágio que foi a contaminação no Brasil. Apesar do “fim” não podemos afirmar que tudo voltou ao normal como foi um dia, a pandemia ainda ressoa nas famílias que perderam entes queridos, entre os pesquisadores, entre todos os brasileiros que ousaram resistir durante os últimos três anos.

Ainda no primeiro capítulo da presente dissertação, apresentamos um panorama histórico das pandemias e epidemias que foram significativas para a História a nível mundial, com o objetivo de entender como esses períodos acontecem há muito tempo, não são uma novidade. Todavia, quando pensamos em uma pandemia de grande porte, o imaginário pode nos levar a eventos mais distantes, como a peste negra, por exemplo. É preciso compreender que a pandemia do novo coronavírus também foi tão grave quanto as pandemias/epidemias que conhecemos no passado. Escrever sobre pandemia, e ter vivido esse momento nos coloca diante do presente que nos amedrontou, mas não nos impediu de pesquisar sobre, de entender o que vivíamos.

O PALLIND, ao construir o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** teve o objetivo de, nas palavras de Petri (2022):

É no seio desse grupo e com o objetivo de produzir divulgação científica que ganha forma o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, produzindo movimentos de sentidos entre a produção do saber científico e possibilidade de divulgação para a sociedade. É a área da Linguística – mais especificamente a Análise de Discurso –, tomando posição, ocupando mais um lugar de fala para “dizer” na, da e sobre a pandemia. Esse trabalho só é possível porque está instalado no interior do Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, língua, discurso, fundado em 2018.

O grupo de estudos PALLIND trabalhou arduamente durante a pandemia com o objetivo de construir o **Vocabulário** temático e, dessa forma, proporcionar acesso à informação de qualidade, produzida no âmbito acadêmico para ultrapassar os muros da universidade. Essa organização dos pesquisadores no interior do grupo de estudos possibilitou que tantos sentidos fossem registrados para informar, para gerar produção científica, outros estudos que ecoam dos verbetes que lá estão postos. A construção do **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** exigiu esforço não só intelectual, mas emocional dos 26 pesquisadores envolvidos, que viviam a pandemia e buscavam na construção dos verbetes compartilhar o que estava acontecendo. O **Vocabulário** é resultado de um trabalho em equipe, que mostra a força das universidades federais e de seus pesquisadores, é a materialização de um esforço realizado em momento tão delicado, que cumpriu e seguirá cumprindo sua missão de alcançar as escolas e as comunidades, através do site e das redes sociais.

A relevância do **Vocabulário** nos estimulou a pesquisar por meio da Análise de Discurso, pares de verbetes de modo a analisar a produção e os efeitos de sentido, para evidenciar como esses sentidos sofreram alterações (ruptura ou continuidade) durante esse período de emergência sanitária. A escolha dos pares de palavras se deu pelo critério de conveniência, como afirmamos na elaboração de nosso dispositivo teórico-analítico, com o objetivo de analisar se as palavras que compõem o par se entrelaçam em seus sentidos, seja através de uma outra palavra em comum, ou de um sentido que se aproxima de outro semelhante.

O primeiro par de palavras, de um total de quatro pares, é “desigualdade” e “medo”. Ao analisarmos como esses verbetes estão postos nos dicionários em relação ao **Vocabulário**, encontramos algumas rupturas de sentido, alguns afastamentos. Como, por exemplo, a “desigualdade” sendo causada pela falta de acesso à educação, que está posta no **Vocabulário**, mas não é mencionada nos dicionários selecionados. O verbe “medo”, nos dicionários, se liga ao sentidos de algo “sobrenatural”, ao passo que no **Vocabulário**, o “medo” tem sentido de “medo da crise”, que afetaria também a educação. O movimento dos sentidos de “desigualdade” e “medo” no interior do **Vocabulário** se conectam a outra palavra que é comum à ambas definições, que é “educação”.

O segundo par de palavras é “perspectiva” e “narrativa”. Nos dicionários, a palavra “perspectiva” é posta como algo que se espera do futuro, em termos

generalizados, e no **Vocabulário**, a mesma palavra apresenta o definição de “perspectiva de vida”, indicando a redução dos anos de vida de uma determinada parcela de homens e mulheres. Já “narrativa”, é um verbete que em sua maioria, é apresentada nos dicionários relacionada à narrativa literária, ao passo que no **Vocabulário**, assume a definição de narrativa política, que é utilizada para a propagação de *fake news*. As palavras “perspectiva” e “narrativa” não se interligam por uma só palavra, como vimos no par de palavras anterior, mas através dos pontos de deriva do sentido, que nos ensina Pêcheux (2015).

O terceiro par de palavras é “genocídio” e “pandemia”. A palavra “genocídio” nos dicionários tem a definição de “crime contra a humanidade” e “extermínio deliberado de uma comunidade”, todavia, no **Vocabulário** encontramos essas definições associadas à “uma palavra utilizada para representar a consequência da falta de planejamento do governo nas estratégias que visam à vacinação massiva da população, no intuito de diminuir, concomitantemente, a contaminação, a internação e as mortes em função do novo coronavírus”. Nos dicionários, o genocídio surge como algo que acontece como consequência de uma guerra, ao passo que no **Vocabulário**, o mesmo verbete remete a falta de planejamento do governo para lidar com a contaminação de covid-19. Já a palavra “pandemia”, tem sentidos estabilizados nos dicionários, definindo o verbete como “doença amplamente difundida”. No **Vocabulário**, “pandemia” além de ser uma doença contagiosa de grande escala, a pandemia tem efeitos socio-econômicos também, suas consequências são postas na construção do verbete. Tanto genocídio quanto pandemia produziram outros sentidos durante esse período de emergência sanitária, atestando o efeito polissêmico nesses verbetes que se entrelaçam, uma vez que o genocídio ocorrido em nosso país se deu devido ao descaso com a pandemia. Sem pandemia, sem essas condições de produção, os sentidos ligados a genocídio não se relacionariam com a pandemia, com o descaso com o qual ela foi tratada no Brasil.

O último par de verbetes, é “hospital de campanha” e “resistência”. “Hospital de campanha”, no dicionário é “unidade hospitalar provisória instalada temporariamente junto a zona de conflito ou em situação de exceção”. Já no **Vocabulário**, o mesmo verbete “é uma estrutura temporária extraordinária, construída para acolher e encaminhar o excesso de pacientes contaminados pelo novo coronavírus”. No dicionário, não encontramos exemplos para essas “situações

de exceção”, no **Vocabulário**, o “hospital de campanha” pode ser móvel ou não, instalado geralmente em terrenos cedidos. A palavra resistência, nos dicionários é “enfrentamento” ou “militância política”, diferenciando-se do que temos no **Vocabulário**, em que resistência é mobilização, é enfrentar, combater uma doença. “Hospital de campanha” e “resistência” se relacionam ao produzirem sentidos de mobilização e de enfrentamento, uma vez que os hospitais de campanha também foram organizados por “mobilização”, que é uma forma de resistência.

Constatamos que os pares de palavras selecionados se entrelaçam, seus sentidos estão em contato, seja por meio de uma palavra, ou da definição estabelecida no **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. As condições de produção de emergência sanitária tornaram possíveis outros sentidos, que sinalizam para uma memória da pandemia. Segundo Petri (2008):

Assim, o dicionário, ao ser tomado como tecnologia a serviço da língua e como objeto discursivo da maior importância, passa a revelar outros efeitos de sentidos, extrapolando o uso comum que dele se faz e revelando a excelência de seu papel também na constituição/instituição de uma memória. (PETRI, 2008, p. 241)

Entendemos que o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** também é tomado a serviço da língua e como objeto discursivo, nos apresentando esses outros sentidos produzidos durante a pandemia, de forma a constituir uma memória das palavras que constroem esse instrumento linguístico. Os efeitos e a produção de sentidos circulantes durante a pandemia também são parte de uma memória que estará para sempre guardada, não somente nos verbetes apresentados nessa dissertação, mas em todos que compõem o **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**.

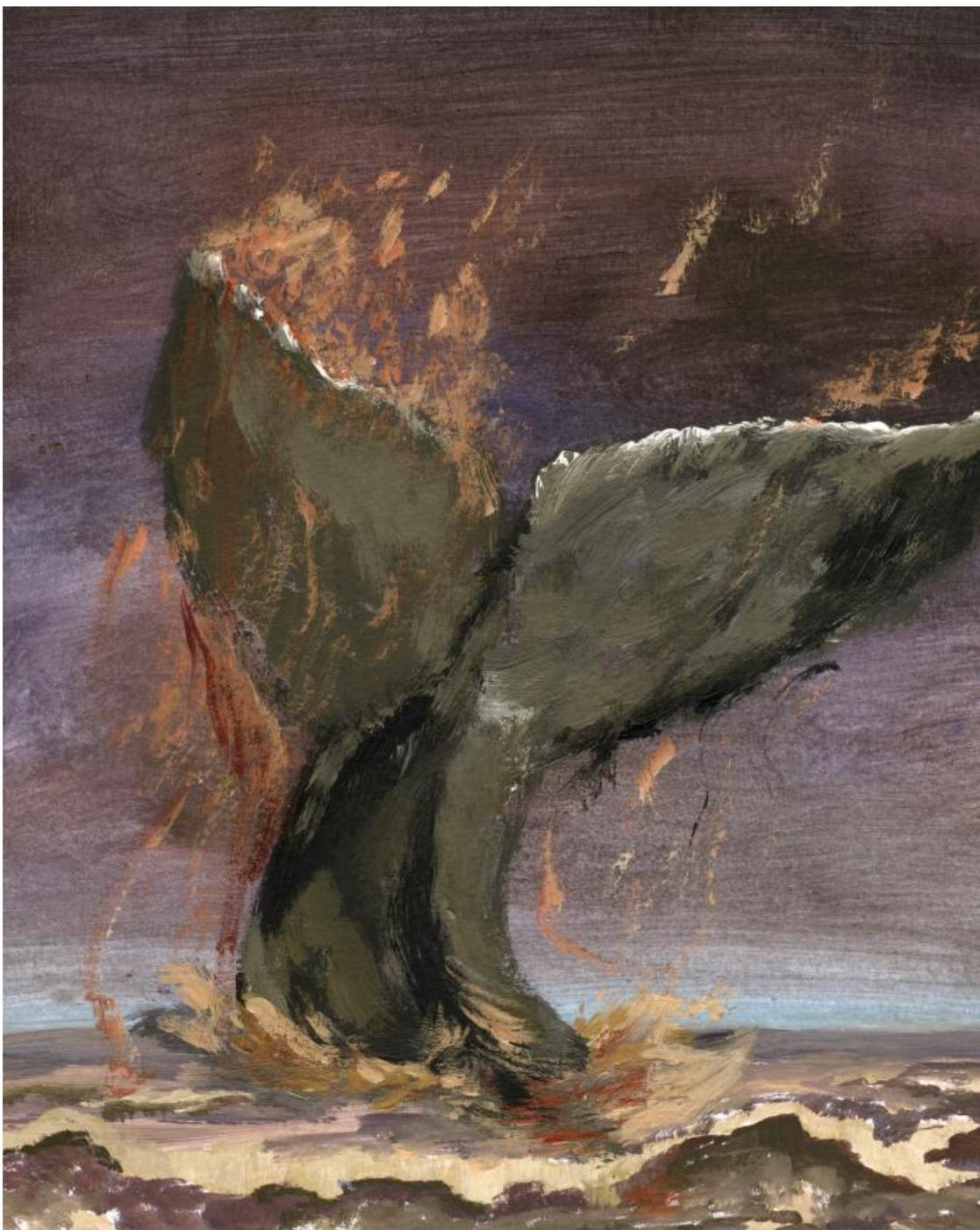
Refletimos sobre as palavras de Petri sobre o **Vocabulário** enquanto ele ainda estava em processo de produção:

O “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” não nos salvará e nem salvará nossos consulentes, mas nos faz caminhar e caminhar de mãos dadas e cabeça erguida, buscando por dias melhores, por mais compreensão do que estamos vivendo e para onde estamos indo. (PETRI, 2021, p. 37)

O **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus** não nos salvou, mas nos permitiu resistir em meio a tantos conflitos do dia a dia, permitiu que outras

pesquisas surgissem, permitiu que essa dissertação nascesse. Os efeitos de sentido apresentados nos verbetes que foram analisados nos permitiram entender como os processos de produção dos sentidos funcionam, como as condições de produção afetam diretamente os sentidos que estão em circulação, nesse constante movimento de tensão entre paráfrase e polissemia no interior do **Vocabulário**.

Navegamos pelos mares tempestuosos para compreender que os sentidos são como ondas, que se movimentam de acordo com as condições em que se encontram, algumas ondas são maiores devido ao seu movimento, outras, são menores. Assim como os sentidos, as rupturas, as continuidades podem ser maiores ou menores, são as ondas que nos permitem e permitirão continuar a navegar.



Fonte: arte de Leticia Lopes, Moby Dick de Herman Melville, Antofágica 2022.

Agora pequenas aves voavam gritando sobre o golfo ainda aberto; uma grande onda branca quebrou contra seus lados íngremes; depois tudo desmoronou, e a grande cobertura do mar voltou a se mover como se movera nos últimos cinco mil anos. (MELVILLE, 2022, p. 699).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: **Papel da memória**, Pierre Achard *et al.* Tradução e introdução de José Horta Nunes – Campinas, SP: Pontes, 1999. P. 11-17.

AUROUX, S. Lista de palavras, dicionários e enciclopedias: o que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos linguísticos. **Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas**, SP, v. 10, n. 20, p. 9–23, 2007. DOI: 10.20396/lil.v10i20.8659557. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8659557>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BECKER, R. L. Breve historia de las pandemias. **Psiquiatria.com**, v. 24, Chile, 2020, on-line. Disponível em: <http://psiqu.com/1-10157>. Acesso em: 15 maio 2022.

BIAZUS, Camila Baldicera. **Dicionário compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade**– 2015, 294 p. Orientadora: Verli Petri da Silveira. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de pós-graduação em letras.

CAMPOS, Ricardo Ribeiro. O genocídio e a sua punição pelos tribunais internacionais. In: **Revista Brasília** n. 178 abr/jun 2008. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/45/178/ril_v45_n178_p91.pdf

DIAS, Cristiane. Memórias do futuro da pandemia o tempo em suspenso. In: **Ditos e Não-Ditos: discursos da, na e sobre a pandemia** / Organizadores: Verli Petri et al, 1. ed.– Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.

FREITAS, Ronaldo Adriano de. **Instrumentação linguística em rede: análise discursiva de dicionários on-line**. 215 p. 2020. Orientador: Vanise Medeiros. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

LEMKIN, Raphael. **Axis rule in occupied Europe: laws of occupation, analysis of government, proposals for redress**. Washington: Carnegie Endowment for International Peace, 1944.

LOPES, Josiany Melo et al. Uso elevado de psicofármacos durante a pandemia da COVID-19: uma análise a partir de levantamentos epidemiológicos. In: **Research, Society and Development**, v. 11, n. 8,, 2022. ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i8.31180>

MADIGAN, M. T. et al. **Microbiologia de Brock**. 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do Discurso. (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes 2003.

MAZIÈRE, Francine. **Análise do Discurso: História e Práticas**. Trad. Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. Trad. Rogério W. Gallindo. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

NUNES, José Horta. **Dicionários: história, leitura e produção**. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. Volume 3 – Número 1/2 – Ano III – dez/2010, p. 6-21. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rl/article/view/1981>

NUNES, J. H. **Dicionário, silêncio e história. Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 25, n. esp, p. 27–41, 2022. DOI: 10.20396/lil.v25iesp.8671256. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671256>.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**. Campinas: Pontes; são Paulo: Fapesp; são José do Rio Preto: Faperp, 2006.

NUNES, José Horta. O discurso documental na História das Ideias Linguísticas e o caso dos dicionários. Alfa, São Paulo, n. 52, p. 81-100, 2008.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. Volume 3 – Número 1/2 – Ano III – dez/2010, p. 6-21. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rl/article/view/1981>

NUNES, José Horta. **Dicionário, silêncio e história. Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 25, n. esp, p. 27–41, 2022. DOI: 10.20396/lil.v25iesp.8671256. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671256>.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: Princípios & procedimentos**. 12.ed, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **RUA**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 9–20, 2015 (1998). DOI: 10.20396/rua.v4i1.8640626. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626> . Acesso em: Janeiro 2024.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 5ªed – Campinas, SP: Pontes editores, 2022.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia**. 3ªed. Campinas, SP: 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Segmentar ou recortar. **Série Estudos**. Nº 10. Faculdades Integradas de Uberaba (Linguística: Questões e Controvérsias). p. 9-26. 1984

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi – 7ª ed. Campinas, SP, Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à**

obra de Michel Pêcheux / Orgs: F. Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariane [et al] – 5º Ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio.** 5. ed, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2014b

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: **Papel da memória**, Pierre Achard et al. Tradução e introdução de José Horta Nunes – Campinas, SP: Pontes, 1999. P. 49-56.

PEREIRA, Marcus Vinícius de Souza. **Desinformação e genocídio: a atuação do Estado brasileiro na produção da desordem da informação na pandemia da Covid-19.** In: IX SEMINÁRIO DE PESQUISA FESPSP – “Desafios da pandemia: agendas para as Ciências Sociais Aplicadas”, 2020. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Manuais/FESPSP%20GT%205%20-%20Marcus%20Vinicius%20de%20Souza%20Pereira.pdf

PETRI, V., & VENTURINI, M. C. “Yo soy el presidente”: los dichos, los no dichos y redichos en la política estatal brasileña en tiempos de Pandemia. Signo Y seña, (38). 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34096/sys.n38.8522>

PETRI, Verli *et al.* **Dicionários em análise: Palavra, Língua e Discurso.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PETRI, Verli. “Algumas reflexões sobre o “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus”: projeto em curso e discurso. In: **Ditos e Não-Ditos: discursos da, na e sobre a pandemia** / Organizadores: Verli Petri et al, 1. ed.– Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.

PETRI, Verli. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do gaúcho. **Rev. Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 227–243, jul./dez. 2008.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio as análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de discurso. IN: PETRI, VERLI; DIAS, Cristiane (Org.). **Análise de Discurso em Perspectiva: Teoria, método e análise.** Santa Maria, Ed. Da UFSM, 2013.

PETRI, Verli. **Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos.** 1ed. Santa Maria: PPGL editores, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível; estética e política** / Tradução de Mônica Costa Neto – São Paulo : EXO Experimental, ed. 34, 2005.

RIBEIRO, Gabriela Gonçalves; PETRI, Verli. “Projeto vivências: produzindo sentidos na escola Paulo Freire”: Uma análise discursiva de verbetes que deram voz aos estudantes em processo de formação. **Revista Interfaces**. V. 14. N. 01 (2023), p. 15-25, 2022. DOI 10.5935/2179-0027.20230002. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7463. Acesso em 29 de julho de 2023.

RUFATTO, Luiz. **Uma baleia do tamanho do mundo**. In: MELVILLE, Herman. Moby Dick. Trad. Rogério W. Gallindo. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022. p. 15-18.

SIVERIS, Daiane. **Língua, sujeito e história: implicações da noção de função-autor na produção dicionarística Caldas Aulete**. 131 p. 2012 - Orientador: Verli Petri da Silveira. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de pós-graduação em letras.

SOUZA, Patricia Rodrigues Rezende de; ESTEVES, Gabriella Barreto; ANDRADE, Ígor de Figueiredo; ALIAGA, Laura Isabel Torres; MARTINS, Lucas Henrique Silva; LEONCIO, Matheus Augusto Pereira; SILVA, Thamyres Rosa Carolino da. **Pandemias pelo mundo**. In: Analecta, v.1, n. 8, 2022.

DICIONÁRIOS CONSULTADOS

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3ªed. Editora Delta, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio do século XXI**. – 3ª edição, ampliada e revista – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.